

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

REGINALDO SILVA MARIANO

**A imprensa e os aspectos gerados pelo progresso na
cidade de Uberlândia (1982-2010)**

Uberlândia

2011

REGINALDO SILVA MARIANO

A imprensa e os aspectos gerados pelo progresso na cidade de Uberlândia (1982-2010)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção dos títulos de Bacharelado e Licenciatura em História, sob a orientação da Prof^a. Dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa.

Uberlândia

2011

Reginaldo Silva Mariano. (1973)

A imprensa e os aspectos gerados pelo progresso na cidade de Uberlândia (1982-2010).

104 fls.

Orientadora: Marta Emísia Jacinto Barbosa

Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia,
Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras – Chave: História – Cidade – Imprensa.

REGINALDO SILVA MARIANO

**A imprensa e os aspectos gerados pelo progresso na
cidade de Uberlândia (1982-2010)**

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Marta Emísia Jacinto Barbosa

Prof^a. Dr^a. Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Prof^a. Karine Marins Amaral Cruz

*Ao meu falecido pai José Josias Mariano, pois
acredito que ele ficaria muito feliz e orgulhoso
pela vitória conquistada por seu filho.
Aos amores da minha vida: minha mãe Leda,
esposa Andréa e filhas Pâmela e Joice.
A todos aqueles que acreditaram em mim.*

Agradecimentos

Respeitando as minhas crenças religiosas, agradeço primeiro a Deus por me dar estruturas psicológicas e intelectuais para concluir este trabalho historiográfico, pois enfrentamos muitas dificuldades para realizar esta produção no campo da História.

Agradeço minha família mãe, esposa, filhos e irmãos por compreenderem minhas ausências dedicando meu tempo de convivência familiar para realizar esta produção historiográfica.

Quero agradecer de coração minha orientadora Dr^a Marta Emisia Jacinto Barbosa, primeiro por aceitar a orientar-me diante de tantos afazeres. Também porque durante a realização deste trabalho foi mais que uma orientadora, foi uma incentivadora, estimulando-me a prosseguir, aprimorar minhas reflexões e acreditar no meu potencial. A ela meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a Marlene de Fátima Silva, nossa “Marleninha” do Arquivo Municipal, por ter nos atendido sempre com paciência, carinho e dedicação.

Também agradeço minha colega do curso de História, Letícia Siabra por ter me orientado e ajudado na difícil tarefa de formatação deste trabalho no campo da História. A todos esses amigos meus mais sinceros agradecimentos.

Obrigado por fazerem parte da minha vida!

Resumo

Este trabalho historiográfico procura apresentar os impactos gerados pelo progresso na cidade de Uberlândia por meio das notícias publicadas pelo Jornal Correio de Uberlândia entre 1982 e 2010. Ele busca mostrar a imprensa ser utilizada como um importante instrumento de dominação e as relações existentes entre imprensa e poder.

A monografia procura investigar o progresso como parte das ações das classes dirigentes para que Uberlândia se torne uma metrópole moderna à frente de seu tempo. Neste caso o “progresso” sempre traria o “moderno”, o “novo” e o melhor para o município. Contudo esta produção historiográfica irá apresentar o progresso por duas vias, uma pelo lado positivo atendendo as classes dominantes e a outra pelo lado negativo mostrando o progresso a afetar e a prejudicar diretamente a forma de viver da população uberlandense.

Acompanhando o Jornal Correio de Uberlândia procuro mostrar as classes dirigentes da cidade numa luta incessante, em busca do desenvolvimento e do progresso do município. Persegui os noticiários no sentido de expor o interesse dos governantes da cidade na utilização de legislações ambientais para modernizar e desenvolver a cidade. Este texto busca mostrar as conseqüências geradas pelo progresso na cidade de Uberlândia discutindo questões sociais tratando da moradia, favela, indigência e mendicância no município.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação de valor e local das obras em rodovias inauguradas no início de 2009, presente no Jornal Correio. Ver: CALIL, Lygia. Primeira etapa de obras é inaugurada. *Jornal Correio de Uberlândia* 14/02/2009, p. B4.

Sumário

Considerações Iniciais.....	09
------------------------------------	-----------

Capítulo I

Uma cidade rumo ao Progresso

1.1- História do Jornal <i>Correio de Uberlândia</i>	13
1.2- A busca pelo progresso.....	16
1.3- Cidade, progresso e a preservação Ambiental.....	45

Capítulo II

As conseqüências geradas pela busca do progresso

2.1- O progresso faz a cidade ser contra o modo de vida rural.....	61
2.2- O progresso e suas conseqüências.....	70

Considerações Finais.....	97
----------------------------------	-----------

Fontes.....	101
--------------------	------------

Bibliografia.....	102
--------------------------	------------

Considerações Iniciais

Sei que existem diversos trabalhos historiográficos que trabalham com o progresso da cidade de Uberlândia, idealizado pelas classes dirigentes da sociedade uberlandense, tentando tornar o município uma grande metrópole nacional, cada qual com sua linha de estudo. Esta monografia também visa discutir o progresso na cidade. Mas com a intenção de mostrar alguns impactos gerados pelo progresso na vida da população. Em nosso trabalho no campo da história nos utilizamos de algumas produções historiográficas que mostram as mudanças geradas nas vidas das pessoas pelo progresso. No entanto, cada produção tem aspectos, objetivos e abordagens distintas, cada qual com seu foco de estudo. Então, trabalhei com estes textos historiográficos para mostrar alguns impactos gerados pelo progresso na vida da população. Procurei, assim, mostrar o progresso, afetando diretamente o cotidiano vivido pela sociedade.

Esta produção historiográfica irá tratar da cidade de Uberlândia entre os anos de 1982 até o ano de 2010. Pois durante esse período aconteceram várias construções e grandes mudanças no município que, aos olhos das classes dirigentes, simbolizavam o progresso e a modernização da cidade. Iniciamos nosso trabalho com ano de 1982, porque neste ano ocorreram grandes transformações na cidade de Uberlândia rumo ao progresso. Durante este ano apareceu um projeto de urbanização da cidade retirando os “favelados” de regiões estratégicas da cidade. Neste mesmo ano também há a inauguração do estádio Parque do Sabiá. Também neste período ocorre a inauguração do Parque de Exposições Camaru. Diante disto, observo o ano de 1982 como um marco muito importante para nosso trabalho do campo da História. Os nossos estudos se estenderam até ao ano de 2010, porque neste período ocorreram inaugurações e construções de várias vias de acesso à cidade, duplicação de rodovias, construções de pontes e viadutos. Então mostraremos todas estas construções que tinham a intenção de levar o município rumo ao desenvolvimento e ao progresso, à frente de seu tempo como uma grande metrópole regional-nacional.

O trabalho no campo da história procura tornar evidente que o progresso idealizado pelas classes dominantes sempre foi mostrado como benfeitorias para a cidade de Uberlândia. Que o progresso sempre trouxe o moderno, o novo e o melhor para o município. Com este texto tentarei indicar que o progresso foi utilizado como discurso das classes

dirigentes para o município construir as bases rumo à modernidade. No discurso dos governantes da cidade, o progresso representa o arrojo e a pujança do povo Uberlandense.

Contudo, a monografia irá apresentar que estas obras causaram impactos na vida dos uberlandenses tanto positivos quanto negativos. Ela contribuirá para mostrar como o progresso atingiu o íntimo das pessoas e afetou diretamente o cotidiano vivido pela população local. Esta produção historiográfica apresenta o progresso por duas vias, uma pelo lado positivo atendendo às classes dominantes da cidade e a outra pelo lado negativo, mostrando como o progresso afetou e prejudicou a forma de viver das pessoas.

A monografia inicia apresentando um pouco da história do Jornal Correio de Uberlândia. Ela apresenta como o jornal surgiu, quem o fundou, quais são os nomes e os grupos que o dirigem, mostra alguns de seus vínculos com a política local. Esta produção tenta expor como são “pintadas” e veiculadas as notícias sobre o progresso da cidade na óptica do Jornal Correio. Ela também tem o intuito de mostrar como o jornal apresenta as questões sociais do município. Através deste texto historiográfico procurei indicar como a propaganda realizada pelo jornal serviu para veicular o ideal de progresso na cidade de Uberlândia. Este trabalho procura questionar qual o interesse da imprensa, através desse jornal, em realizar a propaganda de progresso da cidade no cenário regional e nacional. Esta produção no campo da História tenta trabalhar com a divulgação e a propaganda desenvolvidas pelo Jornal Correio de Uberlândia, apresentando a cidade como uma grande metrópole regional-nacional. Através deste texto historiográfico indico como a imprensa, através do jornal, procura tornar os governantes da cidade em grandes personalidades, chegando a apresentá-los “heróis” regionais, facilitando assim as práticas de dominação. Acredito que este trabalho possa mostrar como a imprensa tenta influenciar a memória da população local e também como a imprensa pode ser utilizada como instrumento de dominação pelas classes dominantes da sociedade uberlandense.

Busco apresentar a luta obstinada desenvolvida pelas classes dirigentes para mostrar a cidade sempre rumo ao progresso. Procuo revelar as práticas dos governantes na tentativa de tornar Uberlândia uma cidade à frente de seu tempo. A produção se esforça para mostrar as classes dirigentes de nosso município “embriagadas” pela idealização de progresso, procurando tornar a cidade numa grande metrópole nacional. Neste texto discutirei as práticas populares sendo questionadas pelos órgãos governamentais, mostrarei a intervenção municipal diretamente na vida da população, provocando modificações na forma de viver da sociedade através de formulações de leis que regulam o espaço urbano da cidade.

Entretanto, apresentarei os embates públicos envolvendo a população local que tenta viver e permanecer no espaço urbano com suas práticas cotidianas.

Neste trabalho no campo da História mostro o desenvolvimento da cidade sendo atingido com altos investimentos financeiros, mas poupando ações para intervenções sociais. Assim, visei questionar os investimentos em grandes construções, visando o progresso do município. Também procurei questionar porque os governantes da cidade não aplicam parcelas deste dinheiro em obras sociais para levar vida digna à população carente da cidade de Uberlândia como: escola, saúde, água, esgoto, energia elétrica, asfalto e transporte coletivo.

Com esta monografia busquei discutir um pouco a questão ambiental, mas almejando expor como os órgãos municipais criaram legislações ambientais para modernizar e desenvolver a cidade. Tentarei revelar que os governantes do município procuram tornar Uberlândia uma grande metrópole regional-nacional semelhante a São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. Nesta produção historiográfica realizei uma discussão em relação à legislação ambiental tratando das desocupações ocorridas na cidade tanto em áreas legais quanto em áreas ilegais. Também evidencio a legislação ambiental sendo utilizada para coibir as práticas rurais na cidade. As classes que estão no poder “olham” para os hábitos, práticas e viveres rurais como um entrave no desenvolvimento da cidade. Neste trabalho acredito revelar que os viveres rurais não são aceitos em nosso município, devido à idealização de progresso “pregada” ao longo do tempo pelas classes dirigentes de nossa cidade.

O trabalho historiográfico também almeja tratar das consequências geradas pelo progresso na cidade Uberlândia. Assim ele apresentará a idealização de progresso defendida pelas classes dominantes de nossa cidade associada à propaganda realizada pelo jornal e pelos governantes do município, mostrando Uberlândia como uma metrópole regional moderna, para atrair um grande número de migrantes de todas as regiões do Brasil ao município em busca de emprego e moradia. Assim, por meio desta produção historiográfica tentarei evidenciar que a cidade não agrega uma gama tão grande de migrantes. Desta forma, a propaganda e a idealização de progresso realizada pelo jornal e pelas elites dominantes vão dar surgimento às mazelas sociais mais combatidas pela sociedade uberlandense como: a ocupação de áreas ilegais, favelas, desemprego, crianças de ruas, indigência e mendicância.

O nosso texto, então, irá tratar um pouco da questão da moradia, das ocupações e invasões de áreas ilegais em busca de sobrevivência e moradia. Assim me esforçarei em

apresentar os conflitos gerados pelas lutas por moradia, os embates sociais ocasionados pelas favelas e a luta da população carente para ter moradias dignas, com saneamento básico e infra-estrutura.

No primeiro capítulo, “Uma cidade rumo ao progresso”, apresentarei um pouco da história do Jornal Correio de Uberlândia para compreendermos os vínculos do jornal na sociedade uberlandense. Apresentarei as classes dirigentes de nosso município buscando o progresso da cidade para torná-la uma grande metrópole regional. Depois tentarei apresentar as estratégias dos dirigentes municipais que utilizam as legislações ambientais do município para tornar Uberlândia uma cidade moderna, aos moldes das grandes metrópoles nacionais.

No segundo capítulo, “As consequências geradas pela busca do progresso”, evidenciarei que a idealização de progresso na cidade tem o intuito de fazer a população uberlandense não aceitar o meio de vida rural dentro dos limites urbanos da cidade. Depois, mostrarei as consequências geradas pelo desenvolvimento e progresso que tornaram Uberlândia uma cidade moderna. A primeira consequência é a atração de um grande número de migrantes em busca de novas oportunidades. A falta de estrutura do município ao receber a migração causará diversos problemas sociais.

Por meio da monografia acredito demonstrar o crescimento gigantesco da população devido à intensa migração causada pela propaganda da imprensa e dos governantes locais, divulgando a cidade como uma metrópole regional-nacional. Assim o aumento desenfreado da sociedade uberlandense irá gerar outras mazelas sociais combatidas pelos dirigentes da cidade, a indigência e a mendicância. Então creio que a produção historiográfica irá mostrar os órgãos e os dirigentes municipais realizarem um grande esforço para expulsarem os “imigrantes indesejados” dos limites territoriais do município. Enfim o desfecho do nosso trabalho no campo da História demonstra que a busca incessante pelo progresso desenvolvida pelas classes dominantes de nossa cidade não trouxe somente aspectos positivos para o município, mas também atraiu as mazelas sociais tão combatidas pela sociedade uberlandense e pelos poderes municipais ao longo do tempo.

CAPITULO I

Uma cidade rumo ao Progresso

1.1- História do Jornal Correio de Uberlândia

Nesta parte introduziremos um pequeno esboço da história do Jornal Correio de Uberlândia para entendermos de onde fala, para quem fala, também para entendermos qual o objetivo do discurso produzido pelo jornal.

O Jornal Correio de Uberlândia foi fundado em 1938 por Osório José Junqueira, um produtor rural de Ribeirão Preto. Após dois anos o Jornal foi vendido a um grupo cotista: João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia (fundador do grupo Algar), dentre outros. Neste período o jornal estava totalmente vinculado à política. Geralmente os jornais estão aliados à política, servem para divulgar os ideais de um determinado grupo. Esta situação favorece as práticas de dominação de um grupo sobre o outro. Em seu trabalho sobre a imprensa no Brasil, Nelson Werneck Sodré afirma que o surgimento de jornais em nosso país quase sempre estava ligado à política:

lento desenvolvimento, portanto, geralmente iniciado com jornais oficiais, oficiosos ou ligados aos governos provinciais. Jornais de vida efêmera, como regra, refletindo o interesse transitório de alguma autoridade, de algum intelectual, de algum grupo. A imprensa se desenvolve em estreita ligação com a atividade política; aparece antes e cresce mais depressa nos centros em que aquela atividade é mais intensa; demora e cresce lentamente nos outros, nas províncias que se mantêm politicamente atrasadas. Chega ao máximo em todas as áreas em que, daí por diante, as formas de luta política se apresentam mais variadas e avançadas.¹

Através das declarações de Sodré, percebemos que a vinculação dos jornais à política tem um propósito, servir às autoridades, aos intelectuais ou aos grupos sociais. No nosso caso o jornal vai servir às autoridades políticas do município e às elites dirigentes da cidade.

¹ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p.105.

O grupo Algar assumiu o jornal em 1986 por meio da Sabe, uma das empresas do grupo. Durante o período de 1991 a 1995 o jornal foi chamado “Correio do Triângulo”, atualmente possui o mesmo nome de seu surgimento “Correio de Uberlândia.”²

Uma entrevista com Luiz Alberto Garcia, filho de Alexandrino Garcia membro à frente do grupo Algar, nos mostra que o jornal inicialmente foi utilizado com cunho político:

Nos primórdios da década de 40, fim da de 30, havia duas facções políticas em Uberlândia, Coió e Cocão, que acabaram sendo o PSD e UDN. Um deles era o dono do Jornal “A Tribuna”. O outro grupo, a UDN, constituiu o CORREIO de Uberlândia. Um grupo de militantes da UDN se associou para compor o jornal, do qual Alexandrino era cotista. Havia José Zacharias Junqueira, Amador Naves, entre outros udenistas.³

Através das notícias veiculadas pelo Jornal Correio de Uberlândia, percebemos que o jornal sempre procurou justificar que as obras dos governantes municipais serviam ao progresso da cidade. Assim observamos este jornal era totalmente partidário, pois procurou, entre as décadas de 1980 e 2010, influenciar a opinião pública a apoiar as obras municipais que visavam ao desenvolvimento da cidade. Acreditamos que os dirigentes do jornal também compactuam em vender a imagem da cidade como uma grande metrópole regional rumo ao progresso, pois o jornal contribui para o suposto “progresso” da cidade. A chegada de grandes empresas e indústrias na cidade aumenta o número de clientes. Fizemos esta afirmação porque em uma entrevista realizada com um dos donos do jornal, o empresário declara que o jornal do correio sempre apóia o capitalismo, diante disto observamos o jornal objetivando o lucro e apoiando todo projeto que vise ao desenvolvimento da cidade.

Uma entrevista do Jornal Correio de Uberlândia, realizada com Luiz Alberto Garcia, membro do grupo Algar, revela o caráter comercial e capitalista do jornal, também mostra que atualmente o jornal é apartidário. Entretanto percebemos que o jornal é totalmente partidário porque defende os projetos políticos das elites e dos governantes do município que visam ao progresso da cidade.

Desde o desaparecimento da UDN, então, nós ficamos apartidários. O Grupo Algar é democrata, capitalista, apartidário. Nós somos democratas. Apoiamos

² MELO, Priscilla. 70 anos de Correio e 22 anos de grupo Algar. **Revistinha do Correio**, Uberlândia, p. 05, 24 fev. 2008.

³ COELHO, Carlos Guimarães. De geração para geração. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p. 08, 27 fev. 2008. (Edição Especial 70 anos)

todos os partidos democráticos. Defendemos o capitalismo não selvagem. O capitalismo com comprometimento, não o lucro a qualquer preço.⁴

Através da entrevista, realizada com um dos principais membros do grupo Algar, podemos observar que o jornal objetiva o lucro, como qualquer empresa, e pode lucrar com os projetos progressistas da cidade.

Questionamos o que foi dito nesta reportagem pelo dirigente e proprietário do jornal Correio de Uberlândia, pois a notícia transmitida pelo Jornal com Luiz Alberto Garcia mostra o jornal apartidário. Nós percebemos um Jornal totalmente partidário, pois o mesmo ao longo do tempo sempre procurou divulgar notícias que justificassem os gastos dos governos municipais com grandes obras que representem Uberlândia como uma metrópole nacional.

Observamos o Jornal Correio de Uberlândia como um meio de imprensa utilizado pelos grupos que estão no poder como instrumento de manutenção da ordem vigente. Isto porque este meio de comunicação, durante o período de 1980 a 2010, tentou justificar de todas as maneiras os gastos do governo em obras visando ao desenvolvimento da cidade, sem ao menos questionar o governo pelos baixos investimentos em obras sociais, como transporte público, moradia, iluminação elétrica, tratamento de água e esgoto, para as classes necessitadas de nosso município.

Assim, pensamos como Barbosa, “...há que se perceber também o papel da imprensa como instituição de controle social, servindo à própria estrutura de poder e agindo como veículo de manutenção da ordem vigente.”⁵

A veiculação das notícias do jornal funciona como apoio aos projetos da cidade rumo ao progresso. Nosso objetivo é mostrar como a imprensa, o jornal Correio de Uberlândia, vem sendo utilizada pelas classes dominantes ao longo dos tempos para facilitar as práticas de dominação. Vamos mostrar como é construído em Uberlândia o ideal progressista através da propaganda e da divulgação da cidade como metrópole moderna. Os grupos que detêm o poder local utilizam-se da imprensa para divulgar seus ideais, para encobrir e camuflar os embates e conflitos desenvolvidos com as classes menos abastadas, que exigem seus direitos sociais.

⁴ Id. Ibid.

⁵ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 17.

Neste caso, os direitos sociais exigidos pelas classes menos abastadas são os de infraestrutura e saneamento básico, que trazem dignidade de vida a estas pessoas como: educação, moradia, água tratada, esgoto, energia elétrica e atendimento médico-hospitalar. Estas pessoas, propositalmente esquecidas e marginalizadas por nossa sociedade, somente exigem condições mínimas para sobreviverem em uma sociedade tão excludente. Estas pessoas não são tratadas com dignidade pelos governos municipais, são menosprezadas pela imprensa local, pois o jornal da cidade sempre apoiou os grupos dominantes.

A realidade observada na cidade, no que diz respeito à imprensa local e ao Jornal Correio de Uberlândia, é “dolorosa” para quem deseja obras sociais, pois estes meios de comunicação foram utilizados, ao longo do tempo, como instrumentos para manter a dominação de uma classe dominante sobre a outra menos abastada, divulgando os ideais da classe que está no poder e servindo para encobrir as lutas sociais desenvolvidas pelos necessitados. Assim, afirmamos que a História do Jornal Correio de Uberlândia é uma história de apoio aos grupos que estão no poder, desqualificando as lutas sociais desenvolvidas pelos grupos menos favorecidos da cidade.

1.2- A busca do progresso

Uberlândia, desde o seu surgimento nos fins do século XIX, vai utilizar-se do discurso progressista para seu projeto de cidade. Este discurso apresenta sempre a cidade à frente de seu tempo como uma grande metrópole. Diante disso os governantes da cidade almejam traçar um projeto ousado para a cidade. Neste projeto buscam significações de modernidade e progresso, idealizando o novo e o moderno para a cidade.

Nosso trabalho, que trata de Uberlândia entre os anos de 1982 e 2010, mostrará os dirigentes da cidade em uma busca incessante pelo progresso e por mudanças, ocorridas no município fruto da obstinação dos governantes pelo ideal progressista. Contudo, interessa-nos evidenciar a visão progressista desenvolvida ao longo do tempo pelos dirigentes do município. Esta prática foi iniciada nos fins do século XIX e perdura nos tempos atuais objetivando representar a cidade de Uberlândia como uma moderna metrópole nacional.

No fim do século XIX e início do século XX realizam-se reformas urbanas na cidade. Os dirigentes municipais e as elites abastadas do período criam um meio sutil de expulsar os pobres da área central da cidade. Estes dirigentes estabelecem uma legislação que organiza o espaço urbano municipal expulsando a população pobre das áreas centrais da cidade. As leis adotadas pelos dirigentes municipais visavam estabelecer limites territoriais entre as classes sociais.

Em relação ao progresso na cidade de Uberlândia, necessitamos realizar alguns questionamentos. O progresso na cidade de Uberlândia é visto por quem? O progresso traz benfeitorias para quem? Quem são os beneficiados por tal progresso? A qual grupo o progresso representa? Com estas perguntas iremos realizar nossos questionamentos em relação ao progresso idealizado pela sociedade uberlandense.

Vamos iniciar nosso trabalho mostrando, que há uma obstinação por parte dos dirigentes do município em mostrar Uberlândia como uma metrópole moderna. Assim observaremos esta prática ser iniciada nos fins do século XIX.

Para explicitarmos esta prática desenvolvida pelas elites dirigentes do município, nos apropriaremos da produção historiográfica de Castro⁶, para revelar que há tempos atrás, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, os governantes municipais já estavam obstinados em aplicar os ideais progressistas na cidade.

Uberlândia, antes chamada de Uberabinha no final do século XIX, já se inspirava nas reformas urbanas das grandes cidades brasileiras e europeias, assim idealizava-se um projeto de reforma urbana para a cidade inspirado nas reformas urbanas das grandes metrópoles mundiais. Estas reformas questionam as práticas populares e afetam diretamente os modos de vida da população local. Nestas reformas o poder municipal intervém no modo de vida da população através da formulação de leis regulando o espaço urbano da cidade. Tudo isto gera conflitos e embates públicos, pois a população local tenta permanecer no espaço urbano e manter sua rotina.

Através da criação de leis percebemos o meio sutil de a organização municipal, regida pelas classes abastadas dominantes, expulsar os pobres da área central da cidade. Assim, de uma forma bem dissimulada, utilizando a legislação do espaço urbano o poder municipal expulsa a população pobre do espaço urbano central. Esta ação, realizada pelos

⁶ CASTRO, Ana Paula Cantelli. **Organização e disputas pelo espaço urbano: Uberabinha-MG (1890 - 1930)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003. (Dissertação/ Mestrado em História)

dirigentes municipais, visa estabelecer limites territoriais entre as classes sociais, pois no período as classes menos favorecidas e pobres da população não conseguiam comprar determinados materiais de construção, que eram considerados de luxo, desfrutados somente pelas elites da cidade. Assim, estas classes sociais são incapacitadas de arcar com as despesas das construções exigidas pela legislação municipal. Em consequência desta legislação municipal, as classes pobres serão direcionadas para os limites da cidade, onde não havia fiscalização.

Para entendermos um pouco destas leis vamos observar uma citação de Castro em relação a leis aprovadas pela câmara municipal do período:

Art. 34 – Até o meio Quilômetro contado da igreja mais próxima, todas as casa nas povoações deverão ser cobertas de telhas ou de outro material incombustível: multa de 10\$ e obrigação de reparar.⁷

Art. 268 – 5 – As paredes serão constituídas e rebocadas com argamassa de cal e areia ou revestidas de melhor preparo. Art. 269 – As coberturas do prédios serão de telhas de barro ou ardósia , sendo permitido outros systemas, mediante aprovação da câmara. Parágrafo 1 – É expressamente proibido a cobertura de palha ou capim.⁸

Desta forma, os moradores que não conseguissem cumprir as exigências municipais ou que tivessem suas casas obstruindo a passagem das ruas, seriam expulsos para os limites da cidade. Os poderes públicos municipais criaram uma legislação proibindo a construção de casas com paredes de madeiras (pau-a-pique) ou cobertas por capim, folhas ou palha (material combustível). A construção de casas de alvenaria, coberturas com telhas de barro ou ardósia, retira a feição rural presente no espaço urbano da cidade. O objetivo destas leis era mudar visualmente o espaço urbano, retirando a imagem de atraso ligada aos casebres e às taperas, que não condiziam com os projetos de progresso visados pela urbanização.

⁷ ESTATUTOS E LEIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DE UBERABINHA. Uberaba: Typografia Livraria Século XX, 1903, apud CASTRO, Ana Paula Cantelli. **Organização e disputas pelo espaço urbano: Uberabinha-MG (1890 - 1930)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003, p. 9.

⁸ CÓDIGO MUNICIPAL DE POSTURAS E REGIMEN TRIBUTÁRIO DA CÂMARA DE UBERABINHA. Uberabinha: Typographia Progresso – Cupertino e Filhos. 1913, apud CASTRO, Ana Paula Cantelli. **Organização e disputas pelo espaço urbano: Uberabinha-MG (1890 - 1930)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003, p. 50.

Vamos mostrar um trecho de uma notícia de um jornal local, citado por Castro, para explicitar como a imprensa atuava no período, alinhada aos projetos progressistas das elites dirigentes do município:

Satisfeitíssimos vimos trazer hoje ao público a notícia auspiciosa do prolongamento da rua Silviano Brandão, com a desapropriação de pequenas propriedades que obstavam ao seu desenvolvimento e davam a esta rua um desagradável aspecto impressionando mal os visitantes⁹

Nesta notícia é interessante ressaltar o fator de que a imprensa, através do jornal, realiza a exaltação do feito, pois a notícia dada pelo jornal desconsidera o fato de que a desapropriação traz problemas para os moradores, a notícia não diz que os moradores desalojados terão de modificar todo o seu modo de vida, a notícia também não leva em consideração as mudanças nas vidas das pessoas causadas pela imposição dos poderes municipais da cidade visando o progresso. A reportagem também não visa expor os embates sociais gerados pelas leis, pois mostra as ações públicas somente como positivas à população uberlandense.

Em outro momento, observamos a busca intensa pelo progresso realizada pelos dirigentes da cidade. A década de 1980 foi importante para observarmos a cidade rumo à idealização progressista, pois para as elites dirigentes aquela década marcou as grandes realizações rumo à modernidade que, no entanto, deixa alguns impactos negativos na sociedade uberlandense.

Na década de 1980 houve uma empreitada do governo municipal rumo às políticas de urbanização, contudo deste assunto falaremos em outro capítulo. Agora utilizamos os discursos da administração pública rumo ao progresso e ao desenvolvimento da cidade, utilizando-nos das notícias publicadas pelo jornal Correio de Uberlândia. Na década de 80, a administração municipal utiliza o discurso da construção do maior e mais moderno estádio de futebol de todo o interior mineiro. O discurso sempre procura exaltar a pujança e o progresso de Uberlândia.

⁹ O PROGRESSO. Uberabinha, 28 mar. 1909, apud CASTRO, Ana Paula Cantelli. **Organização e disputas pelo espaço urbano: Uberabinha-MG (1890 - 1930)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003, p. 7.

Para retratar este período vamos citar alguns trechos do Jornal Correio de Uberlândia sobre a futura inauguração do estádio Parque do Sabiá, popular “Virgilão” como diz o jornal. Segundo o jornal, o “Virgilão” seria um dos melhores projetos de modernidade e progresso de Uberlândia. O estádio seria para 70 mil pessoas, com um dos melhores gramados do país: “Uberlândia vive momento de grande ansiedade, pela inauguração do estádio municipal Parque do Sabiá, mais conhecido pela população como ‘Virgilão’...”¹⁰

Percebemos nesta reportagem uma forma de o Jornal Correio de Uberlândia justificar os grandes gastos do governo municipal na construção de um imenso monumento de concreto, que servirá para a exaltação dos grandes feitos das elites dirigentes e em prol do progresso da cidade.

Quando falamos de Virgilão, não estamos falando apenas de mais um estádio, que se constrói no estado e no país. Falamos de uma obra que tem um significado muito importante, pois ela representa a punjança de Uberlândia e região. É um cartão de visita que, certamente atrairá muitos turistas, com realização de grandes jogos, de grande promoções.¹¹

Para nós, esta notícia do jornal é uma forma de associar o estádio de futebol a um monumento de concreto que representa o arrojo da região, pois a construção de um grande estádio de futebol na cidade pode apresentar Uberlândia como uma moderna metrópole regional.

O estádio Parque do Sabiá - “Virgilão”- e o próprio parque do sabiá são obras que vão marcar o ano de 1982, a década de oitenta e, também, o século, na história de Uberlândia, como símbolo de arrojo, de coragem e dedicação e, acima de tudo, de visão, da administração Virgílio Galassi.¹²

Observamos neste noticiário a intenção da imprensa de exaltar a administração municipal pela coragem de construir uma obra tão grande. Também a ênfase dada pelo jornal, segundo o qual a construção do estádio vai marcar a década ou o século. O Jornal ainda exalta o arrojo e a dedicação dos administradores municipais. Contudo, observamos a construção do Estádio do Parque do Sabiá como forma de criar um monumento de concreto para ficar para sempre na memória do povo uberlandense. A imprensa, neste caso, tem o papel de exaltar os grandes feitos das elites dirigentes do município para criar uma memória oficial dos uberlandenses.

¹⁰ VIRGILÃO SERÁ A ALEGRIA DO POVO. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 06, 16 jan. 1982.

¹¹ Id. Ibid.

¹² Id. Ibid.

Através da veiculação destas notícias, podemos observar como a imprensa, neste caso o Jornal Correio de Uberlândia, serve para endeusar e heroificar as elites dirigentes da cidade. As reportagens sempre procuram associar e atrelar o estádio de futebol Parque do Sabiá ao nome do representante municipal “Vigilão”. Observamos que estes noticiários têm o intuito de tornar o governante municipal uma personalidade local. Nestes noticiários podemos perceber como a imprensa está totalmente intencionada em divulgar os grandes feitos das elites dirigentes e das administrações municipais da cidade. Estas reportagens visam a legitimar as ações dos grupos que estão no poder.

Depois desta reportagem veiculada pelo jornal, gostaríamos de mostrar algumas colocações de Boschi. Tal autor realiza uma grande crítica ao fato de que as elites apropriam-se da história do povo para legitimar o poder de um grupo seletivo, contando a história dos “heróis”. Porém, em nosso caso específico os ditos “heróis” são os políticos dirigentes da cidade, à frente dos projetos progressistas de Uberlândia.

Boschi critica a história dos “heróis”, pois para ele esta história busca a apropriação da memória de um povo para legitimar o poder de um grupo sobre o outro: “Trata-se de uma manipulação em duas direções, já que a mídia tanto pode endeusar quanto destruir a imagem de quem é colocado sob seus holofotes.”¹³

Em Uberlândia o Jornal local procura fazer dos dirigentes municipais grandes personalidades regionais, muitas vezes percebemos o endeusamento destas figuras nas notícias veiculadas pelo jornal.

Neste trecho o autor chama a atenção para a forma como os grandes vultos da história são criados e reverenciados dentro de uma sociedade. Segundo ele, devemos compreender que isso causa uma confusão de entendimento do presente vivido em uma sociedade: “Os grandes ‘vultos’ da História são reverenciados como heróis e eternizados em obras de artes e monumentos públicos. O apego a essas exaltações cívicas do passado dificulta a nossa consciência do presente.”¹⁴

Observemos este trecho citado de Boschi, importante para compreendermos o poder da mídia em influenciar a opinião pública, criando os grandes vultos, os heróis, as

¹³ BOSCHI, Caio. César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática 2007, p. 54.

¹⁴ Id. Ibid, p. 53.

personalidades da história local, através da exaltação dos grandes monumentos públicos como a construção do estádio Parque do sabiá, chamado pela mídia local de “Vigilão”.

Nestas colocações de Boschi, percebemos como os grupos que detêm o poder são eternizados como heróis na memória coletiva através das idealizações e das construções dos grandes monumentos públicos:

Ao glorificar feitos e heróis, as celebrações patrióticas buscam incutir o perpetuar no bojo da coletividade a visão do grupo que detém o poder.¹⁵

A condição heróica é sempre atribuída depois – e com o propósito definidos, como a legitimação de um novo regime ou a valorização de determinados grupos sociais.¹⁶

Com as colocações do autor, queremos mostrar que as notícias veiculadas pelo jornal Correio de Uberlândia procuraram atrelar a figura do governante municipal ao nome do estádio de futebol. Assim, o jornal associa o nome do estádio Parque do Sabiá a “Virgilão”, nome do governante municipal do período. Desta forma, todas vezes em que pensamos no estádio de futebol Parque do Sabiá estamos pensando nos grupos que detêm o poder, representados na figura do Virgílio. Observamos como uma atribuição heróica por parte da imprensa local chamar um estádio de futebol com o nome de um governante municipal, pois torna o governante uma personalidade, isto valoriza e legitima os grupos sociais que estão no poder.

Ao ler os trechos colocados por Boschi, percebemos que o autor posiciona-se contra a glorificação de feitos patrióticos, pois estes podem levar à exaltação de personalidades que estão no poder. Para nós, a imprensa exalta a construção do estádio representando a pujança e o arrojo da população uberlandense. O Jornal não exalta os feitos do povo uberlandense, mas os feitos do governante municipal. Com esta ação a imprensa local está reafirmando uma memória coletiva idealizada pelos grupos que detêm o poder. Assim, o Jornal Correio de Uberlândia torna a atitude de construir um estádio de futebol num ato heróico, com o propósito de criar uma personalidade local e para legitimar o poder de alguns grupos sociais.

¹⁵ Id. Ibid, p. 52.

¹⁶ BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática, 2007, p. 55.

A colocação de Boschi abaixo desperta nossa atenção para a glorificação de alguns agentes históricos em Uberlândia. Nós observamos a criação de agentes históricos na cidade de Uberlândia dar origem a personalidades com objetivos definidos. O intuito da imprensa local é criar meios para que o povo tenha um exemplo a ser seguido na figura do governante municipal. No caso de Uberlândia, o objetivo do Jornal Correio é guiar o povo rumo ao desenvolvimento e ao progresso idealizados pelas elites dominantes.

É tão exagerada a glorificação de alguns agentes históricos que por vezes somos levados a crer que se trata de personagens de ficção – e quanto mais nos afastamos da análise histórica centrada no movimento coletivo dos homens, mais se abre espaço para o aparecimento dos heróis. O perfil do herói é modelado e reforçado pelos detentores do poder, que o transformam em parâmetro a ser seguido e reverenciado. A imagem pública de muitas dessas figuras, aliás, é um lembrete permanente sobre os estreitos limites entre a História e ficção.¹⁷

Observamos como a imprensa, através do Jornal do Correio, procurou exaltar os feitos dos governantes das cidades tornando-os grandes personalidades. Agora, vamos explicitar como os dirigentes do município procuraram simbolizar o progresso da cidade por meio do estádio, realizando um jogo da seleção brasileira de futebol no Parque do Sabiá, no mesmo ano em que o Brasil iria para copa do mundo de futebol. A administração não poupou esforços para a realização deste jogo no estádio, para marcar na memória do “povão” o grande exemplo de progresso que foi a construção do Parque do Sabiá. A inauguração deste estádio iria contar, nada mais nada menos, com a presença do presidente da República e sua cúpula principal e, ainda mais, contaria com a presença dos políticos mais importantes do Triângulo Mineiro.

Então, a inauguração do estádio “Virgilão” representaria um dos maiores símbolos da administração municipal rumo ao progresso da metrópole regional. A população de Uberlândia não só necessitava de pão, precisava de circo para acalmar sua alma. Observamos a construção do estádio de futebol como a criação de um “monumento”.¹⁸ Percebemos o estádio “Virgilão” como um símbolo de concreto para representar personalidades municipais, criado para ficar na memória do povo como obra das administrações municipais. Analisamos a construção do estádio como forma de os grupos dirigentes apossarem-se da memória do povo, fundando símbolos das administrações dos grupos que estão no poder.

¹⁷ Id. Ibid, p. 54.

¹⁸ Quando falamos em monumentos, estamos referindo a objetos físicos que possam representar, personalidades, pessoas, grupos sociais ou o progresso da cidade. As referências feitas aos objetos físicos (monumentos) muitas vezes podem ser confundidas com personalidades públicas ou a grupos sociais. Os monumentos podem ser praças, parques de lazer, parques de exposição, viadutos ou estádios.

Segundo as falas dos governantes do município a construção do Estádio Parque do Sabiá, popular “Virgilão”, representa uma grande obra para cidade e região. Para eles o estádio seria um dos melhores do país, com capacidade para 70 mil pessoas, e teria o melhor gramado do país, sendo o maior estádio do interior mineiro. Esta construção marcaria não só a década de 1980, mas o século na história de Uberlândia, pois a obra representava o arrojo e a pujança da região, sendo o cartão de visitas do município e atraindo muitos turistas para a cidade.

Realmente acho a obra grandiosa, tão grandiosa que poucas vezes este estádio funcionou em seu limite máximo. Este estádio, diante da não utilização para o futebol, serviu para shows musicais, sorteios de bingos e encontros religiosos. Foram milhões gastos numa obra de concreto para simbolizar e representar o desenvolvimento e o progresso da cidade.

A lotação máxima deste estádio, em jogos de futebol, somente ocorreu em poucos jogos da seleção brasileira e em jogos de grandes clubes nacionais realizados na cidade. Então, esta obra de concreto serviu somente para mudar a configuração visual dos moradores do final do bairro Santa Mônica e para mudar o hábito de muitos torcedores do Clube local. Por que os governantes municipais não investem estes milhões em obras sociais como: emprego, moradia, transporte público, atendimento médico hospitalar, água tratada e energia elétrica? Pois o investimento no social pode proporcionar dignidade de vida a diversas pessoas, levando melhorias para a população pobre da cidade.

O progresso, idealizado na construção de um estádio de futebol moderno, modificou o hábito de muitos torcedores do Clube local. O torcedor era acostumado a ver os jogos de futebol no estádio Juca Ribeiro. Este estádio de futebol sempre foi palco dos jogos do time de futebol da cidade. O estádio estava localizado em uma área nobre e central da cidade. Localiza-se à Avenida Floriano Peixoto, entre a Avenida Afonso Pena, a Rua dos Pereiras e a Rua Cruzeiro dos Peixotos. Quase todas as linhas de ônibus da cidade passavam perto do estádio. A localização facilitava o acesso ao estádio. O jogo de futebol do time da cidade era um lazer, uma rotina vivida pelos torcedores uberlandenses.

Entretanto, a administração municipal construiu um “monumento de concreto” em forma de estádio para ser símbolo do progresso do município longe das áreas centrais da cidade. Os governantes municipais construíram o estádio no limite da cidade, saída para Uberaba, após os bairros Tibery e Santa Mônica.

Na década de 1980 a construção do estádio causou impacto na vida do torcedor uberlandense, pois afetou o cotidiano vivido pelos torcedores fanáticos do UEC (Uberlândia Esporte Clube). Para assistirem a um jogo do clube local, precisavam deslocar-se para longe da área central, uma área de difícil acesso, com poucos ônibus. Diante desta situação os torcedores fanáticos de baixa renda, enfrentavam ônibus especiais lotados, carrocerias de caminhões, pegavam carona com os amigos ou enfrentavam caminhadas a pé, eles caminhavam para um local ermo, afastado da cidade. A dificuldade encontrada pelos torcedores de baixa renda, para assistir aos jogos do time local no estádio de futebol, fez com que muitos torcedores de baixa renda passassem a acompanhar o time pelos diferentes meios de comunicação e imprensa. No trecho acima, procuramos demonstrar como o progresso idealizado pelas classes dirigentes da cidade afetou o cotidiano vivido pelos torcedores uberlandenses de baixa renda.

Neste mesmo ano, segundo o principal governante da administração municipal, ainda se inauguraria um dos maiores clubes de lazer e de entretenimento do estado, esta obra também representaria o progresso da cidade, representaria a cidade rumo ao progresso. Porém o discurso agora muda, seria construída uma obra social para o povo trabalhador de Uberlândia, para o povo de baixa renda, que não tinha acesso ao lazer.

Farei um governo de prosperidades, mas acima de tudo, um governo humano. Olharei com carinho o problema social de nossa cidade, criarei áreas de lazer em todos os bairros e um parque de entretenimento para o povo uberlandense, para os trabalhadores que não tem acesso aos clubes de nossa cidade.¹⁹

Assim foi o discurso do senhor prefeito Virgílio Galassi. O moderno e o progresso agora eram obra social. Também deveria ficar gravado na memória do povo, como marca desta administração municipal, como já foi dito anteriormente. Temos de ressaltar o caráter de exaltação da notícia, publicada pelo jornal *Correio de Uberlândia*, que busca enfatizar o caráter social da obra realizada pelo dirigente do município. Diante disto, percebemos como a imprensa procura influenciar a opinião pública em prol da administração municipal. Barbosa

¹⁹ VIRGÍLIO CUMPRE PROMESSAS E AGRADA OS MUNÍCIPES. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p.12, 26 jan. 1982.

faz uma crítica a esta prática realizada pela imprensa. Segundo a autora, a imprensa e o jornal servem de instrumentos de controle social utilizados pelo poder vigente.²⁰

A fala de Barbosa estimula-nos a pensar na aproximação do jornal com os governantes da cidade, a fala da autora leva-nos a refletir e perceber o Jornal Correio de Uberlândia como um instrumento utilizado pelas elites dominantes para que o poder vigente mantenha a divulgação de seus discursos.

Nesta parte do trabalho, expomos um texto tratando da construção do Parque do Sabiá, trata-se da fala orgulhosa do prefeito de Uberlândia, Virgílio Galassi. Entretanto, para nós é interessante observar o dano causado a uma parte da população, desapropriada para a construção do Parque. Contudo, vamos denunciar o fato de as pessoas serem desapropriadas e retiradas de suas residências para construção do parque. Vamos questionar as dificuldades encontradas por estas pessoas com a desocupação da área destinada ao parque. Também vamos questionar o fato de o governante da cidade exaltar uma desapropriação para a construção do parque, sem tratar da tensão que envolve uma desapropriação, mesmo que seja de uma área invadida. Nesta entrevista o governante somente exalta as ações municipais para a construção do Parque. A prefeitura utiliza-se da legislação para estabelecer a desapropriação, aplicando a ordem.

[...] quando nós assumimos a prefeitura me parece que foi, foi o primeiro mandato[1971-1972], o Parque do Sabiá tava invadido. Essa invasão que hoje você vê todo mundo fazendo. Então, nós procuramos os advogados da prefeitura pra ver como é que podia fazer, porque ali era um patrimônio da prefeitura. Mas, recebemos orientação e tomamos providências jurídicas, mas naquele mandato nós ainda não conseguimos liberar a área do Parque do Sabiá. Porque o primeiro mandato foi só de dois anos, então não tive tempo. Mas quando voltamos no segundo mandato[1977-1982], inclusive com um mandato de seis anos, nós conseguimos desocupar o Parque do Sabiá. Porque aquilo é coisa do Cícero Diniz, doido para construir o Parque do Sabiá. Porque aquilo é coisa do Cícero Diniz, né? Tem que por uma estátua dele lá, se possível do tamanho do Parque (risos), Então pra ficar livre do Cícero um dia falei, “ faz um orçamento...”(...) Deus abençôo aquilo que nunca mais nós paramos de fazer o Parque do Sabiá, com todos aquelas obras que estão lá dentro.²¹

²⁰ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 17.

²¹ Fala de Virgílio Galassi em: A História de Uberlândia- 1982 a 2006. Direção: Maykon Oliveira. Uberlândia: Play Video Produções, 2006, 1 DVD (70 min), son., color., apud FREITAS, Sheille Soares de. Por falar em culturas...histórias que marcam a cidade:Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p. 191.

Nesta entrevista observamos que o prefeito de Uberlândia procura evidenciar somente os grandes feitos de sua administração. No seu discurso o governante não toca nos assuntos sociais que envolvem a desapropriação. Assim sendo, comparando as duas entrevistas, realizadas pelo prefeito de Uberlândia no período, percebemos que o governante se preocupa com o social que exemplifica suas obras progressistas e não com obras sociais efetivas que atendam a parcela carente da sociedade uberlandense.

Notamos que durante este governo a atenção do Jornal Correio de Uberlândia centrou-se no destaque de notícias referentes às obras da administração municipal. Então perguntamos: qual o interesse em destacar tanto as obras de um governo? Seria para uma possível reeleição de um membro do partido, da gestão municipal? Ou para criar uma memória oficial desta administração municipal?

Para mostrar o apoio do jornal à gestão municipal do período, mostraremos a reportagem a seguir:

Como se sabe, Virgílio Galassi, administrador de visão voltada para o futuro, se preocupa não só com a construção de grandes obras, como por exemplo, viadutos, Av. Getulio Vargas, estádio de futebol, pavimentação, escolas etc. mas, também com a construção do maior complexo de lazer que se tem a notícia no interior do estado, o Parque do Sabiá.²²

Diante desta reportagem percebemos que a imprensa não só tenta evidenciar a gestão municipal como progressista, mas também pretende evidenciar a gestão do período como uma gestão que atende ao social.

Durante os anos noventa os governantes, embebidos pela busca idealizada do progresso, vão efetivar várias construções de viadutos na cidade. O discurso dos dirigentes municipais deste período é o de preparar a malha rodoviária de Uberlândia para o ano 2000. Exemplificando esta temática mostrarei uma entrevista divulgada pelo Jornal Correio de Uberlândia, que realizou um balanço da gestão governamental de Virgílio no final do ano, no aniversário da cidade, data em que todos os governantes da cidade propagandeiam seus feitos nos mandatos:

“Preparar Uberlândia para o ano 2000, quando o município poderá ter uma população de um milhão de habitantes. Foi com essa determinação que o prefeito Virgílio Galassi assumiu a prefeitura pela terceira vez.”

²² MÉRITO DE PROTEÇÃO A NATUREZA PARA O PREFEITO GALASSI. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, p. 01, 10 set. 1982.

Nesta entrevista, concedida ao editor-chefe, Almerindo Camilo, e ao Chefe de Redação, Ivan Santos, ele fala das obras realizadas com esta finalidade e garante que Uberlândia chegará ao século XXI com uma boa estrutura em todos os setores.²³

Através do discurso do prefeito, podemos observar que o discurso dominante da cidade é sempre progressista e visa sempre o futuro. Pretende sempre mostrar a cidade de Uberlândia como grandiosa e rumando para um futuro próspero, mesmo somente com a construção viadutos e não de obras sociais. No discurso, o prefeito municipal procura enfatizar a importância da obra em todos os setores da sociedade uberlandense. Sabemos que Uberlândia sempre foi carente na área da saúde. Na década de 1990 o município tinha somente os postos de saúde municipal, as unidade básica de saúde e as unidades de atendimento integrado. Na cidade não havia nenhum hospital municipal, dependia-se inteiramente do atendimento médico-hospitalar do Hospital de Clínicas da UFU (HC). Este hospital neste período não conseguia atender à demanda da cidade e da região. O discurso do governante é melhorar a estrutura em todos os setores da sociedade. Por isso perguntamos: por que o governante municipal não construiu um hospital municipal, para atender a demanda hospitalar da sociedade uberlandense no período?

Notamos, na notícia acima, que o Jornal Correio de Uberlândia procurou justificar os gastos da administração municipal, preparando Uberlândia para o futuro com os atributos de uma cidade moderna, que necessitava de uma boa malha rodoviária para portar sua frota de carros. Por meio do noticiário, percebemos que o jornal está atrelado aos interesses das elites dirigentes de nossa cidade, pois suas notícias procuram sempre divulgar os feitos dos grupos que estão no poder visando o desenvolvimento da cidade, em prol de uma cidade moderna.

Chamo a atenção para olharmos como o jornal enfatiza e dá valores detalhados às obras construídas pelas administrações municipais do período.

A segurança de pedestres e motoristas nas ruas e rodovias de Uberlândia é a preocupação maior da Administração Municipal. Foi isso que levou a Secretaria Municipal de Obras a construir viadutos mesmo nas áreas de competência do Governo Federal. É o caso da Br-365, no bairro Dona Zulmira, que sempre causou acidentes, muitos com vítimas fatais. Naquele trecho, as crianças do Dona Zulmira atravessavam a rodovia para ir à escola e o índice de acidentes e atropelamentos sempre foi alto.

Agora, os moradores do Dona Zulmira ganham tranquilidade com a construção de um viaduto de 40 metros de extensão que facilitará o trânsito de motoristas que

²³ GALASSI PREPARA MUNICÍPIO PARA ANO 2000. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, p. A6, 31 ago. 1991.

deslocam do bairro Luizote de Freitas para o centro e dos que trafegam pela BR 365. O viaduto foi construído com recursos do município e está orçado em Cr\$ em 500 milhões.

A Secretaria de Obras está construindo também um viaduto no Trevo Régis Bittencourt (orçado em 500 milhões) e outro no Trevo Monteiro Lobato (orçado em Cr\$ 500 milhões), considerados dois pontos negros do trânsito, onde sempre foram registrados altos índices de acidentes. Os dois viadutos devem ser abertos para o tráfego normal no final de agosto.

No aniversário da cidade será inaugurado também o trevo da avenida industrial, próximo à Companhia de Telefones do Brasil Central (CTBC).

Ele tem 30 metros de extensão e 25 metros de largura, é um viaduto duplo que atende as antigas reivindicações dos moradores do bairro industrial. Esta obra está custando aos cofres municipais, 125 milhões.

O bairro Custódio Pereira também ganhou um viaduto, na Avenida Paulo de Frontin, próximo à Estação Ferroviária (os custos atualizados desta obra são de Cr\$ 50 milhões).

A prefeitura inaugura ainda no dia do aniversário de Uberlândia, o viaduto da avenida Monsenhor Eduardo com 69 metros de extensão orçado em Cr 52 milhões.²⁴

A notícia, publicada pelo jornal mostra a construção dos viadutos como uma grande preocupação por parte da administração municipal em relação à população uberlandense, principalmente no que diz respeito aos pedestres e aos motoristas. A reportagem ainda mostra a administração municipal realizando obras de competência de governos estaduais e federais, vangloriando-se desta ação, exaltando os gastos realizados nestas obras. Diante disto, percebemos a notícia como uma forma de legitimar grandes gastos do dinheiro público. A justificativa dada pelo governo municipal para os “milhões” gastos nas obras dos viadutos, destinados a melhorar a circulação dos veículos na cidade. A administração municipal estava “supostamente” preocupada com a segurança de pedestres e motoristas. Neste mesmo ano, no bairro Dom Almir, a população local entrava em conflito com dirigentes municipais exigindo dos governantes da cidade uma vida digna, moradias com infra-estrutura: água, esgoto tratado, energia elétrica e asfalto. Diante disto, perguntamos: por que a administração municipal não investiu parte destes milhões para saciar as necessidades desta população? Assim, observamos que a notícia publicada pelo jornal tem a função de conquistar a opinião pública em favor dos grandes gastos dos cofres públicos, com obras que visem o progresso do município, apresentando a cidade como uma grande metrópole regional.

Santos relata em seu artigo que o jornal tem o papel de evocar as glórias e conquistas para perpetuar o que deve ser mantido pela memória coletiva. No caso de Uberlândia, o Jornal

²⁴ OBJETIVO DOS NOVOS VIADUTOS É SEGURANÇA. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, p.11, 09 ago. 1991.

Correio tem a função de evidenciar a evocação dos grandes feitos realizados pela gestão municipal do período.

O Jornal cumpria um papel de reatualização da memória coletiva, evocando um ‘passado de glórias e conquistas’ e perpetuando aquilo que deveria ser mantido para o futuro.²⁵

Percebe-se que a inauguração das obras tem sempre um cunho político, aproveitando as datas de festividades vividas pela cidade. Como aquele período no qual Uberlândia comemora seu aniversário de surgimento no cenário nacional, 31/08 é a data comemorativa do aniversário da cidade. Assim, nos embalos das festividades da cidade, os governos municipais também divulgam seus trunfos, com a imprensa sendo o meio de construir os grandes feitos realizados por estes governos municipais.

Para Barbosa, é preciso entender os domínios produzidos na memória. Para a autora, é preciso pensar nos jornais como articulações dos campos de poder e de memória, pensar que os jornais determinam parâmetros para a vida social. Assim, para ela os historiadores devem pensar na imprensa como prática social, em uma instituição que influencia o modo de viver e de pensar. O historiador deve entender a dimensão social do processo de produção e expansão da imprensa com outros meios e com uma rede de interesses que se cruzam.²⁶

Trouxemos a colocação de Barbosa para evidenciar qual o interesse do Jornal Correio em divulgar os feitos da administração municipal do período, mostrando as “grandes obras” sem questionar o investimento da administração municipal no social, que envolve questões bem mais básicas, como educação, saúde e saneamento básico.

A partir deste momento, entraremos no antagonismo e na contradição apresentados pelas notícias veiculadas no Jornal Correio de Uberlândia. No primeiro momento, o Jornal procura mostrar as obras de construção dos viadutos trazendo angústia para alguns indivíduos da população. Em um segundo momento, o jornal procura justificar a construção dos viadutos, mostrando-a como conquista das populações locais. Contudo, nestas reportagens percebe-se o caráter de indução do jornal, seu intuito de direcionar a reportagem para dar um

²⁵ SANTOS, Wallace Ferreira; ABREU, Jean Luiz Neves. “Modernização e utopias: projetos de transformação urbana no município de Governador Valadares (1960-80).” Vitória: In: **Revista Ágora**, nº 10, 2009, p.03.

²⁶ BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. “Sobre história: imprensa e memória”. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, 2006, p.267-268.

aspecto positivo às construções dos viadutos e para conquistar a opinião pública da população uberlandense.

Para mostrar estes antagonismos, iremos ver que a imprensa, através do Jornal Correio de Uberlândia, divulga notícias com aspectos negativos da construção destes viadutos. A reportagem a seguir evidencia a angústia de alguns moradores com a construção de um viaduto, devido ao fato de que serão desapropriados de suas residências.

A desapropriação de mais de 30 casas localizadas em uma área próxima ao novo viaduto sobre a BR 365, no bairro Dona Zumira, Zona leste da cidade, está causando um clima de angústia a mais de 80 famílias que serão atingidas pela medida. No local da construção do novo viaduto, será construído um grande trevo e, para tal, a prefeitura deverá desapropriar os imóveis localizados na parte de baixo do Dona Zulmira, próximo ao frigorífico Caiapó e a parte da praça Minas Gerais.

De acordo com o ex-presidente da associação de moradores, José Francisco Paulino, que mora no local há mais de 20 anos, as famílias atingidas pela desapropriação estão vivendo um clima de angústia já que a prefeitura avisou que haveria o processo, mas não determinou datas e nem mesmo discutiu com os proprietários de imóveis os valores a serem pagos.

Alguns moradores residem em colônia de aluguel e ganham pouco. É o caso da família de Maria Gorete da Silva, 37 anos, que tem sete filhos e cujo marido João Eurípedes da Silva, trabalha como carpinteiro em uma das empresas da cidade e paga atualmente Cr\$4.000.00 de aluguel mensal. Segundo ela, o marido conseguiu junto à empresa, acesso a compra de uma casa da prefeitura. A prestação da casa é de Cr\$23.000.00 mensais e não existe previsão de entrega do imóvel. À medida que a construção do viaduto chega ao seu término, cresce a iminência de desalojamento, igual situação de angústia vive o morador Edson Luiz de Oliveira que possui uma casa na rua das Esmeraldas nas proximidades do novo viaduto e que agora terá que deixar o local: “Eu não tinha a intenção de deixar este bairro, moro aqui a treze anos e sacrifiquei parte da vida na construção de minha casa. Não tenho condições de comprar as casas da prefeitura”, afirmou o morador, Edson disse ainda que não recebeu nenhuma informação por parte dos funcionários da prefeitura sobre a saída dos moradores do bairro Dona Zulmira. Em função da desapropriação e que não sabe qual será o seu futuro. Lauremar Berchulute, 52 anos proprietário de mais de 30 imóveis e duas colônias de casas de alugues, todos a serem atingidos pela desapropriação, reclama do silêncio da prefeitura e afirmou que funcionários municipais desaconselham a renovação ou mesmo a assinatura de novos contratos de aluguéis mas não definiram como seria a reposição de novos contratos de aluguéis mas não definiram como seria a reposição de perdas em função dos prejuízos causados pela não locação dos imóveis.”²⁷

Através desta reportagem, podemos observar que a construção do viaduto poderá afetar todas as vivências cotidianas das famílias desapropriadas, pois o desalojamento das famílias poderá afetar os laços de amizade construídos pela comunidade que vivia no local. As obras poderão influir nas relações afetivas vividas por estas pessoas, vivenciadas e criadas neste local. Além destes problemas, as obras causam angústia na população porque

²⁷ VIADUTO CAUSA ANGÚSTIA NO DONA ZULMIRA. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, p.12, 07 mai. 1991.

os governos municipais anunciam a desapropriação e a construção das obras, mas não discutem as indenizações, nem discutem os alojamentos das pessoas que seriam desapropriadas do local para a construção das obras.

Diante disto, podemos observar que a visão progressista, almejando a construção de grandes obras que representem o desenvolvimento da cidade, afeta e modifica a forma de viver das pessoas. Contudo, o discurso da administração municipal visa mostrar a construção como grande benfeitoria para a população de Uberlândia. Assim, indagamos: a quem estas grandes construções beneficiam? A qual parte da sociedade estas construções atendem? A quais projetos políticos visam estas obras?

Os discursos dos governantes assumem o caráter de versão única de progresso, tornando-se inquestionáveis. O “progresso” como fim último, assim as intervenções municipais no espaço público ganham legitimidade entre a população. Santos e Abreu nos mostram, em seu artigo, como os discursos conquistam legitimidade.

Os discursos concebem a cidade como um espaço racional e homogêneo, um espaço privilegiado da ‘técnica’, pensada aqui como um conjunto de saberes colocados à disposição dos administradores pelos mais variados especialistas. Esses saberes, legitimados por um discurso de neutralidade científica, formulam e instituem normas que abrangem as diferentes facetas do cotidiano das pessoas, tornando inquestionáveis os seus mandamentos. Ao reivindicar o bem geral de todos e o progresso como um fim último a ser alcançado, as intervenções dos administradores públicos ganham inteligibilidade.²⁸

Mostramos que a imprensa, através do jornal, relata os problemas levantados por alguns moradores e gerados pela construção das obras dos viadutos. Agora, procuraremos mostrar as contradições e antagonismo do jornal, pois em um momento aparecem os aspectos negativos das obras e em outro momento o jornal procura divulgar notícias justificando as obras realizadas pela administração pública do período. O jornal local enfatiza as notícias que se referem às obras municipais, as reportagens trazem a ideia de desenvolvimento e progresso para cidade, apresentam as obras como benfeitorias, benefícios à população uberlandense. Para nós, estas são maneiras sutis de a imprensa mobilizar a opinião pública a favor da construção de grandes obras que oneram os cofres públicos, enquanto o investimento no social permanece esquecido.

Observamos a tentativa por parte do jornal em justificar os gastos na construção do viaduto no bairro Dona Zulmira. “Viaduto no bairro Dona Zulmira trará maior segurança à

²⁸ SANTOS, Wallace Ferreira; ABREU, Jean Luiz Neves. “Modernização e utopias: projetos de transformação urbana no município de Governador Valadares (1960-80).” Vitória: In: **Revista Ágora**, nº 10, 2009, p.07.

população.” Através do enunciado, percebemos a vontade intencional da notícia em exaltar a construção. Depois o jornal reúne depoimentos de pessoas comuns, que vivem no perímetro e são favoráveis à construção, para confirmar a obra como uma grande benfeitoria para a população local. O jornal não divulga reportagens de pessoas das redondezas contrárias à construção das obras. Sabemos que para realizar a construção do viaduto houve embates e conflitos com alguns moradores do local. Contudo, deste assunto trataremos em reportagens mais à frente. Interessa-nos agora, elencar reportagens que destacam as obras municipais como benfeitorias à população uberlandense, simbolizando o progresso e o desenvolvimento da cidade.

A construção do viaduto do bairro Dona Zulmira eliminará de vez um dos cruzamentos mais perigosos de Uberlândia. Naquele ponto um grande número de pessoas perdeu a vida em acidentes de carro ou, principalmente, em atropelamentos. Além de proporcionar segurança a motoristas, pedestres e maior tranquilidade às famílias dos bairros vizinhos, o novo viaduto trará também uma melhoria do aspecto visual daquela região da cidade.

“To doído pra ver esse viaduto pronto”, afirmou o vidraceiro Divino Edson dos Santos, 36 anos, casado. Ele trabalha na Praça Minas Gerais número 267, em frente ao viaduto. Criado “desde menino” naquela região da cidade, Divino dos Santos conhece bem os benefícios que esta obra trará para os seus moradores e para a comunidade em geral: “Vai acabar com os acidentes neste cruzamento. E trará melhorias para o bairro valorizar o que as pessoas construíram aqui e deixa o lugar bonito. Também é bom para o comércio”, completa ele.

É claro que uma obra deste tamanho pode gerar polêmica. Há alguns moradores que preferiam que o viaduto não fosse construído, mesmo sabendo dos benefícios que ele trará para a população. “Acidentes? Não há como evitar. Você pode estar dormindo, cair da cama e se arrebentar”, justifica o farmacêutico Samir Jamal, casado, 25 anos. Para ele, “o que as pessoas precisam é tomar mais cuidado”. Samir Jamal trabalha o dia todo em sua farmácia, mas não mora no bairro. Ainda assim, acha que a prioridade no momento não é o viaduto: “Eu preferiria uma praça”, disse.²⁹

O jornal não somente seleciona as pessoas favoráveis à obra, como também direciona suas perguntas, levando o entrevistado a ser favorável à construção do viaduto e das obras. O jornal entrevista moradores da comunidade, visando realizar a identificação do morador entrevistado com a comunidade local de mesma classe social, para que as obras sejam aceitas pela população uberlandense. Em nossa pesquisa, percebemos que há uma intenção do jornal em suas reportagens em direcionar perguntas e selecionar pessoas favoráveis à obras que representem o progresso e o desenvolvimento da cidade. Para nós, estas são formas sutis da

²⁹ VIADUTO TRARÁ MAIOR SEGURANÇA. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, p.08, 26 mai. 1991.

imprensa, através do jornal, mobilizar a opinião pública em prol dos projetos, mostrando Uberlândia como uma metrópole moderna.

As reportagens do jornal não trabalham a contradição dos interesses da comunidade local em relação à construção do viaduto. Percebemos na reportagem a existência de contradições na própria comunidade local, pois algumas pessoas preferem a construção de uma praça, um local de lazer para população do bairro, ao invés da construção de um viaduto. A construção de uma praça não custa milhões aos cofres públicos e atenderia à carência de locais de lazer da comunidade do bairro Dona Zulmira.

No trecho a seguir, queremos mostrar como a imprensa, através do jornal, procura criar estratégias e linguagens para aproximar a população e o discurso das elites dominantes. A imprensa seleciona as narrativas da comunidade familiar uberlandense para agregar a opinião pública da população favorável ao discurso das classes que estão no poder. Barbosa, referindo-se à imprensa, faz algumas colocações sobre as práticas utilizadas por ela para mobilizar e aproximar-se da população. Assim, vamos mostrar um trecho de uma colocação de Barbosa para denunciar as práticas da imprensa através do jornal.

Para construir um mundo tido como real, os periódicos irão multiplicar as estratégias de transformar o verossímil em verdadeiro. Se a criação da verossimilhança se faz num primeiro momento pela aproximação com as narrativas familiares, comuns e quotidianas, num segundo instante verossímeis são os textos que falam de um mundo conhecido, que por ser semelhante é real e, portanto, verdadeiro.³⁰

Esta é uma outra reportagem publicada pelo Jornal, procurando mobilizar a população com exposição a respeito dos acidentes ocorridos no cruzamento, que utiliza-se de falas dos moradores daquela localidade.

O benefício mais visível desta obra, no entanto é percebido por todos os moradores que conhecem a história daquele ponto da cidade. Muitos deles perderam familiares ou amigos em acidentes ali ocorridos. Estas pessoas reconhecem o valor da obra: “Tá sendo a melhor obra já feita para a população aqui do bairro. Já morreu muita gente aqui”, afirmou Carlos Roberto da Silva, 35 anos, casado, residente na Rua Cobalto, 112, há 27 anos.

Durante todo este tempo ele colecionou inúmeros casos de acidentes ocorridos no local onde agora já está sendo construído o viaduto. “Me lembro de um atropelamento ocorrido há uns dez anos. Um senhor de idade, conhecido por Pedro Aragóia, foi atravessar a rodovia, como fazia todas as tardes. Foi atropelado por um caminhão. Morreu. De lá pra cá também ocorreram muitos acidentes aqui”, contou Carlos Roberto.

³⁰ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 70.

Os idosos são os que mais sofrem com a travessia da rodovia. “A gente tem que ter cuidado” disse Miguel da Costa Pinto, 63 anos, morador da rua Ouro número 70, no Bairro Dona Zulmira. Ele lembra também do perigo que aquele cruzamento representa para as crianças que moram nas proximidades: “O viaduto vai servir para todo mundo”.

O perito Sileno José Ribeiro, 50 anos, trabalha na Polícia Técnica de Uberlândia há quase 30 anos. Segundo ele, a maioria dos acidentes que já ocorreram naquele local foi do tipo atropelamento, “tanto por descuido de motoristas quanto de pedestres”. Sileno Ribeiro acredita que o viaduto diminuirá consideravelmente o número de acidentes naquele local. “E se as pessoas obedecerem às normas de trânsito pode ser que não haja mais nenhum atropelamento ali”, aconselhou ele. A prefeitura está fazendo a sua parte, construindo o viaduto e eliminando um cruzamento perigoso, prestando um importante serviço à comunidade. Resta, agora, a comunidade fazer a sua parte, ou seja, obedecer às normas de segurança no trânsito. Quem sabe assim fique confirmada a previsão do perito Sileno Ribeiro.”³¹

Nesta reportagem, percebemos a utilização de um elemento de efeito, o texto pretende atingir o emocional das pessoas, acidentes e mortes da população local servem para mobilizar a opinião pública a favor das construções realizadas pela administração municipal. Diante disto, percebemos que a mídia pode influenciar nos ideais de uma população, nesta reportagem a mídia evidencia seu poder de influência e potencial de mobilizar a população em prol dos projetos progressistas da administração local.

Através das reportagens apresentadas tentamos mostrar o antagonismo e a contradição das notícias publicadas pelo Jornal Correio de Uberlândia. Por um lado, mostra-se o aspecto negativo de uma construção, depois, em outro momento, utiliza-se de artimanhas sutis para justificar as obras da administração municipal. Mesmo apresentando um antagonismo, percebemos que a mídia, o jornal, sempre procura estar do lado dos dominantes, apoiando e justificando as estruturas do poder local.

Marialva Barbosa, dialogando com Gramsci, faz algumas colocações em relação ao papel da imprensa ao justificar as estruturas do poder. Segundo a autora, os governos criam intelectuais para executar as relações sociais com o público e para manter a hegemonia social. Quando o autor fala de intelectuais orgânicos está se referindo também aos jornalistas que apóiam os governos. Segundo Barbosa cada grupo social:

...cria para si seus intelectuais orgânicos, sendo necessário ver o papel que estes exercem no conjunto do sistema de relações sociais. Esses intelectuais se transformam em executores do grupo dominante, exercendo funções subalternas da hegemonia social e do governo político.³²

³¹ VIADUTO TRARÁ MAIOR SEGURANÇA. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, p.08, 26 mai. 1991.

³² BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 152.

Neste outro trecho, Barbosa, ainda dialogando com Gramsci, procura mostrar o papel desempenhado pelo intelectual orgânico (jornalista), nas relações existentes nas estruturas do poder.

É este o papel do jornalista, especialmente os que ocupam o núcleo dirigente, como intelectual orgânico. Não exercendo nenhuma função explícita junto ao estado como organizador é claramente executor do grupo dominante, mediatizando suas ações, decodificando o seu simbolismo, divulgando-as e buscando, principalmente, o consenso espontâneo da população.³³

Nesta parte do texto iremos apresentar uma reportagem que mostra o reflexo das notícias veiculadas pelo Jornal Correio de Uberlândia, durante a gestão de dois governantes populares na cidade de Uberlândia. Interessa-nos recortar um trecho da reportagem para mostrar que o Jornal tem intenção de apresentar um governo que busca construir obras sociais e o outro com uma visão de progresso para a cidade de Uberlândia, com um discurso progressista extremista, visando o futuro.

...O antigo projeto do ex-prefeito Zaire Rezende, de construir na Avenida Monsenhor Eduardo não só áreas de lazer, mas também quadras para esportes, foi descartado. O atual prefeito Virgílio Galassi alega que este projeto poderia dificultar a realização de um outro grande projeto, a construção do metrô de superfície, que ligará as zonas leste oeste de Uberlândia.³⁴

Este recorte de notícia mostra-nos dois projetos de modernização do município. O primeiro, do governo de Zaire Resende, um projeto de construir áreas de esportes e lazer na modernização e ampliação da Avenida Monsenhor Eduardo, realizando obras sociais para atender à população carente da cidade. Este projeto visa atender minimamente as demandas das comunidades carentes. Já o segundo, apresentado por Virgílio Galassi, tem planos moderníssimos para Uberlândia, como a construção de um metrô na cidade. O Jornal local apresenta os projetos deste governo municipal sempre como preparação da cidade para o futuro, direcionando o município a uma grande metrópole inspirada e idealizada no molde das grandes cidades brasileiras, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. O caráter de idealização progressista é exagerado, pois Uberlândia no período ainda não tinha atingido os seus atuais 600.000 mil habitantes. Assim, seria economicamente inviável um investimento tão alto, já que a população que apresenta a demanda de um metrô.

³³ GRAMSCI, 1989, apud BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 152.

³⁴ EXISTEM 4 SUGESTÕES PARA AV. MONSENHOR. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, p.10, 20 jul. 1991.

O discurso progressista não nos assusta, pois Uberlândia, em sua idealização de progresso, sempre almejou a modernidade acima dos padrões reais da cidade. Assim, podemos observar neste discurso uma Uberlândia dirigindo-se a passos largos e compridos para o futuro, sempre objetivando o progresso, mesmo que este gere altos custos aos cofres públicos.

Uberlândia, nas primeiras décadas de 2000, realiza uma corrida para mostrar-se uma grande cidade como as metrópoles nacionais. Diante disto, apresentaremos a cidade realizando grandes obras, duplicação de rodovias, construções de vários viadutos etc. Isto tudo tentando equiparar Uberlândia às grandes metrópoles nacionais, através de grandes construções que transformam-se em monumentos para as administrações municipais do período, referendando seus feitos na memória do povo. Nesta parte do trabalho procuraremos evidenciar a busca de uma idealização de grande cidade progressista, almejada para Uberlândia e estabelecida por meio de obras arquitetônicas desenvolvidas na cidade.

Também discutiremos estas obras como benfeitorias, pois elas modificaram as formas de viver de várias pessoas em Uberlândia e afetaram positivamente as formas de viver de uma parte da população.

No período o Jornal Correio de Uberlândia lançou algumas reportagens relatando o valor dos investimentos nos monumentos da cidade, no período que queríamos mostrar.

Tabela 1 – Relação de valor e local das obras em rodovias inauguradas no início de 2009, conforme Jornal Correio.

OBRA	LOCAL	VALOR
Trincheiras	Entroncamento das BRs 050 e 365	R\$ 12,8 milhões
Viaduto simples	BR-050 sobre rua Haia (parte superior)	R\$ 1,7 milhão
Viaduto pista dupla	BR-452 e av. Anselmo Alves (sentido Araxá)	R\$ 1,5 milhão
Viaduto simples	BR-452 sobre a BR-050	R\$ 1,5 milhão
Viaduto pista dupla	BR-050 e av. Anselmo Alves (sentido Uberaba)	R\$ 1,4 milhão
Total		R\$ 18,9 milhões

Aqui a reportagem relata os valores gastos no complexo de viadutos.

O valor do contrato empenhado para construção do complexo de viadutos próximo ao Parque do Sabiá que faz parte do 1º lote da duplicação da BR-365 é de R\$ 93 milhões, dos quais já foram gastos cerca de 75 milhões. Segundo João Andréa Molinero Júnior, supervisor do Dnit, estão garantidos outros R\$ 77 milhões para obras não previstas no projeto inicial.³⁵

Através destas notícias, divulgadas pelo Jornal Correio de Uberlândia, queremos questionar os altos investimentos dos governos, municipal e federal, na concretização de tantas obras. No período nos bairros São Francisco, Prosperidade, Joana Darc e Shopping Park ainda não havia asfalto ou encanamento de esgoto. Estes bairros não possuem escolas para atender toda demanda de alunos. Diante disso, seus estudantes deslocam-se para escolas distantes, localizadas em bairros vizinhos. Nestes bairros não há hospitais, muitos deles não possuem postos de saúde; assim, seus moradores também se deslocam para bairros vizinhos ou distantes por atendimento médico-hospitalar. Sabendo que Uberlândia, neste período, carecia de investimentos em áreas sociais, principalmente nas áreas de saúde, educação e infra-estrutura, para os bairros periféricos, onde residem as populações mais carentes da cidade.

Percebo que há interesse em não realizar investimentos sociais, visando melhorias das infra-estruturas dos bairros carentes da cidade. Também percebo interesse nos altos investimentos nas construções das obras citadas pelo jornal. Acreditamos que os altos investimentos, nas construções do viaduto ocorreram porque Uberlândia, ao longo do tempo, não poupou esforços nem dinheiro para realizar grandes construções de concreto que representem o progresso da cidade. Nossos dirigentes nunca pouparam nem esforços nem dinheiro para colocar nossa cidade entre as metrópoles mais ricas, prósperas e produtivas do cenário nacional. Os dirigentes da cidade sempre procuram vender a imagem de Uberlândia como uma das metrópoles nacionais, como uma das maiores cidades do interior do Brasil.

Santos e Abreu, em seu texto historiográfico, mostram-nos o interesse das cidades progressistas em procurar se destacar como metrópoles ou centros regionais.

É importante ressaltar a importância da cidade como um 'centro regional', isto é, como um pólo econômico e político. Por concentrar em sua sede um bom número

³⁵ OBRAS DE COMPLEXO DE VIADUTOS SERÃO LIBERADAS SEMANA QUE VEM- MANUELLA GARCIA. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, p.B1, 04 fev. 2009.

de estabelecimentos comerciais, diariamente a cidade recebia compradores/vendedores dos mais variados produtos.³⁶

Para realizar a concretização da idealização almejada pelos dirigentes de Uberlândia, como uma grande metrópole, é necessário construir grandes obras que mostram a exuberância desta cidade. Assim é necessário construir vários monumentos de concreto para mostrar a grandeza da cidade. Diante disto, os dirigentes da cidade vão construir o estádio Parque do sabiá, a Arena Sabiazinho, o Teatro Municipal (semi construído), o parque de exposições CAMARU, o gigantesco clube Parque do Sabiá, com áreas de atletismo, zoológico, parques infantis e piscinas. Entre os grandes monumentos estão ainda os viadutos e as grandes avenidas para apresentar Uberlândia como uma cidade progressista e moderna do interior, equiparada às grandes cidades brasileiras. No texto de Santos e Abreu percebemos como é importante para os dirigentes buscar o progresso e formar uma cidade modelo.

Os discursos dos administradores, no sentido de mudar esta situação, dão-nos uma dimensão de uma ‘cidade-modelo’, que seria marcada pelo progresso; e de uma ‘cidade possível’, longe de alcançar este estado. As reformas da cidade propostas por eles, vistas aqui como um conjunto de obras, com o objetivo de remodelá-la, embelezá-la, ou pelo menos, para adequá-la, a exemplo de outras cidades do país, aos padrões vigentes naquela época, resultaram numa maior ampliação do controle do território urbano por esses administradores.³⁷

O intuito dos dirigentes da cidade no período, em utilizar as notícias veiculadas pelo Jornal Correio de Uberlândia, era promover o desenvolvimento da cidade nas mesmas proporções das cidades de outros estados brasileiros, especialmente os situados no litoral, vistos como representantes da cultura “civilizada”.

Observamos a construção destes monumentos como uma forma de rememorar os grandes feitos dos administradores de nossa cidade, pois todas as vezes em que se remete a estas construções remete-se à gestão que as construiu. Olhamos estas construções como uma forma de as elites apoderarem-se da memória popular, através da rememoração dos seus monumentos.

³⁶ SANTOS, Wallace Ferreira; ABREU, Jean Luiz Neves. “Modernização e utopias: projetos de transformação urbana no município de Governador Valadares (1960-80).” Vitória: In: **Revista Ágora**, nº 10, 2009, p.08.

³⁷ Id, p.08.

Em sua obra³⁸, Marta Emisia Jacinto Barbosa procura fazer leituras de autores que tratam da temática memória, imprensa e poder. Ela procura enfatizar a autoridade e o poder intelectual e moral da mídia em exercer influência sobre uma sociedade. A autora dialoga com obras que apresentam os meios de comunicação como instrumento a serviço do poder. Assim, dialoga com produções historiográficas de Marialva Barbosa, Marilena Chaui e Beatriz Sarlo³⁹. Marta Barbosa afirma que os Jornais selecionam e determinam o que deve ser lembrado ou esquecido, chegando a tornar-se “senhores da memória”. A autora expõe a articulação entre memória, imprensa e poder. Ela esclarece que os meios de comunicação atuam como uma espécie de “poder”. Segundo Barbosa os meios de comunicação são conduzidos pelo capital, praticam intervenções na sociedade e possibilitam a produção da memória.

Agora, iremos mostrar uma notícia veiculada pelo Jornal Correio de Uberlândia que busca justificar as construções realizadas pela administração pública. Nesta notícia percebemos o tom de propaganda revelado pela imprensa, tentando dar função social às obras.

Os meses de duração das obras do complexo de viadutos ao lado do Parque do Sabiá ainda acarretam expectativa e impaciência aos que transitam pelo local. A maioria reclama da fraca sinalização nos trechos de construção. Para o mecânico de avião Ricardo Andrade, que trabalha no aeroporto e mora no bairro Custódio Pereira, “a obra já deveria estar pronta”.

Ele é um dos moradores que serão diretamente beneficiados com a criação de uma trincheira, que vai desafogar o trânsito na área urbana, e, principalmente, a construção de quatro viadutos na Avenida Anselmo Alves dos Santos, que vão facilitar o acesso entre os bairros próximos ao aeroporto às principais avenidas da cidade: João Naves de Ávila e Rondon Pacheco.

“Para o lado que eu moro não tem nada, porque Uberlândia começa depois da rodovia. Por isso eu sempre tenho que passar pelo local para chegar ao centro”, disse Andrade.

O contador João Soares “não vê a hora de usufruir das melhorias. Ele explica que vai economizar combustível e tempo no deslocamento entre a matriz e a filial da empresa onde trabalha, que ficam no distrito industrial.”⁴⁰

³⁸ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. “Sobre história: imprensa e memória”. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, 2006. p.262-272.

³⁹ Ver: BARBOSA, Marialva. **Imprensa, poder público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)**. Universidade Federal Fluminense, Niterói. 1996. 413p. Tese (Doutorado em História).

CHAU, Marilena. A questão central: os meios de comunicação como poder. In: **Simulacro e poder. Uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.p. 72-78.

SARLO, Beatriz. A história contra o esquecimento. In: **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 35-42..

⁴⁰ GARCIA. Manuella. Obras de complexo de viadutos serão liberadas semana que vem. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 04 fev. 2009. p. B2.

Com base nas leituras das notícias do Correio, percebe-se que havia uma intenção ora dissimulada, ora explícita, em reforçar os discursos dos entrevistados, em apoiar as obras realizadas pelas administrações públicas. Assim, a notícia transmitida pelo jornal tinha o intuito de mobilizar a população a favor das grandes construções, aprovando os grandes gastos das administrações públicas nas obras de concreto. Observamos nisto um fator importante na definição do papel da imprensa como propaganda comercial dos poderes instituídos, “vendendo” seus feitos para a população através do apoio da fala de membros da sociedade uberlandense.

Em relação a estas obras construídas, queremos realizar alguns questionamentos e discussões, relatando que elas afetaram o cotidiano e o modo de viver de alguns moradores e trabalhadores. Primeiramente, em relação à trincheira construída na BR-050, entre os bairros Custódio Pereira e Tibery; tal construção afetou diretamente a vida dos trabalhadores e comerciantes desta localidade. No local onde foi construída a trincheira há um posto de gasolina chamado Posto da Matinha. Com a inauguração da trincheira os carros que circulam na rodovia BR-050 não avistam o posto. Desta forma, para acessar ao tal posto os veículos devem realizar um desvio. Isto fez diminuir drasticamente o movimento de clientes no Posto, reduzindo assim as vendas do estabelecimento. Diante disso, seus proprietários cercaram uma grande parte do posto onde funcionava seu estacionamento público gratuito e transformaram-no em estacionamento privado.

A problemática disso tudo é o fato de várias pessoas viverem indiretamente da circulação de veículos e de pessoas no posto. Havia várias lojas, agenciadoras de cargas, oficinas, borracharias, restaurantes e bares em volta do posto. Estes estabelecimentos comerciais sobreviviam dos veículos e das pessoas que circulavam no posto. Em volta do posto criou-se uma rede de trabalho dependente de sua clientela. Nesta rede de trabalho encontram-se vendedores ambulantes, vendedores das lojas, mecânicos, eletricitas, borracheiros, prostitutas, “gays”, “chapas” etc. Assim a queda do movimento da clientela do posto resultou, indiretamente, no fechamento de várias lojas e oficinas, diminuindo drasticamente o número de trabalhadores no local. Na construção da trincheira, a administração municipal e a imprensa somente preocuparam-se em construir uma trincheira em forma de viaduto para assemelhar Uberlândia às grandes cidades modernas, inquietaram-se somente com a acessibilidade do trânsito e não com as relações sociais e comerciais existentes no local. A construção da trincheira contribuiu para o desemprego de muitos trabalhadores, em diversos setores em volta do posto. Acredito que o desemprego

nas famílias brasileiras pode afetar diretamente o social, causando mendicância, indigência, furtos, roubos e falta de moradias.

Em relação aos dois viadutos realizados na Av. Anselmo Alves, observamos que estas obras foram construídas para que os visitantes de Uberlândia não vissem as mazelas sociais da cidade. Assim, constrói-se uma via de acesso do aeroporto diretamente à prefeitura municipal e ao centro de Uberlândia, com o intuito de mostrar as grandes avenidas da cidade, revelando Uberlândia como uma metrópole regional com grandes avenidas e grandes monumentos. A intenção dos dirigentes não foi somente melhorar e beneficiar as pessoas que moravam em comunidades locais. Pois após construírem os viadutos, os dirigentes da cidade fecharam uma via que dava acesso há vários setores da cidade, aos bairros Custódio Pereira, Alto Umuarama, Umuarama, Aclimação, Dom Almir, Joana D'Arc, São Francisco e adjacências, tudo em prol de uma ampliação futura do aeroporto de Uberlândia. O fechamento desta via de acesso obrigou a população local a realizar um trajeto maior para chegar às escolas, hospitais e locais de trabalho.

Diante disto, percebemos que a administração municipal somente procurou atender o interesse das elites dominantes do município, melhorando o acesso destas classes ao aeroporto, pois quem mais utiliza o aeroporto da cidade são os grupos que detêm o poder no município. Nesta construção o interesse da população carente foi esquecido. Para nós o mais impressionante foi que os poderes municipais fizeram um discurso por meio do jornal de que os viadutos trazem benefícios para os usuários do local. Perguntamos: quais usuários? Por que não manter a outra via de acesso funcionando? Por que fechar e interditar uma obra construída e pronta? Qual interesse por trás deste fechamento? Acreditamos que a interdição desta rua foi feita porque ela dava acesso dos visitantes e da sociedade aos bairros Dom Almir, Joana D'Arc, São Francisco e adjacências. Os governantes do nosso município têm o hábito antigo de esconder as mazelas sociais da cidade, porque estes locais são mal vistos pela sociedade uberlandense pelo fato de lá viverem os excluídos do município, também pelo fato de lá concentrarem-se grande parte dos miseráveis, dos pobres e das favelas da cidade. Observamos que cada grande construção em Uberlândia tem o interesse de apresentar o município como uma grande metrópole regional-nacional, sob a idealização das elites dirigentes, e para isso elas camuflam suas idealizações por meio das notícias publicadas pela da imprensa. Neste caso, o jornal procura apresentar as obras como benfeitoria para a população local.

Outra discussão em que vamos “entrar” são as notícias que expõem as travessias das rodovias da cidade por meio de passarelas. Nestas reportagens, o Jornal Correio de

Uberlândia mostra a travessia em passarelas como uma benfeitoria para a população por reduzir o perigo de atropelamentos. As notícias criminalizam os pedestres que não passam nas passarelas. Contudo, as notícias não discutem as obras, que modificam os costumes e os modos de viver da população afetada por estas construções. Ao colocar barreiras nas rodovias as administrações públicas modificam os costumes e os modos de viver das populações locais, modificam o acesso das pessoas aos bairros da cidade. Entretanto o mais grave são as pessoas serem criminalizadas pelos seus costumes e maneiras de viver.

O jornal tenta criminalizar os pedestres por não utilizarem as passarelas para atravessar as BRs. A acusação contra os moradores do local são realizadas, muitas vezes, no enunciado da notícia.

O motorista Josafá dos Reis Ferreira, 45 anos, utiliza a entrada irregular durante a semana. “para evitar o retorno à entrada principal, entro por este acesso, tenho o tempo reduzido e, por isso, chego mais rápido ao meu destino”, disse. Solange Rodrigues da Silva, 35 anos, moradora do bairro Joana D’Arc, também se aventura na travessia insegura. “Como venho pela Rua Cambará, já atravesso a BR para buscar, a 2 Km daqui, alfaces que comercializo na cidade”, disse.

O supervisor do Dnit, João Andréa Molinero, afirma que está sendo feito um levantamento no estado e já estão prevista a execução de duas passarelas na BR-365. “Além das passarelas inseridas neste projeto, outras serão realizadas totalizando dez passarelas nas três rodovias que cortam a região de Uberlândia disse Molinero.⁴¹

Notamos aqui, nestas reportagens, que as construções das barreiras dificultam a transposição das BRs. Antes os pedestres transpunham BRs e não eram penalizados, pois não existiam lugares específicos para eles atravessarem. Assim, as duplicações das rodovias, juntamente com a construção das barreiras, vão determinar lugares específicos para os pedestres passarem. Estas construções modificam os costumes e os modos de viver destas comunidades locais, dificultando o acesso destas pessoas que antes era livre e sem impedimentos.

A construção também afetará os comerciantes que possuem seus estabelecimentos comerciais à beira da rodovia. Geralmente o comércio à beira da rodovia visa atender quem circula pelas rodovias. As construções das barreiras fazem que os motoristas somente comprem dos comércios aos quais têm acesso sem a transposição das barreiras. Atravessar as rodovias para comprar mercadoria era uma prática cotidiana dos motoristas em Uberlândia, atualmente passou a ser um crime, penalizado pelos jornais locais. Acredito que

⁴¹ PEDESTRES ADMITEM TRAVESSIA PERIGOSA EM BRs. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p.A6, 30 nov. 2009.

a construção das barreiras afetou a forma de viver dos motoristas e comerciantes à beira das rodovias em nossa cidade.

Os trabalhadores transpunham a rodovia para chegar aos seus trabalhos rapidamente. Com a construção das barreiras nas rodovias os trabalhadores necessitam caminhar muitos quilômetros para transpassar as rodovias e chegar ao trabalho. Acredito que as barreiras interferiram nas maneiras de trabalho das pessoas que trabalham e vivem naquele local.

As passarelas de rodovias são construções que queremos discutir nesta produção historiográfica. Estas passarelas são projetadas pelos engenheiros de trânsito para locais de pouca movimentação de pedestres. Os engenheiros não estudam nem solicitam informações dos usuários sobre um melhor local para colocar as passarelas. Assim, eles instalam as passarelas em locais que não atendem aos usuários. Outro problema é o caso de haver um número pequeno de travessias comparado à extensão em quilômetros das rodovias. Acredito que o mau posicionamento das passarelas e as distâncias existentes entre elas fazem seus usuários preferirem pular as barreiras ao invés de andar quilômetros, ou centenas de metros, para utilizarem as passarelas.

Nesta outra reportagem, os jornais criticam pessoas por transpassar linhas férreas. O enunciado da notícia volta a destacar negativamente a ação dos pedestres.

Dezenas de pedestres arriscam diariamente no Alto do Umuarama cruzando a via férrea através de passagens clandestinas nos fins das avenidas João Pinheiro e Afonso Pena. As passagens muitas vezes ficam a poucos quarteirões de vias regulares.⁴²

Nesta notícia, queremos mostrar que as vias regulares estão localizadas onde não atendem aos pedestres. Por que não mobilizar os órgãos públicos para construir passarelas para atender à população ao invés de criticar a ação dos pedestres? Noto as reportagens do jornal buscam somente legitimar os poderes instituídos, apoiando os dirigentes da cidade. Qual interesse em mostrar negativamente uma travessia? Por que não criticar os órgãos públicos para que construam passagens nestes locais com o intuito real de melhorar o acesso das pessoas das comunidades locais? Diante disso, percebemos que as notícias procuram legitimar as obras dos dirigentes da cidade, sempre procurando apoiar e legitimar as estruturas do poder.

⁴² PEDESTRES ARRISCAM EM PASSAGENS CLANDESTINAS. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p.A1, 28, nov. 2009.

Assim, percebemos que toda reportagem veiculada pelos jornais deve ser levada à crítica, para podermos observar o fundo de verdade existente por trás das notícias veiculadas pela mídia e pelos jornais, para percebermos as sutilezas utilizadas pela mídia ao mobilizar a população em prol dos projetos dos poderes constituídos. Para Barbosa toda informação ou notícia está carregada de projetos políticos e ideológicos, dos escritores ou de uma classe.⁴³

Diante das colocações de Barbosa, percebemos a influência do Jornal Correio de Uberlândia exerce sobre a opinião pública, criminalizando as travessias de pedestres em locais não determinados pelos poderes públicos. Suas colocações também esclarecem as estreitas relações da imprensa com os poderes locais constituídos, com os gestores municipais do período. As colocações de Barbosa esclarecem que na mídia, representada pelo jornal, também há interesses políticos e econômicos que definem os projetos de progresso para a cidade de Uberlândia. Assim, a imprensa passa a condenar todos os atos que vão contra os projetos de modernização da cidade, idealizados pelos governos locais que detêm o poder constituído.

1.3- Cidade progresso e a preservação Ambiental

A administração municipal de Uberlândia, atuando na idealização do desenvolvimento e progresso da cidade, cria algumas leis ambientais para urbanizar a cidade de acordo com a preservação ambiental. Entretanto, percebemos nesta legislação ambiental algumas artimanhas utilizadas pelos governos uberlandenses para viabilizar seus projetos de modernização da cidade. Neste caso, a legislação ambiental serve para retirar “favelas” e

⁴³ Ver, BARBOSA, Marta Emília Jacinto. “Sobre história: imprensa e memória”. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, p.262-272, 2006.

desapropriar a população instalada em regiões brejeiras e ribeirinhas (às margens do Rio Uberabinha e seus afluentes). Em relação ao “desfavelamento” da população ribeirinha da cidade, vamos discutí-lo em outro tópico de nosso trabalho. Em outros momentos, observamos o poder municipal utilizar do discurso de preservação ambiental para fomentar o comércio e o turismo da cidade, favorecendo empresas privadas. Assim, vamos discutir as desocupações ocorridas na cidade de Uberlândia, tanto em áreas legais como ilegais. Também vamos indagar sobre a vocação progressista da cidade, relatando a grande propaganda da cidade voltada para o progresso.

Para realizar esta discussão começaremos pelas reportagens sobre a criação de parques lineares na cidade durante a década de 90. Os parques públicos seriam construídos às margens do rio Uberabinha e seus afluentes. Mostraremos como as ações implantadas pelos poderes públicos interferem nos viveres das pessoas que residiam à beira do rio ou de seus afluentes.

Na Rua do Cedro, um produtor de cabras terá que sair do local dentro de um mês, porque a prefeitura vai desapropriar a área para fazer o parque linear do Uberabinha Na Avenida Constelação, no bairro Maravilha [região norte da cidade], órgãos ambientais têm pressionado o proprietário de uma chácara a vender a área para sair das margens do córrego Buritizinho.

O dono das vacas que pastam próximo ao córrego do Óleo [região Oeste] também sabe que um dia terá que deixar o local. Cleuton Pereira, 56 anos, e há 15 anos mora na Rua Rio Paranaíba, no bairro Nosso Lar. “ Se eu acho que um dia tudo isso vai virar um espaço urbanizado e eu vou ficar espremido aqui? Não acho, não, tenho certeza.”⁴⁴

A notícia mostra que a legislação criada pelos poderes municipais força donos de casas ribeirinhas a abandonarem suas residências, em prol da construção de parques lineares que têm o intuito de apresentar Uberlândia como uma cidade moderna. A reportagem procura minimizar as tensões que envolvem desapropriações, pois através da notícia notamos que o Jornal tem interesse na construção dos parques lineares. Desta forma, o modo de viver, a experiência de vida e a vontade dos moradores ribeirinhos são desconsideradas nas notícias veiculadas pelo jornal da cidade. Percebemos na ação da prefeitura uma forma de espremer e pressionar os ribeirinhos para fora da grande cidade. Nestas desapropriações, quero despertar a atenção para os interesses por trás das desapropriações. Acredito que as desapropriações das áreas ribeirinhas, para construção de parques lineares, contêm interesses imobiliários, devido

⁴⁴ MENDES, Dolores. Estilo. Vida rural na cidade está com os dias contados. **Correio de Uberlândia**. *Cidade*, Uberlândia, 13 abr. 2008, p.B1, apud FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p.95.

à questão da valorização de terrenos e imóveis locais. Assim, considero que há interesses diretos e indiretos na construção dos parques lineares: um deles é tornar a cidade moderna aos moldes das grandes metrópoles nacionais, o outro é a valorização de imóveis em torno dos parques lineares.

Esta reportagem mostra que a preservação ambiental não é a intenção dos governantes municipais por trás das desapropriações das áreas ribeirinhas, mas sim o desenvolvimento da cidade, tornando o município uma moderna metrópole regional-nacional. Assim, questionamos novamente qual a real função dos parques lineares para cidade de Uberlândia. Acreditamos que a justificativa é o fato de Uberlândia não aceitar os viveres rurais dentro dos limites urbanos. Contudo, percebemos que as elites dirigentes observam estas propriedades como um obstáculo aos projetos de desenvolvimento da cidade rumo ao progresso. Também observamos que a construção dos parques lineares gera a valorização de terrenos e imóveis na cidade, atendendo aos interesses de uma parte da população e desfavorecendo as populações ribeirinhas.

Barbosa, no seu artigo, dialoga com Daniel Herz⁴⁵ para mostrar as relações empresariais entre as emissoras de televisão, emissoras de rádio, jornais, revistas e editoras com os grupos nacionais, regionais ou locais. Sua intenção é mostrar a mídia atuando como força social, guiada por interesses políticos e econômicos que definem projetos para a sociedade.⁴⁶

Assim, percebemos que a mídia da cidade, representada pelo Jornal Correio de Uberlândia, tem o interesse de justificar a construção dos parques lineares na cidade. Desta forma, muitas reportagens do Jornal Correio de Uberlândia, realizadas no ano de 2007, vão mostrar os parques lineares de forma positiva para cidade, isentando a prefeitura dos descasos realizados com a população ribeirinha.

O trabalho faz parte do plano diretor criado em outubro do ano passado [2006] por órgãos públicos municipais e pela comunidade para garantir, por meio de lei, a preservação do meio ambiente. O plano diretor prevê a recomposição de áreas degradadas e a construção de parques lineares ao longo das margens dos córregos espalhados pela cidade. (...)

⁴⁵ Daniel Herz, responsável pela pesquisa “Os donos da mídia”, e pelo Infográfico que mostra os quadros das bases de poder político econômico constituído pelas redes privadas de televisão no Brasil. Cf. notas 4 e 5 do artigo “Sobre história: imprensa e memória”. Ver: BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. “Sobre história: imprensa e memória”. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, 2006 p.264.

⁴⁶ BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. “Sobre história: imprensa e memória”. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, p.262-272, 2006.

Ao todo, o plano diretor prevê a construção de 11 parques lineares nos córregos Liso, Lagoinha, Bons Olhos, Guaribas, Campo Alegre, Dos Cavalos, Buritizinho e Buriti e aqueles que deságuam na bacia hidrográfica do rio Uberabinha terão suas margens transformadas em áreas de recreação e lazer.⁴⁷

Esta notícia mostra que o plano diretor da cidade objetiva garantir, por meio de lei, a preservação do meio ambiente da cidade. Assim, a legislação municipal vai viabilizar a desapropriação de várias residências para construir áreas de recreação e lazer ao longo das margens do Rio Uberabinha e seus afluentes. Questionamo-nos se estas obras visam realmente preservar o meio ambiente, pois a construção arquitetônica de parques lineares com áreas de lazer e entretenimento não visa revitalizar as margens dos córregos ou do rio. A meu ver, obras de concreto não são realizadas para a preservação do meio ambiente, ao contrário, geram poluição ambiental. Outra questão importante é se a administração pública municipal está construindo obras sociais para população de Uberlândia ou retirando as chácaras dos limites urbanos do município, para longe dos olhos públicos, para não sujar a imagem moderna de nossa cidade.

A administração municipal, como em outros períodos, procura ainda utilizar-se do *Jornal Correio* para realizar entrevista com a população local procurando mobilizar a opinião pública a favor das construções dos parques lineares. Estas entrevistas têm o intuito de mostrar o povo falando para gerar uma sensação de familiaridade entre o entrevistado e a população para conquistar a opinião pública.

Nesta reportagem o jornal procura utilizar da opinião pública para legitimar as construções dos parques lineares realizadas pela administração municipal. Podemos observar as sutilezas utilizadas pela imprensa para legitimar as ações de quem está no poder.

Quem passa pela Avenida Antônio Francisco Lisboa, no bairro Jardim Inconfidência, já pode observar várias mudanças no local. A Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente começou na semana passada os trabalhos de limpeza das margens do córrego Lagoinha para continuar a construção de um parque linear no local. (...)

Após a limpeza e terraplanagem será feito um trabalho de revitalização da área, com o plantio de gramas e árvores, iluminação pública, construção de calçadas, faixas separadas para ciclovias e caminhada, instalação de equipamentos para exercícios

⁴⁷BARBOSA, Lucas. Jardim Inconfidência. Limpeza dá continuidade a obras de parque linear. **Correio de Uberlândia**. *Cidade*, Uberlândia, 18 set. 2007, p.B2, apud. FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p.50.

físicos, espaços de lazer e principalmente de conscientização ambiental dos moradores da região para evitar que a área volte a ser poluída.⁴⁸

Esta reportagem mostra que o Jornal Correio enaltece as obras desenvolvidas pela administração pública. Assim, percebemos no discurso da notícia o apoio às obras realizadas pela administração municipal. Vejo que a intenção do governo municipal não é somente revitalizar e preservar áreas ribeirinhas, mas realizar construções que mostrem Uberlândia como uma cidade moderna, ao patamar das grandes metrópoles regionais.

Esta outra notícia, publicada pelo jornal, também procura justificar a construção dos parques lineares. Há uma seleção realizada pelo jornal escolhendo os moradores favoráveis à construção dos parques lineares, para legitimar as ações dos dirigentes da cidade.

“Agora está até mais bonito. Antes era um descaso total, as pessoas evitavam passar por essa região devido ao mau cheiro que era. Vamos ver se a prefeitura vai fiscalizar para não deixar o povo vir de outros bairros despejar lixo aqui”, ressaltou a dona de casa Maria de Fátima da Luz, que mora na avenida em frente o córrego.⁴⁹

As notícias visam mostrar os parques lineares como benfeitorias para a população, mostrando estes parques de forma positiva. Os meios de comunicação, através da imprensa, procuram mobilizar a opinião pública em prol da construção dos parques lineares. Desta forma, a imprensa mobiliza a opinião pública para justificar as desapropriações, as expulsões de moradores para se construir os parques lineares. Algumas reportagens, sobre os parques lineares às margens do Córrego do Óleo, região oeste da cidade, destacam as construções das APPs (Áreas de Preservação Permanentes). Contudo, as reportagens se limitam à formulação de uma mensagem otimista, sobre as melhorias para a cidade, com a proposta de não evidenciar as tensões sociais.

O que antes era um cenário de lixo, descaso e abandono agora se transforma em local de lazer e valorização da natureza. A segunda etapa da construção do parque linear do Córrego do Óleo, nas Chácaras Tubalina, está em andamento, o que deixa a vizinhança cheia de expectativa. A previsão é de que a obra, que vai exigir um recurso de R\$ 350 mil, esteja pronta dentro de 120 dias. O projeto prevê a construção de três quilômetros de calçadas para caminhada, plantio de grama e árvores.

Os moradores que há muito aguardam as melhorias, não vêem a hora de a obra ser construída. “Adoro esse lugar. Acordo de manhã com os pássaros cantando e é a coisa mais linda”, conta a professora Lúcia Helena Teixeira, que espera abrir a

⁴⁸ Id. Ibid, p.50.

⁴⁹ Id. Ibid, p.66.

janela de seu apartamento, em frente ao córrego, e ver uma jardinagem bem-feita que preserve a mata ciliar. “Bastante iluminação e passarelas para as pessoas atravessarem de um bairro para o outro seriam muito bem-vindas para aumentar a segurança aqui” diz. Contente com o início do calçamento, o médico-veterinário Célio Rodrigues também espera ansioso pela arborização.⁵⁰

Nesta notícia o jornal procura novamente a mobilização da população em prol da construção de parques lineares. Mostrando os parques lineares de forma positiva, sem discutir os conflitos originados da construção destes parques. Vamos mostrar outra notícia, em que se discute a legitimação dos parques lineares através das reportagens da imprensa. Assim, a imprensa mostra os parques como área de lazer, qualidade de vida da cidade, retrata os parques dentro da política de preservação ambiental. Notamos que existe no jornal uma intenção de propaganda em prol da construção dos parques lineares. Os governantes municipais ainda utilizam o jornal de uma forma sutil para atribuir a responsabilidade da preservação dos parques à população uberlandense. Diante disso, acreditamos que é preciso questionar o papel da imprensa, atuando como forma de controle social e servindo ao poder vigente.

Nós observamos que as notícias não só servem à mobilização pública em prol dos parques, mas têm também a intenção de conscientização da população da cidade para a preservação dos parques lineares. Desta forma os governantes do município conclamam a população não só a apoiar a construção dos parques, mas também a preservá-los. Nesta empreitada a imprensa é a maior aliada dos poderes públicos, procurando legitimar as ações públicas em prol das classes dominantes. Barbosa nos chama a atenção para o fato de que a imprensa é um agente social produtor de ações e intervenções. Segundo ela, nós historiadores devemos recompor os caminhos pelos quais as informações, as notícias e as publicidades se organizam, para desvendar as relações sociais e seus sentidos políticos. Ela chama nossa atenção para a diferença entre a imprensa como registro e a imprensa pensada como dimensão dos acontecimentos.⁵¹

Ainda na tentativa de legitimar a construção dos parques lineares através das falas das pessoas, o jornal agora tenta legitimar as obras trazendo a fala de um especialista, utiliza da

⁵⁰ MATUZIRO, Lorena. MEIO AMBIENTE. NOVO CENÁRIO DO CÓRREGO DO ÓLEO. *Correio de Uberlândia, Cidade*, Uberlândia, 24 dez. 2007p. A6, apud. FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p.92.

⁵¹ BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. “Sobre história: imprensa e memória”. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, 2006 p.269.

ciência para justificar as ações municipais ao construir os parques lineares. Neste caso a imprensa não utiliza a fala das pessoas da comunidade local, mas de um especialista para atribuir à população a responsabilidade de preservação dos parques lineares, retirando a responsabilidade dos órgãos municipais.

Apesar de considerar a construção do Parque Linear às margens do córrego do Óleo um passo importante para melhorar a qualidade ambiental da cidade, o professor geólogo Luiz Nishiyama afirma que falta ainda a conscientização da população, que segundo ele, tem que se sentir responsável pelo realizado. “A iniciativa deve partir de todos, e não somente do poder público. Mesmo porque, se as pessoas não entenderem a importância da preservação desses locais, tudo o que for feito será destruído”. Avaliou.

Nishiyama enumerou as vantagens da revitalização das margens dos córregos. “Uberlândia é meio carente em áreas de lazer. E esse projeto melhora o visual da cidade e a qualidade de vida, principalmente das pessoas que moram nas redondezas, além da preservação e recuperação da mata ciliar, é claro” destacou.⁵²

Através destas reportagens procuramos retratar como a imprensa vem sendo utilizada pelos poderes instituídos na cidade para concretizar a idealização progressista da cidade rumo a uma cidade moderna. Assim, o jornal realiza reportagens enfatizando os projetos de modernização da cidade, ele não se importa com as desapropriações nem com as questões sociais que elas acarretam. Segundo Barbosa, a imprensa não transmite notícias somente para informar. Para ela, as notícias também são transmitidas para ensinar, difundir valores, informar “consensos”, “verdades”. Segundo ela a mídia transmite aos espectadores “produto acabado”, sem outras opções de leituras.⁵³

Assim a prefeitura, através da legislação ambiental e da propaganda, procura acabar com os meios de vida rural e com as residências que representam estorvo para os seus projetos de desenvolvimento e progresso.

Enfatizando ainda a utilização de leis ambientais para regular os meios urbanos, observei que, em Uberlândia, os órgãos municipais regulamentam leis proibindo construções em áreas úmidas ou brejeiras. Contudo, percebi nestas leis um forte fundo político. Acreditamos que estas leis foram regulamentadas com a intenção de retirar moradores vistos

⁵²GARCIA, Manuella. PRESERVAÇÃO. POPULAÇÃO DEVE SER CONSCIENTIZADA, DIZ NISHIYAMA. **Correio de Uberlândia**, *Cidade*, Uberlândia, 20 mar. 2008, p.B2, apud. FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p.93.

⁵³ BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. “Sobre história: imprensa e memória”. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, p.262-272, 2006.

como indesejados pela administração municipal e pelas elites de Uberlândia. Observamos estas leis como uma forma de retirar as mazelas sociais de uma área considerada nobre na cidade. Os moradores removidos desta área, pobres ou miseráveis, são excluídos da sociedade uberlandense e considerados, pelas elites dirigentes do município, um obstáculo ao progresso, e devem, por isso, ser expulsos para as adjacências da cidade, com o objetivo de manter a imagem de uma cidade moderna e pobreza.

Observamos nesta legislação ambiental um meio da prefeitura ocultar as mazelas de Uberlândia e valorizar terrenos e imóveis da região, favorecendo o mercado imobiliário. Assim, observamos estas leis como uma prática utilizada pelos poderes constituídos para favorecer uma parte específica da população uberlandense. Assim, esta legislação ambiental é um instrumento que favorece a dominação de uma classe sobre a outra.

Nesta notícia iremos perceber como as leis ambientais servem para retirar moradores indesejados de locais estratégicos ou nobres da cidade.

Os proprietários dos lotes do Jardim Inconfidência, ou City Uberlândia, localizado na região do córrego Mogi, também vivem uma apreensão parecida e, ao que tudo indica, terão prejuízos. É que a prefeitura quer fazer valer a lei, do código de obras de 1950, que proíbe edificações em áreas úmidas que só podem ser usadas para fins de preservação. Portanto, nenhum dono será indenizado, pois não haverá desapropriação.

“Quando se trata de famílias carentes e que têm o registro do lote, situação da maior parte dos moradores das margens do Lagoinha, evidentemente que a prefeitura vai aloca-las para outro local. Mas, no caso do Mogi, os proprietários são pessoas que não dependem do terreno para fixar residência, já que estão vagos. Pressupõe-se, portanto, que são pessoas esclarecidas e que não podem dizer que a legislação mudou”. Justificou o secretário de planejamento urbano e meio ambiente, Cláudio Guedes.

Quanto às edificações já consolidadas, o secretário não confirma se serão afetadas, mas ele é enfático ao afirmar que não se pode construir em terrenos úmidos. “Estamos em um momento de reconhecimento da nova legislação ambiental irá resolver se essas casas serão mantidas ou não, mas desde 2002 que não liberamos mais alvarás para construções em áreas de brejo. Se existe alguma em andamento, está irregular e pode até ser embargada”. Alertou.⁵⁴

Notamos nesta discussão que há tratamentos diferenciados dos poderes públicos em relação à distinção dos moradores. Assim, os poderes públicos lidam de diferentes maneiras com os diferentes moradores ribeirinhos, pois há aqueles moradores que são retirados de qualquer forma, porque são indesejados pelas classes dominantes ou porque estão instalados em áreas que podem valorizar-se com a sua retirada, e outros moradores que exigem maior

⁵⁴ GARCIA, Manuella. CÓRREGO MOGI. PROPRIETÁRIOS NÃO PODEM CONSTRUIR EM ÁREAS ÚMIDAS. *Correio de Uberlândia, Cidade*, 20 set. 2007, p.B2, apud. FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p.85.

consideração pelos seus direitos. Também há moradores que legitimam sua permanência em áreas brejeiras pelos meios legais delegados pelo município.

Esta reportagem vai mostrar um morador que justifica sua permanência em local brejeiro ou úmido através dos meios legais, já delegados pelo município.

No entanto, o funcionário público Elias Pereira Moura, que está construindo uma casa de 277 metros quadrados em uma área brejeira no Jardim Inconfidência, disse que a obra foi autorizada, “comprei o terreno há mais de dois anos de um terceiro, mas consegui a autorização há menos de seis meses. Está tudo registrado e liberado”. Confirmou.

Elias Pereira se diz indignado por a prefeitura querer delimitar uma área de preservação se a mesma foi liberada para loteamento há muitos anos. “esse país é mesmo uma piada. O local já está desmatado e é uma besteira querer mexer nisto agora. Se for assim, por que então (a prefeitura) liberam construções em outros bairros? No Vigilato Pereira, por exemplo, muitas obras foram construídas sobre os brejos e tiveram de ser drenadas”, disparou o funcionário público.

De acordo com o Cláudio Guedes, quem possui esses terrenos deve acionar judicialmente o vendedor.⁵⁵

Em relação às desapropriações realizadas em regiões brejeiras, percebemos um interesse pessoal do poder público municipal em realizar desapropriações de moradores indesejados, porque em bairros como o Vigilato Pereira, citado pelo morador, foram construídas casas em locais brejeiros, mas os donos não foram incomodados. Notamos que o poder municipal utiliza-se da desculpa de revitalizar áreas chamadas brejeiras para retirar uma parte da população do bairro Lagoinha, considerada área nobre na cidade atualmente. Queremos explicitar que nestas áreas, antes de se tornarem “nobres” na cidade, não havia especulações imobiliárias ou públicas. Hoje, na visão progressista dos governantes da cidade, é necessário retirar a população carente e miserável das áreas centrais do município, é preciso retirar as mazelas da sociedade uberlandense da visão do povo.

As administrações municipais são contraditórias em relação à construção em áreas úmidas ou brejeiras da cidade, pois foram construídas várias obras em regiões brejeiras, em terrenos públicos doados pela prefeitura de Uberlândia. Até mesmo alguns locais públicos, como a prefeitura e a câmara municipal da cidade, foram construídos em regiões brejeiras às margens de um córrego. Desta forma os órgãos municipais, que deveriam proteger o meio ambiente, passam a agredi-lo. Além das construções às margens do córrego, a prefeitura ainda canaliza este córrego com o intuito de construir uma avenida para dar acesso à câmara

⁵⁵ Id. Ibid, p.88.

municipal e à própria prefeitura. A Avenida Anselmo dos Santos também teria a função de ligar o trânsito de bairros periféricos ao centro da cidade. Diante disso questionamos o porquê de a imprensa e a prefeitura não contestarem estas construções que agridem ao meio ambiente. Acredito que elas não contestam as construções que representam um benefício aos interesses das classes dirigentes de nossa cidade, porque elas visam aos supostos desenvolvimento e progresso da cidade.

O quartel de Bombeiros Militares de Uberlândia, localizado à Avenida Governador Rondon Pacheco, também é um órgão público construído em região brejeira. Nesta área foi necessário drenar pequenas represas e o brejo para realizar a construção da obra. O prédio da Justiça do Trabalho, construído na Avenida Cesário Alvim, às costas do quartel dos bombeiros, também foi construído em área brejeira que necessitou ser drenada. O Center Shopping Uberlândia e o supermercado Carrefour, localizados à Avenida João Naves de Ávila, também foram construídos em regiões brejeiras. Atualmente, no ano de 2010, o Center Shopping realizou um aumento de suas dependências, também em regiões brejeiras.

Diante dessas construções indagamos por que os órgãos municipais não tentam acabar com estas obras que agridem ao meio ambiente, mas que representam o “progresso” da cidade. Através destas construções percebemos interesses em reativar a lei ambiental de proibição de construções em áreas úmidas e brejeiras. Creio que as leis foram ativadas para retirar as pessoas indesejadas das áreas nobres da cidade levando-as para as adjacências do município, para fora dos “olhos” da opinião pública, para não denegrir a imagem de Uberlândia como uma cidade moderna e sem mazelas sociais. Assim, reafirmamos que há realmente interesses no fato de que se desapropriam determinadas residências na cidade de Uberlândia. Estes interesses circulam entre a busca do projeto progressista da cidade, interesses imobiliários e interesses sociais – a classe abastada procura isolar a menos favorecida nas áreas periféricas da cidade.

Ainda discutindo a legislação ambiental, que serve de ferramenta para os projetos progressistas da cidade, temos Freitas. A autora, em sua produção historiográfica, discute a preservação ambiental, que envolve religião e os interesses público e privado, em relação à preservação de determinados locais ribeirinhos da cidade. Apropriamo-nos do texto historiográfico de Freitas para mostrar que os poderes municipais e a legislação ambiental interferem nos modos de vida das pessoas de baixa renda que se utilizavam dos locais ribeirinhos para o lazer ou em seus cultos religiosos.

Nossa discussão começa com os poderes municipais, com o discurso de preservação das margens dos córregos afluentes do rio Uberabinha e do próprio rio Uberabinha. Com o discurso de preservação ambiental, o município e os órgãos municipais interditam a Cachoeira da Sucupira, com a desculpa de transformar as localidades da cachoeira em reserva ambiental. Porém, esta reserva ambiental será particular, com fins lucrativos, pois serão cobradas taxas de visitação da cachoeira. O local servirá como área de acampamento com toda infraestrutura, possuindo chalés e apartamentos, parque aquático e centro de convenções.

Diante disto questionamos: os poderes municipais queriam mesmo a preservação da área da cachoeira ou pretendiam selecionar os usuários da cachoeira? Sabemos que o local sempre foi local de lazer das camadas mais carentes da sociedade uberlandense. Para aprofundarmos esta discussão vamos mostrar a reportagem que mostra a interdição da Cachoeira da Sucupira.

UBERLÂNDIA – A partir da semana que vem a Cachoeira de Sucupira em Uberlândia será fechada. O local vai se transformar em uma reserva ambiental. As primeiras árvores de eucalipto já foram cortadas e o bar às margens do rio Uberabinha foi removido. Segundo Olavo Vieira da Silva, coordenador do projeto, eles pretendem fechar na próxima segunda ou terça feira porque no fim de semana seria informado à população, que tem o hábito de freqüentar. A cachoeira dos Amores no Córrego Estiva, afluente do Uberabinha, que também sofria degradação com rituais de candomblés, será fechada. Depois de três meses de planejamento as obras de construção do Parque da Cachoeira de Sucupira devem sair do papel. Quarenta e um hectares no entorno das duas quedas d'água serão transformados em uma reserva particular de preservação natural (RPPN). O projeto foi aprovado pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) e prevê várias ações. De acordo com outro coordenador do projeto, Eduardo Beviláqua, serão vistas a regeneração das margens e das raízes das árvores, a delimitação da construção dos equipamentos, das trilhas. A previsão é de que a área fique fechada inicialmente por, pelo menos, três meses. Tempo necessário para retirada dos eucaliptos, construção de sanitários e melhoras do acesso até a água. A segunda etapa do Parque Cachoeira de Sucupira Prevê a construção de restaurante, mirante e escadaria no paredão de pedra para facilitar o acesso. “A previsão é de que sejam investidos R\$1,3 milhão. Vamos buscar parceiros porque o objetivo da RPPN é preservar a área e não fazer exploração dos negócios”. Conclui Eduardo Beviláqua.⁵⁶

Através da publicação desta notícia percebemos que a intenção do projeto não é de preservação ambiental, pois os projetos visam à reestruturação dos locais ribeirinhos para atender ao interesse privado, para fortalecer o turismo de Uberlândia e para arrecadar verbas para o município. Para realizar o projeto ambiental os poderes municipais criam leis

⁵⁶ CACHOEIRA DE SUCUPIRA É FECHADA EM UBERLÂNDIA PARA IMPLANTAÇÃO DE PROJETO AMBIENTAL. Uberlândia. 13set. 2008.

Disponível em: <<http://megaminas.globo.com/noticias.asp?varcpassos=exibir&inteNoticiaID=11723>>. Cf.: FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p. 188-189.

ambientais que impedem a população pobre da cidade de frequentar determinados locais ribeirinhos da cidade. Assim, as administrações públicas passam a selecionar o público das regiões ribeirinhas, passando a atender aos interesses do capital e aos projetos de desenvolvimento e progresso da cidade.

Esta notícia relata que as regiões ribeirinhas vão servir como pólos de turismos do município. Assim, estes locais vão contribuir para que Uberlândia seja um importante centro de turismo da região.

O empreendimento ocupará uma área de aproximadamente 650 hectares de ambos os lados do Rio Uberabinha, entre a BR 050 e a Cachoeira de Sucupira. O Pólo de Turismo de Uberlândia apresenta em sua constituição os seguintes elementos: Alameda Central, Terminal Rodoviário com capacidade para 200 carros e 20 ônibus. Recepção com estacionamento para 6 mil veículos, Praça dos Estados, Praça dos Países, Trenzinho Mineiro, o único veículo de transporte coletivo do pólo. Complexo Hoteleiro com 200 apartamentos, Centro de Convenções, Hotel Fazenda com 180 chalés, Cidade da Criança, Centro Ambiental, Parque Aquático, Exotiquário, Acampamento, Camping Caiapó.⁵⁷

Através da reportagem acima, observamos o projeto de revitalização e preservação da cachoeira de Sucupira não como um projeto de preservação ambiental, mas como um empreendimento empresarial atendendo aos interesses do capital e aos projetos turísticos da cidade. Assim, observamos que as elites dirigentes de Uberlândia tentam fazer da cidade um pólo turístico da região. Com esta construção os poderes municipais procuram atender aos interesses da indústria turística da cidade, criam uma legislação ambiental para acobertar os interesses de desenvolvimento do município, tornando a cidade de Uberlândia pólo turístico da região do triângulo. Diante disto, percebemos que a imprensa e as leis ambientais servem de justificativa e legitimação para acobertar os interesses de Uberlândia rumo ao progresso, atendendo ao capital privado: “A imprensa, como ficou analisado aqui, nasceu com o capitalismo e acompanhou o seu desenvolvimento.”⁵⁸

Na próxima reportagem os poderes públicos municipais tentam legitimar a proibição do acesso das pessoas à região das cachoeiras, das obras de preservações ambientais. Para legitimar esta situação, os poderes municipais utilizam o jornal local para publicar reportagens com depoimentos de pessoas comuns da população que apóiam as obras. Nestas reportagens o Jornal Correio tem o papel fundamental mobilizar a sociedade uberlandense a favor das interdições, para legitimar os projetos modernistas da cidade. Para isso, é necessário

⁵⁷ Id. Ibid, p.189-190.

⁵⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**, 4ª ed., Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.X.

publicar notícias de apoio público aos projetos ambientais e turísticos da cidade. Diante disso, considero a imprensa muito importante para influenciar opiniões. Segundo Sodré “quem controla informação controla o poder.”⁵⁹

A salgadeira Maxilene de Oliveira Micloas freqüenta a Cachoeira de Sucupira, um dos cartões postais de Uberlândia, há 11 anos. Ela e o marido Waldecir Batista Cardoso levam as filhas Dara, de 10 anos, e Jade, de 4, para aproveitar os dias de sol. Nem os dois cães de estimação da família ficam fora do passeio. “trazemos comes e bebes de casa e passamos algumas horas desfrutando da natureza”, relatou a salgadeira. No entanto, o ambiente, que é uma opção de lazer para dezenas de famílias de Uberlândia, não recebe o devido cuidado por procurarem sossego em um local privilegiado pela natureza. A família de Maxilene reconhece que o lugar é sujo e, em alguns horários, mal freqüentado. “Vamos embora antes do meio dia, porque à tarde vira bagunça. Tem racha de moto na estrada”, contou a salgadeira. Perto da mesa onde a família estava, ela teve que retirar pedaços de cacos de vidro espalhados pela terra. “Falta conscientização. Nós fazemos questão de levar todo o lixo que trazemos”, assegurou.

(...)

A um quilômetro da Cachoeira de Sucupira, outra queda d’água atrai freqüentadores. A beleza natural da chamada Cachoeira do Amor, porém, entra em contraste com os inúmeros objetos espalhados pela terra. Velas, garrafas de bebidas alcoólicas, penas de aves, restos de comida e pedaços de pano vermelho comprovam que o local é freqüentado por macumbeiros – pessoas que realizam rituais de invocação de espíritos.

A situação é crítica. O lixo tomou conta de vários portos da área. Tem até uma placa de adoração aos orixás e à natureza. “Fomos lá duas vezes, para nunca mais voltar. É uma pena que as pessoas façam isso em um lugar tão bonito”. Lamentou Maxilene Oliveira.⁶⁰

As reportagens publicadas pelo Jornal Correio, além de procurar mobilizar a população em favor dos projetos de preservação ambiental, ainda procuram justificar seus projetos depreciando os frequentadores do local e o uso das cachoeiras em rituais religiosos. Assim, o jornal da cidade passa a criticar o uso das cachoeiras por religiões africanas e por serem frequentadas por pessoas de baixa renda. O discurso utilizado pelo jornal objetiva depreciar a religião, os costumes e o lazer das classes menos abastadas de Uberlândia. O discurso do jornal também visa mobilizar a opinião pública a favor dos projetos ambientais. Em relação aos discursos utilizados pelo jornal, Sader faz uma citação importante em seu trabalho historiográfico mostrando o poder do discurso dentro de uma sociedade. Sader, em sua obra, cita Foucault para mostrar a existência de relações articuladas entre discurso, poder e saber.

⁵⁹ Id. Ibid, p.XV.

⁶⁰ GARCIA, Manuella. Sucupira é desrespeitada. *Correio de Uberlândia, Cidade*. Uberlândia, 24, mar. 2008, p.A7, apud. FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas...* Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p.190.

É precisamente no discurso que se articulam o poder e o saber. E por essa razão mesma, é necessário conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função táctica não é uniforme nem estável. Mais precisamente: não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso acolhido e o discurso excluído ou entre o discurso dominante e o discurso dominado; mas como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem atuar em estratégias diversas. É a essa distribuição que é preciso resistir, com o que ela comporta de coisas ditas e coisas escondidas, de enunciações requeridas e das proibidas; com o que ele supõe de variantes e de efeitos diferentes segundo quem fala, sua posição de poder, o contexto institucional em que se acha colocado.⁶¹

Entretanto, para nós todo esforço desempenhado pelo jornal visava a atender aos interesses das classes abastadas da sociedade, levando Uberlândia ao desenvolvimento e progresso tornando a cidade pólo de turismo da região.

A notícia a seguir representa bem a atuação da imprensa procurando mobilizar a população em prol dos projetos modernos para a cidade, justificando a construção da “área de reserva” com fins turísticos. A notícia visa a desvalorizar as práticas culturais e religiosas “afros” realizadas nas cachoeiras. A notícia, publicada pelo jornal, procura depreciar as práticas culturais afirmando que elas agriem ao meio ambiente. Esta foi a maneira sutil utilizada pelos dirigentes da cidade, usando a imprensa para justificar o embargo das visitas das populações carentes aos locais ribeirinhos.

Talvez o nome Cachoeria dos Amores tenha inspirado os espíritas a fazerem seus “despachos” para os orixás, nas margens e dentro da queda d’água. Até aí tudo bem.

São rituais que têm a sua tradição, fazem parte da cultura e merecem respeito. O absurdo está no desrespeito, na incoerência destas pessoas que possuem, de maneira nojenta, um recanto da natureza que simboliza, para os espíritas, um altar. Velas vermelhas em forma fállica, cabrito morto, garrafas de cachaças, comidas, sacos plásticos e outras coisas irreconhecíveis, são espalhadas, não só nas margens do ribeirão da Estiva como dentro da cachoeira. A incoerência existe a partir do momento que estes espíritas cultuam a Oxum, Deusa dos rios, Xangô, Deus das pedreiras e cachoeiras, e Oxossi, Deus das matas, sem nenhum respeito ou consideração a essas forças da natureza. Façam suas festas, seus rituais, seus pedidos e seus feitiços, mas, pelo amor dos orixás, respeitem a natureza que é a casa deles.

Segundo José Espíndola, diretor do DMAE, esta área será cercada por tela, com um portão, para que se tenha controle da entrada dos “saravás” e dos “caminhões, que na calada da noite, saem carregados de madeiras.⁶²

Através da próxima reportagem, publicada pelo Jornal Correio, vamos observar como é contraditória a preservação ambiental de Uberlândia defendida pelos Órgãos municipais

⁶¹ FOUCAULT, apud. SADER, Eder. Idéias e Questões. In: **Quando novos personagens entram em cena**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988, p.59.

⁶² PAMPLONA, Gleides. Macumba dos amores: cachoeira virou local de magia e de mistérios. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 08 set. 1991 p.10.

como o DMAE (Departamento Municipal de Água e Esgoto), pois a legislação e o órgão municipal somente visam apoiar os projetos de desenvolvimento da cidade, a preservação defendida por esta entidade é contraditória, pois não visa o respeito ao meio ambiente, mas atender aos desejos das administrações municipais e seus próprios interesses. O DMAE, em um momento, defende a preservação ambiental dos córregos e cachoeiras, em outro, comete um grande crime ambiental prejudicando um córrego, uma cachoeira e toda fauna à beira deste córrego. Diante disto, afirmamos que os projetos de preservação ambiental na cidade servem ao poder e para garantir os projetos de desenvolvimento e progresso da cidade. Para expor toda esta discussão veja a reportagem a seguir .

A construção de barragem, vertedores e interligação no Ribeirão da Estiva é mais uma das obras do projeto “Água para um milhão de habitantes” do DMAE (Departamento Municipal de Água e Esgotos). O objetivo da obra é desviar o leito do córrego, através de um canal, para acionamento das turbinas da Sucupira. José Espíndola, diretor do DMAE, disse que irá fazer um reflorestamento na área desmatada e, junto com a Secretaria de Indústria e Comércio, possivelmente, transformará a área que inclui a Cachoeira do Amores num local de lazer. Marilena Schneider, geógrafa, questiona a execução da obra sem a expedição do RIMA (Relatório de Impacto ambiental) e acredita que, com o desvio do córrego, a cachoeira dos Amores poderá, praticamente, desaparecer.(...)

Marilena Schneider, geógrafa, acompanhou a reportagem do Correio até as obras no Ribeirão Estiva e avaliou: “as legislações municipais e estadual, estão sendo desrespeitadas. Primeiro com o corte do trecho de mata nativa, que está na faixa de preservação permanente, conforme lei, por ser mata de margem de rio. Segundo, a construção da barragem precisa passar por um processo de avaliação dos impactos ambientais, causados pela interferência no córrego (o ressecamento da cachoeira, a diminuição da umidade na área de mato que circunda a cachoeira).” Marilena Schneider critica a falta de sensibilidade administrativa quando diz: “estão estragando um local que poderá ter alto potencial turístico: proximidade da cidade, córrego de água limpa, cachoeira de fácil acesso, mata nativa com possibilidade de ser explorada com trilhas ecológicas e ainda utilizando como educação ambiental para estudantes das escolas locais”. Afirmou.⁶³

Diante de tudo que foi apresentado atentamos para o fechamento da Cachoeira da Sucupira que irá influir no lazer e no cotidiano de muitas pessoas carentes da cidade, pois a cachoeira antes era aberta ao público sem a cobrança de tachas e com o seu fechamento, atendendo ao interesse privado, atenderá ao interesse do capital e não ao seu público original. Através das obras de preservação ambiental, podemos observar os impactos gerados pelo progresso na vida das pessoas de baixa renda. Podemos perceber esta situação através da atuação dos poderes públicos municipais, realizando construção de parques lineares, objetivando atender às classes dominantes, “a preservação ambiental e a criação de áreas de

⁶³ PAMPLONA.. Gleides. Ecologista protesta contra obra do DMAE. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 08 set. 1991, p.10.

lazer e práticas esportivas” foram desculpas utilizadas pelos governos municipais para tornar Uberlândia uma cidade moderna e centro turístico da região. Assim, é importante atentarmos para as intencionalidades objetivadas nas construções destes parques lineares na cidade. Também achamos interessante perceber que estas obras atendem aos interesses das classes dominantes (fortalecimento de um ideal de desenvolvimento e progresso, bem como a dinamização dos mercados turístico e imobiliário da cidade). Assim, percebemos que as obras de preservação ambiental têm o objetivo de camuflar e acobertar os interesses progressistas do município.

CAPÍTULO II

As consequências geradas pela busca do progresso

2.1- O progresso faz a população da cidade ser contra o modo de vida rural

Freitas, em seu trabalho historiográfico, afirma que Uberlândia, na busca pelo progresso, nunca aceitou os meios de vida rurais, assim nossa cidade sempre procurou combater as práticas rurais (Freitas, 2009), porque estas práticas atrapalham a imagem de uma cidade moderna. Diante disso, as classes dirigentes vão empenhar-se em combater as práticas rurais no município. Para isto, a administração municipal vai criar leis para coibí-las. Eles também vão utilizar o Jornal Correio para mobilizar a opinião pública contra os modos de viver e as práticas rurais. Ao mobilizar a opinião pública, contra os modos de viver rural, criar-se-á o preconceito e a discriminação em boa parte da população. A população, juntamente com a administração municipal, esquece que muitas vezes as práticas rurais são o meio de sobrevivência e sustento de muitas pessoas da comunidade. Assim, tentaremos mostrar, com a produção historiográfica de Castro, que as práticas rurais são incompatíveis com a visão progressista, idealizada pelos dirigentes de Uberlândia ao longo do tempo. O trabalho de Castro revelará que as práticas rurais foram contestadas no seio da cidade há tempos atrás.

Castro, em seu trabalho no campo da História, mostra-nos o combate das administrações municipais às práticas rurais no início do século XX. Assim, ela relata as proibições e restrições ao uso da água das nascentes, aguadas, córregos e cisternas da cidade. Este fato ocasionou muitos embates entre a população e a administração do município, pelo fato de que a população pobre utilizava-se dessas águas para sua sobrevivência, na criação de animais, cultivo de hortaliças e pomares. Assim, a administração municipal irá criar uma regulamentação que ameaça as práticas populares vividas naquele período, práticas utilizadas até hoje, em pleno século XXI.

Art. 1- Fica expressamente proibido a continuação de cisternas dentro da cidade depois da canalização d'água, sendo obrigados os proprietários das existentes a inutiliza-las de acordo com as prescrições dadas pela Câmara Municipal, sob pena de \$ 50.000 de multa e o dobro na reincidência.⁶⁴

Art. 8 – O agente executivo providenciará energicamente para que sejam entupidas no menor prazo possível todas as cisternas da cidade, que pela sua má construção ou ruim qualidade de líquido, possam desenvolver moléstias contagiosas.⁶⁵

O processo de municipalização, retirando do povo o acesso livre à água e normatizando seu uso, foi uma forma de cercear as formas de trabalho e sobrevivência de muitas pessoas da cidade. A canalização e a proibição de cisternas criaram diversos problemas para a população, tanto para sua sobrevivência quanto para seu modo de vida. Estas leis revelam que os projetos de desenvolvimento e progresso de Uberabinha afetaram o cotidiano e o modo de vida das pessoas. Desta forma, percebe-se que a utilização de leis para coibir hábitos rurais na cidade é uma prática recorrente, utilizada pelos governantes da cidade ao longo do tempo.

Moraes trata da vida dos carroceiros na cidade de Uberlândia entre 1970 e 1988. O texto publicado pelo autor trata das mudanças ocorridas nos modos de trabalho e de vida dos trabalhadores que viviam da utilização de carroças na cidade. Assim, o autor apresenta a figura do carroceiro, muito presente naquele ambiente urbano. Porém, o autor aponta que as políticas de modernização, com legislações em torno da vida dos carroceiros, conduzem inevitavelmente ao fim próximo desta profissão.

...As quase 1.000 carroças existentes em Uberlândia e que percorrem as ruas da cidade em busca de novos fretes que possam garantir a seus donos sustento de suas famílias, tende a se extinguir, face aos novos e modernos meios de transporte que tomam conta da cidade. Carroceiros de toda parte vivem o mesmo drama: o de terem que abandonar suas carroças por falta de serviço.⁶⁶

Moraes procura retratar como era a vida e a forma de trabalho do carroceiro, relatando o perfil dessas pessoas. Ele afirma que muitas destas pessoas eram oriundas do

⁶⁴ UBERABINHA, Lei nº 57 de setembro de 1907. Typographia popular. 1919, apud CASTRO, Ana Paula Cantelli. **Organização e disputas pelo espaço urbano: Uberabinha-MG (1890 - 1930)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003, p. 43.

⁶⁵ UBERABINHA, Lei nº 125 de 24 de janeiro de 1911. Typographia popular. 1919, apud CASTRO, Ana Paula Cantelli. **Organização e disputas pelo espaço urbano: Uberabinha-MG (1890 - 1930)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003, p. 104.

⁶⁶ **Primeira Hora**, p. 1e4, 16 de Agosto de 1984, apud . MORAES, Paulo Sérgio, Tempo, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade (Uberlândia-1970-1998), FENELON, Déa Ribeiro [et al.]. **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004 p.227.

meio rural. Segundo o autor, elas adaptaram o serviço rural à realidade urbana, utilizando-se da carroça e dos animais de carga. O autor busca mostrar a maneira de trabalhar do carroceiro, indivíduos que moram nas partes periféricas da cidade, já que a legislação proibia o acesso destes indivíduos às áreas centrais da cidade. Esta ação do governo fez com que estes indivíduos procurassem as adjacências da cidade para sobreviver.

Segundo Moraes, a cidade de Uberlândia percebe o ofício de carroceiro como um atraso para a cidade. Neste caso, o carroceiro representa um entrave ao progresso da cidade rumo à modernidade. Há transformações na cidade, modificando-se os espaços, causadas pela busca incessante do progresso. No período há embates entre carroceiros e a prefeitura, pois a instituição municipal desejava legalizar as carroças para ter um maior controle sobre o meio de transporte. A intenção da prefeitura, naquele momento, era mobilizar a opinião pública contra esta prática rural, pois percebe-se em seu discurso que a carroça dificultava o trânsito e impedia o progresso da cidade. Este foi o discurso da prefeitura no período, observamos que este discurso, nos dias atuais, é amplamente repetido por muitos cidadãos uberlandenses.

Moraes mostra que o poder público apóia os grandes centros comerciais, construindo e reformando vias, instalando semáforos, estacionamentos, criando local de carga e descarga com horários específicos para carroceiros, Além destas ações, criou-se uma legislação em relação à circulação de carroças. Tudo isso mostra que o poder público, criando ações e legislações dificultando o acesso de carroças, procura dificultar a vida dos carroceiros, criando empecilhos à sua forma de trabalhar e viver na cidade, especialmente nas áreas centrais da cidade. Os poderes públicos passam a excluir os carroceiros em um processo forçado, anti-natural, via legislação e projetos de modernização. Os poderes municipais, a partir da legislação, determinam locais de circulação das carroças e locais de pastagens dos animais. Assim, proíbe-se os carroceiros de andar nas áreas centrais da cidade, para não sujar a imagem moderna de Uberlândia.

Vamos apresentar uma reportagem que apresenta a administração municipal tentando obter controle sobre os carroceiros por meio de um cadastramento e, depois, proibindo estes trabalhadores de acessarem o centro da cidade. Assim, ela revela que os dirigentes da cidade eram contra as práticas rurais no ambiente urbano do município.

A Câmara dos Vereadores aprovou durante a semana um projeto lei que cria uma legislação para veículos de tração animal e automóveis da cidade, conforme

informou o vereador Luizote de Freitas, autor do projeto. “Trata-se de uma atividade autônoma que funciona informalmente e, com o crescimento da cidade, apresenta problemas tanto para os agentes, quanto para o trânsito”, disse ele, comentando que devem haver mil carroceiros na cidade, além de veículos automotores que realizam fretes, de número ignorado.

As normas deverão ser regulamentadas pela Secretaria de Serviços Urbanos e, fundamentalmente, segundo o vereador, determina o cadastramento dos proprietários e seus veículos, a fixação de uma área própria para pastagem dos cavalos, no caso dos carroceiros, além de um estacionamento, uma espécie de terminal permanente que possam ser encontrados pelos usuários. Também, ainda de acordo com ele, os “pontos” de cada fretista não poderão ser vendidos e a atividade permitirá apenas um registro por cada proprietário de carroça, Kombi ou camioneta.

Outra determinação é a de que veículos de tração animal não poderão transitar pelo centro da cidade, por causa do trânsito. “Não estabelecemos isto na lei, mas a Secretaria de Serviços Urbanos deve fazê-lo”, explicou o vereador. Por outro lado, segundo ele, a prefeitura não vai arbitrar sobre as tarifas cobradas pelos carroceiros e fretistas.⁶⁷

Esta outra reportagem procura relatar a delimitação criada para a circulação de carroças na cidade. Nesta regulamentação, percebemos somente que os poderes públicos têm o intuito de expulsar os carroceiros do centro da cidade e, para isto, utilizam o discurso de que a cidade moderna não mais agrega os carroceiros. Contudo, os dirigentes da cidade se esquecem dos problemas sociais que podem causar com esta legislação, já que ela irá interferir diretamente nos trabalhos e nas vidas destes cidadãos. As normas criadas pela legislação municipal podem causar um achatamento salarial dos indivíduos, limitando seu acesso aos níveis mais básicos de subsistência.

A regulamentação das normas deverá ser precedida de entendimento com o Sindicato dos Carroceiros. Luizote de Freitas observou que não existia nenhuma legislação sobre o assunto a nível estadual ou federal e a atividade, notadamente entre carroceiros pode ter diminuído, mas não extinguiu-se com o crescimento urbano.

A área central proibitiva para os veículos de tração animal e automotores na cidade deverá compreender a Avenida Rio Branco, João Pessoa, Getúlio Vargas e Bernardo Guimarães, formando um quadrilátero de trânsito intenso.⁶⁸

Diante disto, percebe-se que o poder público tenta expulsar os carroceiros sem criar embates, mobilizando a opinião pública por meio da mídia. A mídia, através do jornal, passa a divulgar e fortalecer a opinião desfavorável à utilização de carroças nas áreas centrais da

⁶⁷CARROCEIROS DEVERÃO ESTAR CADASTRADOS. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p.10, 16 jun. 1991.

⁶⁸Id. Ibid.

cidade. A mídia permite a repercussão desta discussão, com o objetivo de criar alarde e mobilizar a opinião pública contra o ofício dos carroceiros. Barbosa nos relata que:

O que os jornais pretendem é não apenas atuar no campo político, lugar onde se geram problemas, programas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos, entre os quais os “consumidores” devem escolher, mas sobretudo, conseguir mobilização cada vez maior do público. Quanto maior a sua audiência, maior o seu poder de divulgação e a lógica da conquista do próprio poder.⁶⁹

Segundo Morais, os projetos modernizantes da cidade rumo ao progresso não aceitam conviver com a figura do carroceiro, pois o mesmo representa atraso e não modernidade.

Sinceramente, não tem mais lugar para as carroças trafegarem pelo centro de uma cidade de 600 mil habitantes, resultado, se a prefeitura regulamentar e emplacar as carroças, presume-se que elas estão habilitadas para circular por onde o carroceiro quiser e o cavalo obedecer. Gente, isso é embromação. (...) ⁷⁰

Compreendo os projetos modernistas implantados na cidade como uma forma de acabar com o ofício do carroceiro. Percebemos uma grande resistência desta classe, pois os carroceiros ainda sobrevivem atualmente na cidade com muita dificuldade, concorrendo com as caçambas, realizam fretes, transportando mercadorias, mudanças, retiram entulhos, recolhem produtos recicláveis etc. Assim, podemos ver que muitas pessoas têm preocupações mais urgentes e essenciais que o progresso e a modernidade projetados para a cidade. As carroças ainda são muito presentes na cidade, principalmente nas periferias. Defendo o ofício de carroceiro, pois o uso de carroça foi e ainda é o meio de sustento de muitas pessoas na cidade de Uberlândia.

A busca pelo progresso, desenvolvida em Uberlândia, não permite a vida rural no seio da cidade. Observamos que os poderes municipais, ao longo do tempo, criam formas de discriminação e legislações excludentes para retirar “favelas”, casas ou hábitos rurais do seio da cidade, já eles não atendem ideal de progresso e modernidade almejado pelas políticas públicas da cidade.

⁶⁹ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 153.

⁷⁰ NEVES, Itamar Castanheira das. **Correio de Uberlândia**, *Cartas*, Uberlândia, p.06, 18 jun. 1997, apud, MORAES, Paulo Sérgio, Tempo, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade (Uberlândia-1970-1998), FENELON, Déa Ribeiro [et al.]. **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água. 2004, p. 237.

Freitas afirma que o desenvolvimento econômico de Uberlândia não permite a existência de espaços geográficos e sociais que contenham modos rurais.⁷¹ Assim, ela apresenta o meio rural, “exótico”, como um espaço a ser observado em suas transformações e na forma como é deslocado para outro lugar, fora dos limites da urbanização da cidade.

...Mesmo assim, vacas cavalos e cabras pastam nas áreas que margeiam os córregos. Há homens que tiram leite de manhã cedo no curral enquanto os primeiros ônibus urbanos circulam pelas ruas do bairro. Mas eles sabem que essa vidinha roceira não vai durar muito.

Na Rua do Cedro, um produtor de cabras terá que sair do local dentro de um mês, porque a prefeitura vai desapropriar a área para fazer o parque linear do Uberabinha Na Avenida Constelação, no bairro Maravilha [região norte da cidade], órgãos ambientais têm pressionado o proprietário de uma chácara a vender a área para sair das margens do Córrego Buritizinho.

O dono das vacas que pastam próximo ao Córrego do Óleo [região Oeste] também sabe que um dia terá que deixar o local. Cleuton Pereira 56 anos e há 15 anos mora na Rua Rio Paranaíba, no bairro Nosso Lar. “Se eu acho que um dia tudo isso vai virar um espaço urbanizado e eu vou ficar espremido aqui? Não acho, não, tenho certeza”.⁷²

Esta reportagem mostra a vida “roceira” ultrapassada, segundo os projetos de desenvolvimento progressista da cidade. Os poderes públicos, para atingirem seus objetivos, convocam a imprensa, através do jornal, a publicar e desenvolver argumentos visando à condenação dos hábitos rurais na cidade, pautados no discurso de preservação ambiental e na suposição de que os hábitos rurais trazem incômodo à população urbana.

No sentido de apresentar o moderno, o progresso “incompatível” com o modo de vida rural, vamos citar uma colocação de Aggio e Lahuerta. Eles procuram evidenciar os paradoxos existentes no século XX, a evolução, o desenvolvimento, a modernidade e o progresso no século. Por meio do que dizem os autores, percebemos que as grandes cidades, os grandes centros, não comportam nem aceitam a vida rural em seu meio urbano.

O século foi também das cidades. Nunca como em suas últimas décadas viveu-se tanto em cidades. Na virada para o século XXI, estima-se que mais de 50% da população mundial morem em cidades (por volta de 1970, eram 35%). Elas crescem por toda parte, transbordam o centro das regiões e espalham-se pelas periferias. Vão aos campos e instalam neles uma outra dinâmica. Impõe-se como arranjos imperialistas implacáveis, que “civilizam” sem piedade, redefinem perfis e padrões,

⁷¹ FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...histórias que marcam a cidade:Uberlândia-MG**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

⁷²MENDES, Dolores. Estilo. Vida rural na cidade está com os dias contados. **Correio de Uberlândia**. Cidade. Uberlândia, 13 abr. 2008 p.B1, apud. FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p. 95.

sufocam outros modos de ser. Todas as grandes decisões estão na cidade e estão nelas todos os grandes núcleos geradores de incentivo para a dinâmica moderna. Tornamo-nos cidadãos do mundo e cidadãos das cidades. Mas as cidades são cada vez menos polis.⁷³

Nesta reportagem percebemos as disputas entre modos de viver na sociedade e os interesses imobiliários pelos locais ditos “rurais”, e também a ação da prefeitura de desapropriar as propriedades rurais no interior da cidade. Nesta reportagem o dono da propriedade pratica o modo de vida rural, respeita as legislações municipais e preserva o meio ambiente. Mesmo assim, vai ser desapropriado de sua propriedade para a construção de parques ambientais.

A casa de Cleuton Pereira é urbana, o portão é eletrônico e sua mulher, professora, quase não tem tempo para cozinhar, os filhos, um advogado, uma psicóloga e uma estudante, mal sabem como chamar uma vaca. Mas Pereira continua firme na sua opção de trabalhar como fazia quando criança na fazenda do pai. “Tiro 12 litros de leite por dia, porque só tenho uma vaca reproduzindo, tenho três vacas “mojando” e uma está com bezerrinho novo. Bebo leite com café como fazia na roça antigamente e com o leite que sobra faço requeijão”. Contou. O quintal não tem entulhos, a vaca toma banho todos os dias antes de o leite ser tirado. Os porcos e as galinhas só são produzidos na época da seca para que o mau cheiro produzido pelas fezes na estação das águas não incomode os vizinhos. “sigo tudo que os fiscais da prefeitura falam, gosto de cumprir a lei, tenho cessão de uso dessa área verde nas margens do Córrego do Óleo, mas não depredo. Cuido desse local como se o quintal da minha casa”. Disse Pereira, orgulhoso de ver o Córrego do Óleo despoluído naquele trecho. “Procure um plástico, um prego, um lixinho qualquer. Não tem. Zelo pela área, porque entendo que, se é pública, e de todos nós, garantiu. Mas se um dia a prefeitura decidir urbanizar o local, o morador da última casa da rua Rio Paranaíba não tem dúvidas: vai alugar uma chácara. Largar essa vidinha de cuidar das vacas, criar galinhas e fazer requeijão? “Nem pensar, fico até quatro meses sem ir à praça Tubal Vilela”, contou.⁷⁴

Esta reportagem, veiculada pelo Jornal Correio, também mostra o viver rural como incompatível com o modo de vida urbana. Mas, como já dissemos anteriormente, observamos que estas reportagens foram realizadas para dar legitimidade aos poderes públicos municipais ao realizarem a desapropriação destas propriedades, ditas “rurais”, dentro do município.

A nossa cidade sempre esteve em busca do moderno e do progresso, assim, ela não aceita estas propriedades dentro do meio urbano. Diante disto, os poderes municipais criam legislações para retirar estas propriedades “rurais” de dentro do “seio” urbano. Neste caso, a

⁷³ AGGIO, A; LAHUERTA, M. (Orgs.). **Pensar o século XX**. Problemas políticos e história nacional na América Latina. São Paulo: EDUNESP, 2003, p. 31-32.

⁷⁴ MENDES, Dolores. Estilo. Vida rural na cidade está com os dias contados. **Correio de Uberlândia**. Cidade. Uberlândia, 13 abr. 2008 p.B1, apud. FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p. 96-97.

justificativa dada pelos governantes municipais é a construção de parques lineares e a preservação do meio ambiente. Influenciada pelo discurso de progresso, idealizado pelas elites dirigentes do município, a sociedade uberlandense passa a não aceitar os viveres rurais no meio urbano.

Santos e Abreu nos mostram que muitas cidades brasileiras inspiraram-se em Brasília, como símbolo de progresso e modernidade. Diante disto, estes municípios buscam o progresso urbano para superar o seu passado agrícola. Os autores mostram que o jornal é um importante instrumento para difundir os ideais de desenvolvimento e progresso.

A modernização e representação em torno da urbanização e progresso inscritos em símbolos como Brasília, espalhou-se euforicamente em todo Brasil. A fórmula para o desenvolvimento do Brasil seria o progresso urbano, que suplantaria o passado agrícola do país, concedendo aos habitantes das cidades melhorias em suas condições de vida, promovendo a felicidade, otimismo e a espera ansiosa da chegada de novos tempos.⁷⁵

A reportagem a seguir vai retratar como a notícia, veiculada pelo Jornal Correio, difunde a ideologia de progresso, afirmando que os hábitos rurais não são aceitos pela vida urbana da cidade.

Vinte cachorros sem pedigree fazem a segurança da casa de Jeová da Silva no bairro Maravilha[região norte da cidade]. A área de 48 mil metros quadrados (um alqueire) não tem cerca elétrica nem alarmes de segurança. Ladrão nem chega perto, garante o morador (...)

Quanto mais a cidade chega perto da chácara da família de Jeová, mais incômodo os moradores têm. Passa um ônibus urbano, os cachorros latem, passa uma moto, os cachorros latem. “É difícil a gente viver espremido pelo meio urbano”. disse o dono da propriedade.

Jeová da Silva sabe que não tem outra saída: vai ter que vender a chácara. São vários irmãos e irmãs, a maioria mora e trabalha no grande centro urbano. Mas ele continua vivendo como se estivesse na roça. Entre cachorros, galinhas, porcos e vacas. “Cidade só tem ladrão e poluição. Não gosto nem de ir ao centro”. Afirmou.

A sobrinha de Jeová, Janaína França da Silva, 25 anos, que cuida do avô, faz mais facilmente a passagem do rural para o urbano e vice-versa. Larissa, a filha dela, de 4 anos, estuda numa escola do bairro, diz que gosta da cidade, mas também adora andar a cavalo e jogar milho para as galinhas.

“Eu já morei na Avenida Getúlio Vargas, aquele movimento, aquele barulhão, mas não desgosto não, agora meu tio Jeová e meu avô não dão conta, se tivermos que

⁷⁵ SANTOS, Wallace Ferreira; ABREU, Jean Luiz Neves. “Modernização e utopias: projetos de transformação urbana no município de Governador Valadares (1960-80).” Vitória: In: **Revista Ágora**, nº 10, 2009, p. 07.

vender aqui eles certamente vão comprar uma chácara para continuar com as vacas, os porcos e as galinhas”, disse Janaína.⁷⁶

Nas reportagens acima é interessante atentarmos para a forma depreciativa com que o Jornal Correio aborda as vivências rurais dentro do meio urbano. É notável o interesse do Jornal em legitimar as desapropriações das áreas rurais para os projetos de desenvolvimento e progresso da cidade. Barbosa nos diz que, “Há que se perceber também o papel da imprensa como instituição de controle social, servindo à própria estrutura de poder e agindo como veículo de manutenção da ordem vigente.”⁷⁷

A citação de Barbosa estimula-nos a pensar e questionar o fato de a imprensa não respeitar as vivências das pessoas, não respeitar a luta das pessoas para conseguirem aliar seus hábitos rurais com urbanos, dentro dos limites da cidade. Acredito que a imprensa local atua como instrumento de controle social, servindo aos grupos que detêm o poder. Percebemos que o Jornal apóia a ideia de retirar o rural da cidade, defende que estes hábitos rurais podem representar obstáculo ao desenvolvimento da cidade de Uberlândia rumo ao progresso.

Através das reportagens pode-se observar que a imprensa, através do Jornal, produz a incompatibilidade entre as grandes cidades, os grandes centros de desenvolvimento e progresso, e os modos de vida rural. Diante do que vimos, é interessante observar a imprensa, representada pelo Jornal Correio, como um importante meio de comunicação que viabiliza e propaga a idealização de progresso defendida pelas classes dirigentes da cidade, contribuindo para a não aceitação das práticas e hábitos rurais nos meios urbanos do município.

Assim, é interessante observar as transformações no espaço urbano e as posturas dos governos municipais nos projetos de modernização, bem como os projetos de reforma urbana e suas projeções utópicas rumo ao progresso. Acredito ser relevante observar a idealizações de progresso que levam o município a cercear os modos de vida rurais. Através das notícias do Jornal Correio podemos compreender os projetos utópicos modernistas e suas implicações no espaço urbano da cidade. Diante disto, é necessário perceber os jornais como documentos, com vocabulários próprios, que devem ser submetidos à crítica. Bloch afirma que: “o vocabulário dos documentos não é, a seu modo, nada mais que um testemunho: precioso, sem

⁷⁶ MENDES, Dolores. Estilo. Vida rural na cidade está com os dias contados. **Correio de Uberlândia**. Cidade. Uberlândia, 13 abr. 2008 p.B1, apud. FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p. 100.

⁷⁷ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 17.

dúvida, entre todos; mas, como todos os testemunhos, imperfeito; portanto, sujeito à crítica.”⁷⁸

2.2- O progresso e suas consequências

Agora, vamos mostrar o processo de urbanização de Uberlândia, abordando as mudanças ocorridas no espaço urbano e discutindo a postura da administração municipal em função do progresso e suas perspectivas de modernização. Explicitaremos as transformações sócio-urbanas pelas quais a cidade passou, discutindo as implicações das idealizações progressistas no espaço urbano.

Uberlândia se organizou ao redor das principais rodovias da região e a partir desta malha rodoviária, ganhou destaque na região. Assim, as rodovias da região têm um importante papel na urbanização do município. Através das rodovias a cidade desenvolveu seus processos econômicos e urbanos, que vão incidir nos processos sociais e culturais. Através da busca pelo progresso, desenvolvida pelos dirigentes da cidade direcionados ao crescimento do município, podemos perceber os embates sociais realizados entre as administrações municipais e a população da cidade.

As elites dirigentes do município desenvolveram uma propaganda municipal ao longo do tempo, destacando a cidade como uma moderna metrópole regional-nacional caminhando sempre rumo ao desenvolvimento e ao progresso. Esta ação, desenvolvida pelos dirigentes municipais, atraiu vários migrantes para a cidade em busca de novas oportunidades – comércio, moradias e empregos. Santos e Abreu, referindo-se ao crescimento e ao progresso de Governador Valadares, afirmam: “O deslocamento de grupos para a cidade sempre esteve relacionado às riquezas da região, à busca por condições de vida melhor e pela facilidade de adquirir propriedades e posses.”⁷⁹ Através da afirmativa

⁷⁸ BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 142.

⁷⁹ SANTOS, Wallace Ferreira; ABREU, Jean Luiz Neves. “Modernização e utopias: projetos de transformação urbana no município de Governador Valadares (1960-80).” Vitória: In: **Revista Ágora**, nº 10, 2009, p. 05.

feita pelos autores percebemos que é possível a aproximar o desenvolvimento de Governador Valadares e Uberlândia.

Em Uberlândia a migração intensa vai proporcionar o crescimento gigantesco da cidade, tanto em relação ao aumento da população quanto em relação ao aumento das dimensões territoriais do município. Assim, o aumento desenfreado do município vai gerar as mazelas sociais tão combatidas pelos dirigentes da cidade. Segundo Santos e Abreu, o aumento desenfreado do município de Governador Valadares traz consigo alguns problemas sociais.

Mas o crescimento rápido foi acompanhado de grandes problemas de ordem social, tais como, expansão da periferia, problemas de abastecimento de água, falta de luz elétrica, redes de esgoto, limpeza de ruas, desemprego, habitações desordenadas entre outros. Com o extraordinário crescimento, se observa dois movimentos em sentidos contrários, a população crescia e as condições de trabalho diminuía.⁸⁰

Os problemas apresentados pelos autores, em relação ao crescimento de Governador Valadares, assemelham-se aos problemas vividos por Uberlândia em sua corrida pelo ideal de progresso. Para os dirigentes da cidade as mazelas sociais envolvem a ocupação de áreas ilegais, “favelas”, desemprego, crianças de ruas, indigência e mendicância. Assim, para nós, a busca incessante dos dirigentes da cidade pelo ideal de metrópole progressista e moderna, vai acarretar estes males sociais, combatidos pelo município ao longo do tempo. Assim, acredito que a propaganda municipal, destacando Uberlândia como uma moderna metrópole regional-nacional caminhando rumo ao progresso, terá suas consequências refletindo diretamente nos problemas sociais vividos por nossa sociedade. A propaganda, mostrando Uberlândia como uma cidade moderna com grandes oportunidades, gera uma grande migração e faz surgirem diversas habitações sem infra-estrutura urbana (água, esgoto e luz elétrica), que são construídas sem qualquer observância dos padrões razoavelmente aceitáveis, segundo as questões estruturais e de saneamento básico.

Santos e Abreu nos relatam que em Governador Valadares surgiram os mesmos problemas durante o processo de urbanização “surgem habitações que não possuíam o mínimo de infra-estrutura urbana sem que providências fossem tomadas, como é o caso do Bairro Santo Antônio (D.R.D, 08/06/1967). Grande parte dos bairros não possuía água, rede de esgoto ou mesmo luz elétrica, como o São Pedro, São Geraldo, Lourdes etc. O bairro Vila Bretas, nascido de uma fazenda, e tendo crescido sem qualquer observância de

⁸⁰ Id. Ibid, p. 05.

urbanismo, era caracterizado pelas suas ruas confusas.”⁸¹ Por meio das colocações de Santos e Abreu, percebemos que os males sociais, gerados pelo progresso, são percebidos em todas as cidades brasileiras que almejam ser modernas.

Tentaremos, à frente, tornar evidente como os poderes municipais e a mídia, através do Jornal Correio, trataram estes males sociais em nossa sociedade. Através de uma observação atenta das fontes, pude perceber que os problemas sociais de Uberlândia sempre foram combatidos pela mídia e pelos poderes públicos municipais, já que eles representavam um entrave à imagem de uma metrópole regional moderna.

Vamos começar nossa discussão com ano de 1982, porque neste ano aconteceram grandes transformações na cidade de Uberlândia. Neste ano aparece um projeto de urbanização da cidade, começa a retirada dos “favelados” de regiões estratégicas da cidade. Durante o governo de Virgílio Galassi, os poderes municipais procuraram retirar os “favelados” de regiões que seriam as principais vias de acesso à cidade. Então, era necessário retirar as “favelas” destes locais, pois elas representavam uma poluição visual da cidade, além de estarem instaladas em locais estratégicos, assim, elas representavam um obstáculo aos projetos de modernização da cidade.

Ao longo do tempo, as administrações públicas municipais procuram ocultar as “favelas” da visão dos visitantes e da população local. A administração pública do período cria políticas públicas para remover as populações alojadas às margens do Rio Uberabinha, à Avenida Rondon Pacheco, à Avenida João Naves de Ávila próximas à UFU Santa Mônica e também próximas à CALU. Nesta empreitada, a administração pública projetava retirar estas pessoas para os subúrbios da cidade. Esta seria uma forma de esconder as mazelas sociais do município.

No entanto, a ideologia das classes dirigentes sempre foi cinicamente dissimulada em um discurso de respeito ao “favelado”, de caridade cristão. Supostamente melhorava-se as condições de vida dessas pessoas, ao mesmo tempo em que a cidade atingia o tão almejado progresso. Os dirigentes mascaravam a intenção de retirar essas população à força, por meio de insinuações de que a “favela” não se adaptava às condições de vida da cidade.

Para representar este discurso, mostraremos uma notícia apresentada pelo Jornal do Correio durante o período.

⁸¹ Id. Ibid., p.10.

Virgílio disse que seu trabalho visa respeitar o favelado e até mesmo proporcionando-lhe condições de não se mudar para muito longe do local onde está irradicado. Ele disse que nunca foi a intenção da prefeitura tirar o favelado agressivamente pela força do poder. Afirma uma cidade como Uberlândia, moderna e progressiva não aceita favela. Não a favela numa convivência humana, que não se ajuste ao modo de ser uberlandense. A gente daqui, é generosa, combativa e se atira as suas metas com muito arrojo. É uma cidade que não deseja favela. Não pelo que ela tenha de “feio”, mas pelas condições de vida que ela oferece aos seus moradores. O espírito da favela é que incomoda o uberlandense.”⁸²

Serão preferenciais para a aquisição destas unidades residenciais, os moradores as margens do Rio Uberabinha e os que estão alojadas em favelas pela Rondon Pacheco, junto a CALU, e outras que foram instaladas na Avenida João Naves de Ávila próximas ao campus Santa Mônica.⁸³

Percebemos nas reportagens a intenção do Jornal em enfatizar as reformas urbanas realizadas pelo município. Assim, o Jornal procura legitimar as ações do governo municipal, mostra a desocupação das “favelas” ocorrendo de forma passiva e não os conflitos existentes nas desocupações e “desfavelamentos”. Isto para não mobilizar a opinião pública de forma contrária aos projetos de desenvolvimento e progresso da cidade. Através destas reportagens podemos observar a intenção da imprensa em favorecer a administração municipal, percebemos que os jornais se posicionam a favor das reformas urbanas. O noticiário procura demonstrar que a prefeitura tinha o intuito de alojar estas famílias em casas descentes, contudo, longe destas áreas nobres da cidade. A intenção dos governantes municipais era intensificar a fiscalização após a retirada dos barracos, com o objetivo de evitar novos assentamentos em regiões estratégicas da cidade.

Neste período a prefeitura de Uberlândia estava comprando terras da Diocese, nas imediações da Granja Planalto, para construir casas populares com toda a infra-estrutura. Então, a administração municipal apresenta este fator como um benefício da cidade para o morador da “favela”. Porém, a administração municipal não pergunta se os moradores queriam mudar daquele local, onde estavam residindo.

Telles (2001) mostra as contradições da busca pelo progresso no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em seus argumentos ela afirma que as reformas urbanas trouxeram conflitos sociais para as grandes cidades. Para a autora o progresso civilizador não compartilha com os

⁸² PREFEITURA ESTA COMPRANDO AS TERRAS DA DIOCESE PARA CONSTRUIR CASAS PARA OS FAVELADOS. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p.01, 15 jan. 1982.

⁸³ ERRADICAÇÃO DAS FAVELAS. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p.06, 13mar. 1982.

costumes das populações locais, vistos como insalubres. Estes costumes são ameaçadores ao progresso idealizado pelas elites dirigentes.

Mas talvez seja nas imagens da desordem urbana que mais se esclareça o sentido da experiência inédita que se fazia dessa pobreza encenada exatamente no lugar que deveria consagrar o progresso como símbolo da entrada do país no panteão das nações civilizadas. A imagem de uma cidade insalubre, insegura e perigosa, habitada por uma população rude, estranha, que nem mesmo falava a mesma língua, muito menos compartilhava dos mesmos costumes e que ameaçava a vida civilizada com o crime, a doença, a depravação moral e o motim, traduzia a consciência do divórcio entre os dois mundos sem equivalência possível entre si, pois regidos por temporalidades distintas por onde dava o choque entre forças do atraso e as forças do progresso.⁸⁴

Foi nesse horizonte que a miséria urbana foi tematizada por uma opinião pública constituída por jornalistas, cronistas, engenheiros e todos os tipos de especialistas que, banhados do cientificismo da época, advogavam a exigência de uma intervenção reformadora nas cidades para cimentar o caminho do progresso.⁸⁵

Os apontamentos realizados por Telles nos levam a observar que as “favelas” nas grandes cidades também representavam um entrave aos projetos de progresso das metrópoles nacionais. Entretanto, ela procura tornar evidente que existem embates e conflitos nos projetos de urbanização destas grandes cidades. Quero utilizar-me das afirmações de Telles para revelar que os projetos urbanos de Uberlândia também causaram embates e conflitos entre as populações carentes e as classes dirigentes do município. Contudo, o jornal local apresenta estas desocupações sem conflito, para não mobilizar a população uberlandense contrariamente aos projetos que levem a cidade rumo ao desenvolvimento e ao progresso.

Acredito que o fato da prefeitura impor a saída das “favelas” gerou muitos transtornos e conflitos no período, pois alguns moradores não queriam mudar da área onde estavam acostumados a morar e estavam próximos dos centros comerciais da cidade, próximos dos seus locais de trabalho. Diante disto, os “favelados” não queriam ir para as extremidades da cidade, longe de tudo. Então, muitos moradores resistem e entram em conflito com a prefeitura, por não aceitarem ser retirados. Assim, eles permanecem no local onde estavam instalados seus barracos, à beira da Avenida Rondon Pacheco esquina com a Rua Paraná, no bairro Tibery. Este local, chamado de “favelinha”, é conhecido pelos moradores do bairro Tibery pela alta incidência do tráfico de drogas. Os governantes municipais tentaram de todas as maneiras retirar estes moradores indesejados desse local, mas não conseguiram. Diante

⁸⁴ TELLES, Vera da Silva. “Pobreza e cidadania: figurações da questão social no Brasil moderno”. In: _____. **Cidadania e pobreza**. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 37.

⁸⁵ Id. Ibid, p.34.

disso, no final do ano de 2010 o poder municipal começa uma grande obra no local, construindo um grande complexo de prédios que vão presidir toda justiça da cidade. Observo nestas obras uma estratégia utilizada pelos governos municipais para ocultarem, dos visitantes e moradores da cidade, as mazelas sociais ainda existentes no espaço público, nobre e privilegiado, da sociedade uberlandense.

Estas notícias mostram que o progresso, a modernidade e as reformas urbanas do município trazem problemas a uma parte da população, geralmente pobre e marginalizada, os esquecidos pela cidade. Diante disto, afirmamos que o progresso traz consigo problemas sociais, acarretando dificuldades a uma parte esquecida da sociedade das cidades modernas.

Procurei recolher alguns fragmentos de Jornal para expor as políticas de urbanização de Uberlândia, em sua semelhança com as políticas urbanas do Rio de Janeiro que levaram à Revolta da Vacina. Assim, realizei esta discussão pensando nas colocações de Sevcenko⁸⁶. Porém, em seu trabalho historiográfico, Sevcenko mostra que a urbanização do Rio aconteceu sem que nenhuma estrutura fosse oferecida em troca, para os desalojados e desapropriados, o que foi fator determinante na Revolta. Aqui, em Uberlândia, vimos que o poder municipal ofereceu moradia, com infra-estrutura, na periferia da cidade. Contudo, percebemos as duas reformas como uma forma dos governos acobertarem as mazelas sociais da visão da população e da opinião pública.

Santos, em sua obra, mostra como ocorreram as transferências das populações ribeirinhas do Rio Uberabinha para os bairros no subúrbio de Uberlândia. Nesta temática, o autor relata o crescimento da população aliado às grandes obras da cidade. Ele evidencia que as práticas e participação social dos trabalhadores, nas relações de poder da cidade, aconteceram de um modo conflitante. Buscando ainda mostrar a tensão social vivida entre os trabalhadores e os setores públicos, o autor relata a luta dos trabalhadores para adquirir uma casa própria, até mesmo em “favelas” sem infra-estrutura e sem saneamento básico. A obra de Santos foi importante para nossa pesquisa, pois revela o programa de desfavelamento promovido pela prefeitura municipal de Uberlândia nas margens do Rio Uberabinha, que deu origem aos bairros Esperança e Tocantins. Segundo Santos:

⁸⁶ SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. (Orgs.). **História da Vida Privada no Brasil**: República, da Belle Époque à Era do Rádio, volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.7-48.

O programa de desfavelamento planejava a desocupação das moradias, consideradas ilegais, que ficavam às margens do Rio Uberabinha previa a transferência desses moradores para o bairro Esperança, o qual estava sendo criado para receber esses novos moradores. O projeto inicial propunha a constituição de “160 lotes, cada um com 250 metros quadrados (10X25m)”, onde o novo projeto seria “dotado de toda infra-estrutura urbana”; os lotes, que seriam vendidos, seriam parcelados de modo que o valor das prestações não ultrapassasse 10% do salário mínimo vigente. Em contrapartida, os moradores do Esperança deviam assumir o compromisso de construir “os embriões”, em regime de mutirão, sendo que, “estiver concluído os moradores deveriam desmontar os barracos na margem do rio e transferir o material para o lote, o qual servirá para aumentar a construção”.⁸⁷

Através das colocações de Santos percebemos como desenvolveu-se a política de desfavelamento na cidade de Uberlândia no período, bem como servem para mostrar o surgimento dos bairros Tocantins e Esperança, vistos pelas elites dirigentes como símbolos das “mazelas sociais da cidade.”

Através da citação de Santos podemos perceber a tensão social gerada pelos desfavelamentos num periódico municipal, que retrata as falas de alguns moradores, que não queriam ser transferidos para os futuros bairros Esperança e Tocantins. Para isto, utiliza-se de uma reportagem do Jornal Primeira Hora, periódico criado no momento em que o grupo peemedebista de Zaire Rezende lançou-se ao pleito eleitoral de 1982, quando disputavam a eleição municipal. O periódico circulou, diariamente, até o fim do mandato, em 1988.

Urias contou que também já foi procurado pela Secretaria da Ação Social para que deixasse o local, só que não aceitou e nem aceitará, se antes não tiver suas exigências cumpridas. “Eu não aceito ir para o Esperança, lá não tem condições da gente morar, eu já sou um velho e tenho aqui a minha chacinha, de onde tiro o sustento para mim, minha mulher e duas netinhas que eu crio (...) o dinheiro da aposentadoria não dá nem para o café (...) Se eu for lá para o Esperança, não vai ter jeito de trabalhar, pois é aqui que eu tenho a minha chacinha. Além disso, lá não dá para plantar nada, porque o terreno é pequeno e mesmo porque é só areia. E tem também o problema de que lá só mora quase que gente atoa. Eu já falei para eles (referia-se aos agentes da Secretaria da Ação Social) que das 180 famílias que eles afirmam que levaram para lá dizendo que eram daqui da “beira di Rio”, não tem nem dez. Eles levaram para lá foi somente gente atoa, maconheiro, pingüço, tirador de esmola, pai de família mesmo, trabalhador honesto, eles levaram quase ninguém.”⁸⁸

⁸⁷ Cf.: nota 33 no trabalho de SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. **Ser trabalhador na cidade**. Relações de classe em Uberlândia – fins do século XX e início do século XXI. 2009. (Dissertação/ Mestrado em História) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p.52.

⁸⁸ FAVELADOS DO UBERABINHA NÃO QUEREM SER TRANSFERIDOS. **Primeira Hora**. Uberlândia, p.09, 20 ago. 1986, apud. SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. **Ser trabalhador na cidade**. Relações de classe em Uberlândia – fins do século XX e início do século XXI. 2009. (Dissertação/ Mestrado em História) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p.54.

Através desta reportagem nós percebemos a intenção da administração pública do período em retirar as mazelas sociais de lugares estratégicos da cidade. Assim, percebe-se que as mudanças interferem diretamente na vida e na forma de viver das pessoas desalojadas pela prefeitura. Percebemos a interferência nas formas de trabalho e sustento das famílias destas pessoas. O desfavelamento traz benefício aos projetos progressistas da cidade e não à população ribeirinha.

Ainda com a intenção de mostrar os processos de desfavelamentos conflitantes, vamos utilizar o trabalho realizado por Freitas. A autora procura problematizar as relações sociais existentes na cidade de Uberlândia em relação aos desfavelamentos. Ela mostra as mudanças ocorridas na cidade de Uberlândia, em busca do progresso e da modernidade. Freitas questiona como é construída a história da cidade de Uberlândia, ela indaga a vocação progressista da cidade, relatando a grande propaganda da cidade voltada para o progresso. Depois, a autora embrenha-se em uma discussão problematizada tratando da vida dos trabalhadores de baixa renda da cidade, apontando as dificuldades destes moradores para conseguir moradia. Diante disto, a autora realiza uma grande discussão sobre as desocupações ocorridas na cidade de Uberlândia, tanto de áreas legais como em ilegais, para a construção de parques lineares.⁸⁹

Dentro desta temática, iremos utilizar-nos da sua produção historiográfica para observar os desfavelamentos ocorridos na cidade de Uberlândia em um determinado período. Assim, queremos observar os questionamentos realizados em relação ao desfavelamento das regiões ribeirinhas, afluentes do Uberabinha, para fazer a construção de parques lineares. Vamos destacar os embates dos trabalhadores de baixa renda com os poderes públicos e a sociedade para conquistar a casa própria. Vamos destacar a busca de moradia pelos trabalhadores, mesmo de forma ilegal perante a legislação, ocupando lotes na cidade.

Nesta parte, iremos trabalhar com um trecho da obra de Freitas no qual aparece um depoimento de um morador do bairro Lagoinha mostrando o percurso que o morador empreendeu para a aquisição de sua casa própria. Mas o nosso interesse neste trecho é mostrar os embates travados entre as populações e os poderes públicos municipais. Pois, veremos que o Jornal Correio retratou o desfavelamento da cidade pelo viés distorcido da ausência de conflito, para não mobilizar a opinião pública contrariamente aos interesses progressistas da cidade. Assim, mostraremos que foi criada uma legislação visando supostamente à

⁸⁹ Ver FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

preservação ambiental, mas com intenções obscuras, dissimuladas, de retirar as favelas de uma região considerada nobre na cidade. Neste caso específico, o progresso realizado pelas legislações ambientais e pelas construções dos parques lineares leva à desapropriação dos moradores da favela do bairro Lagoinha.

Nesta entrevista a autora quer saber como o trabalhador conseguiu a casa própria, mas nos interessamos pelos embates realizados com os representantes das administrações públicas municipais.

A casa como é que eu consegui? É assim: Eu morava, eu entrei numa favela aqui em baixo, sabe? Entrei não, eu abri uma favela cá embaixo. Eu sô positivo pá... Aí, a Tânia é advogada da prefeitura, ela vei pá me desejá daí no mermo dia que nós tinha vindo, tinha posto só duas teia em cima e cercado de lona preta. Ela chegô, virô pra mim, falô assim: “Qual é o proprietário desse rancho aí?” Inda abusô ainda, “Esse rancho”. Ai eu falei: “Não, rancho, não, aqui é minha casa, lugá de eu pô meus filho”. Ela falô: Você não sabe que isso ai é área verde? Eu falei: “Não, já tá seco” “Bão”, ela falô assim: “Ocê tem 24 hora pra desocupá aí”. Virei pra ela e falei assim: “Eu tem. Então a senhora vai na frente desocupa um quarto lá que eu vô com a minha famia (lá pra sua casa)... Ela falo: “Mas cê num pode alugá uma casa?” “Eu num posso, não!” Ela: “Pois eu alugo uma casa, trabalho de ordenado também!” “Eu falei: “Pêra aí! Esse carro é da senhora?”. Ela: “É” “Então faz o seguinte: senhora vende e compra uma casa, que aí a senhora facilita mió”. Ela: “Ih, com ocê num tem jeito não, pode ficá quieto aí, mas num dexa ninguém mais fazê barraco aí não!”. Falei: “Tudo bem”. Ela foi embora. “Aí mas num dexa ninguém mais fazê barraco aí não!”. Falei: “Tudo bem”. Ela foi embora. Aí a assistência social, os padre, tudo ajudô nós lá embaixo, ficamo na favela, ficamo, com poco, nós tinha inscrição. Aí eles temaro comigo: “Ah, Cê vai pá Seringueira”. Falei: “Vô não”. “Cê vai pu Tocantins”. Também num vô não. Eu num tem condições de morá num lugá desse, num tem carro, num tem nada”. “Então se vai pro São Jorge”, Falei: “Piorô!” Virô pra mim e falô: “O que que cê qué?” “Se oceis me tirá, eu volto outra vez. Eu quero a casa é aqui, na Lagoinha!” “Ah, mas aqui num tem!” “Tem uma casa ali, que tá é deposito de maconhero e tudo quanto é treim tá nessa casa, e é d’oceis, que é escritório”. Ele virô pra mim e falô assim: “Ó, tem 50 quereno aquela casa”. Falei pra ele: “Tá interano 51”. Quando ele viu que num tinha jeito pá mim memo, aí... com o rapaz lá: “Ó, cê vai lá e compra o padrão e manda eles ligá a luz lá”. Aí me deu a orde, eu vim no outro dia eu passei cá a tarde. Aí fui lá, me dero, fizero o recibo, tudo direitin, Agora, hoje, só i fazê a escritura, tá tudo quitado, num devo nada a ninguém.⁹⁰

Diante destas reformas urbanas fazemos algumas indagações. Estas políticas de construção de moradias foram para amenizar a situação, para que o povo não se rebelasse, ou por necessidade de retirar essas pessoas de locais estratégicos da cidade? A política de urbanização tem algum interesse comercial? Realizamos estas indagações porque acreditamos

⁹⁰ Cf.: Freitas, 2009, p. 75. “Fala do senhor José Moreira da Cunha em entrevista realizada pela pesquisadora Ana Mágnia Silva Couto, em 29 de junho de 1997. Na época da entrevista, o senhor José residia no bairro lagoinha, era catador de papel e tinha 49 anos”. Para maiores informações ver: FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...**histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p. 75.

que retirando estas moradias de algumas regiões estratégicas da cidade ocorrerá a valorização imobiliária das regiões atingidas, pois são consideradas áreas nobres em nossa cidade.

A propaganda realizada pelos administradores da cidade de Uberlândia, como um município que representa uma metrópole moderna, juntamente com os processos de urbanização da cidade, visando à retirada das pessoas de lugares estratégicos, associados à doação, venda e regulamentação de terrenos e propriedades de famílias de baixa renda da cidade, trouxe algumas implicações para a cidade as quais iremos discutir mais à frente.

A propaganda, realizada pelos administradores da cidade de Uberlândia ao longo do tempo, destacando a cidade como uma moderna metrópole regional, caminhando sempre rumo ao desenvolvimento e progresso, aliada à doação, venda e regulamentação de terrenos e propriedade a famílias de baixa renda da cidade atraiu vários migrantes para a cidade em busca de novas oportunidades, dentre elas moradia e emprego.

Assim a idealização progressista da cidade e a propaganda dos dirigentes da cidade, mostrando Uberlândia como uma metrópole regional moderna, trará um grande número de migrantes para a cidade atrás de emprego e moradia. Isto faz com que pessoas de todas as partes do país instalem-se na cidade. Contudo, Uberlândia não agrega uma gama tão grande de migrantes o que aumenta ainda mais os problemas sociais da cidade, fazendo com que seus dirigentes não consigam solucionar as calamidades sociais da crescente população, como: a ocupação de áreas ilegais, favelas, desemprego, crianças de ruas, indigência e mendicância.

Segundo Santos e Abreu, as administrações municipais de muitas cidades brasileiras, de médio e grande porte, vislumbram o progresso como um ideal a ser buscado. A argumentação feita por Santos e Abreu leva-nos a observar que o município de Uberlândia sempre direcionou seus objetivos para o progresso. Santos e Abreu, referindo-se à cidade de Governador Valadares, nos mostram que as cidades progressistas são marcadas por discursos e intervenções administrativas para construir o progresso sob o ideal de modernidade.

Assim, a cidade foi marcada pelas intervenções dos administradores públicos, pelos discursos incessantes sobre a construção do progresso e pelo ideal de modernidade. A remodelação pôde significar para a cidade a transformação do seu aspecto físico e por um ideal de modernidade nem sempre concretizados.⁹¹

⁹¹ SANTOS, Wallace Ferreira; ABREU, Jean Luiz Neves. “Modernização e utopias: projetos de transformação urbana no município de Governador Valadares (1960-80).” Vitória: In: **Revista Ágora**, nº 10, 2009, p. 09.

Santos e Abreu nos mostram que os discursos que objetivam conduzir as cidades ao progresso podem acarretar em transformações e modificações nos aspectos físicos desses locais. Uberlândia realiza diversas construções modificando a cidade para torná-la numa metrópole moderna. Contudo, ela também sofre transformações e modificações não desejadas pelas elites dirigentes do município como a ocupação de propriedades e formação de favelas.

Nestas ocupações de áreas ilegais vão surgir o bairro Dom Almir e os problemas sociais gerados por esta invasão. Para retratar as mazelas sociais, vividas pelos moradores do bairro Dom Almir, iremos mostrar uma reportagem de jornal que registra a situação vivida pelos moradores do local no período.

Todos os dias chegam dezenas de famílias para se instalarem no bairro Dom Almir. Estas pessoas não são desempregados ou vadias. Elas perderam seus salários arrojados pela política do governo agora sobrevivem de maneira subumana.

Nos 383 barracos, a maioria dos moradores são de outros bairros da cidade ou de fazendas da redondeza. As casas são verdadeiras choupanas, cobertas de lona plástica ou papelão, com suporte em madeira que não serve para outra coisa.

Cada barraco suporta casais que têm em média três filhos. As crianças andam descalças e sujas, permanecendo subnutridas, com o olhar de sofrimento pedindo atenção e comida. Elas passam de um lado para o outro no meio do esgoto exposto e dos montes de lixo, muitas têm dor de cabeça e vômitos, e as mães temem que isto são sintomas de cólera.

O local que está sendo invadido por centenas de pessoas não tem sequer água para se beber. As mulheres pegam água dos vizinhos que estão lá instalados há mais tempo, e existem ainda aqueles que tiram proveito da situação vendendo a Cr\$ 500 por balde. Diante da falta de água, o transporte coletivo só circula até as 19h00.

Diante da pobreza, os moradores se unem na vontade de ter um lugar para viver, livre dos aluguéis caros.

Segundo a líder dos barraqueiros, Alice Rodrigues Guimarães, já foi entregue na secretaria de Ação Social e na Secretaria de Habitação papéis para regularizar a situação dessas pessoas. A proposta da Secretaria é de organizar as pessoas nos terrenos provisórios, que a Prefeitura Municipal tenha uma resposta para estes “invasores”.

Alice ressaltou que as reivindicações que pedem são “simples” como: madeira, cobertor, alimentação, caminhão-pipa, transporte coletivo mais viável e uma maior atenção dos órgãos municipais responsáveis. O deputado estadual Geraldo Rezende foi convidado pela líder dos barraqueiros e esteve no local, na última sexta-feira. Para ele, o governo municipal deve primeiramente legalizar a situação das pessoas do Bairro Dom Almir, e em seguida, colocar no bairro os recursos possíveis para se ter uma vida digna, com água energia elétrica, transporte e condições de trabalho para garantir a alimentação.⁹²

Por meio desta reportagem podemos observar que os moradores destas invasões não são vagabundos ou vadios, são famílias de trabalhadores, que devido a problemas econômicos vividos pelo país não têm como pagar os altos custos dos aluguéis da cidade.

⁹² A SITUAÇÃO SUBUMANA NO BAIRRO DOM ALMIR. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p.09, 16 jul. 1991.

Assim, muitos destes invasores procuram um local para morar e sobreviver mesmo sendo invasões. Podemos observar que estas pessoas reivindicam somente um pouco de dignidade humana, pedindo atenção, água, comida, saneamento básico, saúde, pois o lixo, o esgoto e as condições insalubres comprometem sua saúde. Contudo, todas estas dificuldades não impedem estas pessoas de lutarem por um local para morar e viver de acordo com suas condições sociais.

Por meio da notícia veiculada pelo jornal, podemos perceber sua intenção em mostrar as invasões de terras e terrenos em Uberlândia no período. Esta reportagem é um pouco diferente das outras, pois denuncia as condições desumanas vividas pelos moradores das ocupações ilegais, também demonstra o descaso das autoridades municipais para com estas pessoas esquecidas pela sociedade uberlandense.

Carlos Meneses S. Santos procura enfatizar as tensões sociais geradas pelo povo à procura de moradia, assim, descreve a ocupação do bairro Dom Almir, e o descaso dos poderes públicos com a população carente. O autor realiza esta discussão através de uma carta do CDDH (Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Diocese de Uberlândia).

Companheiros, por meio desta vimos fazer uma denúncia e solicitar o apoio e ajuda de vocês na divulgação de um fato. Há mais de um mês algumas famílias invadiram uma área no bairro Dom Almir em Uberlândia e a denominaram de Dom Almir 2. Estas famílias estão pedindo o apoio das entidades locais no auxílio às suas reivindicações, que são: ligação de água, demarcação de lotes, material de construção para um embrião, financiamento dos restantes dos materiais e transporte coletivo. Acontece que não estão havendo negociações com a prefeitura, que parece desconhecer o fato. Apenas o secretário de habitação vem afirmando que vai haver a demarcação, mas nem água chega até lá, nem mesmo pelos caminhões pipa. Solicitamos às entidades que enviem telegramas ao prefeito, à secretaria de Habitação e Meio Ambiente, protesto a falta de sensibilidade da prefeitura de Uberlândia, que se acha na condição de cidade modelo, e a morosidade no início das negociações.⁹³

Através da citação realizada por Santos, percebemos a situação de calamidade pública vivida pelos moradores do bairro Dom Almir, procura-se mobilizar e sensibilizar a opinião da Diocese de Uberlândia. Isto fez a mesma interceder em favor da comunidade do bairro, solicitando aos poderes públicos municipais melhorias para a população do local, para que as pessoas tenham uma mínima dignidade de vida, podendo suprimindo suas necessidades mais

⁹³ **Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Diocese de Uberlândia.** [correspondência]. Uberlândia 09/08/1991. Acervo do Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Pasta da CDDH. Cf.: SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. **Ser trabalhador na cidade.** Relações de classe em Uberlândia – fins do século XX e início do século XXI. 2009. (Dissertação/ Mestrado em História) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009, p. 145.

básicas. Enfim, sua citação mostra uma carta enviada pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Diocese de Uberlândia, conclamando diversas entidades para protestarem e intercederem pelos moradores do bairro Dom Almir com o objetivo de sensibilizar os dirigentes municipais, pois a Prefeitura de Uberlândia não parecia não se sensibilizar com a causa dos moradores do bairro.

Agora, iremos expor um noticiário no qual os moradores do bairro Dom Almir exigem dos poderes públicos municipais soluções para os seus problemas, para isto os moradores realizam uma grande manifestação ocupando a Câmara Municipal da cidade.

Complicações respiratórias e diarreia nas crianças, fome, frio, sede e subnutrição começam a fazer parte da vida diária dos acampados do bairro Dom Almir, segundo declarações de João Batista Naves, membro da Comissão de Moradores, formada por nove pessoas, encarregadas de dialogar com as autoridades. Segundo ele, desde junho, o número de sem-teto saltou de 280 para 400 famílias morando em barracos de lona preta sustentados por barbantes e pedras. Ao longo desse tempo, pressionados pela falta de transporte e a distância, conforme informou Carlos Henrique Izídio, outro membro da Comissão, os acampados desenvolveram ações coletivas, visando proteger crianças e idosos tais como: transportar água em carroças de aluguel e colherem restos de verdura no Ceasa para uma cozinha comunitária improvisada. Apesar disso, e das promessas feitas pelas autoridades, com a exigência de que desocupem a área antes de qualquer solução, os dois sem-teto afirmam que a chegada das chuvas em meados de setembro converteu-se em mais uma preocupação.

Com esse espírito, os sem-teto ocuparam a galeria da Câmara Municipal, quarta-feira, pedindo ajuda aos vereadores. Por iniciativa da vereadora Nilza Alves (PCB) dois Secretários Municipais compareceram à sessão, o da Ação Social e o da Secretaria de Habitação e Meio Ambiente. Joel Cupertino e Ivan Pereira. Ambos voltaram a insistir na legalidade como principal entrave para resolver o problema dos moradores. A Secretaria de Ação social alegou falta de pessoal para, inclusive, fazer um levantamento das condições dos acampados. Porém, admitiu que poderá acionar a Defesa Civil caso a situação o exija no período chuvoso.

Por seu lado, a Secretaria de Habitação e Meio Ambiente informou que os acampados poderão credenciar-se junto às bancas da Encop, que percorrer os bairros e, como todos os interessados, aguardar a liberação de empréstimo para o financiamento de cinco mil terrenos e 14 mil casas pleiteando junto à CEF. Também a comissão de Vereadores, formada há mais tempo, para intermediar a discussão com o prefeito Virgílio Galassi, prestou conta aos moradores afirmando que, na próxima segunda-feira, deverá acontecer a primeira reunião entre as partes. No entanto, tal reunião não foi confirmada, até ontem, pelo Chefe de Gabinete Sérgio Ribeiro. Os integrantes da comissão de moradores declararam estar cientes de que o prefeito Virgílio Galassi declarou recentemente que não discute o assunto. Joel Cupertino, Secretário de Ação Social, lembrou que o governo federal tem sido responsável pela situação caótica da moradia na cidade e no país, ao considerar como mutuário em potencial pessoas com renda de 2,5 salários-mínimos em diante. João Batista Naves, membro da comissão, lançou um apelo às autoridades no sentido de que a desapropriação dos terrenos e dez outros itens de atendimento

emergencial sejam atendidos, ressaltando que os sem-teto estão dispostos a pagar pelo benefício dentro das suas possibilidades.⁹⁴

Notamos que o jornal local evidencia as complicações de saúde vividas pelos moradores do bairro Dom Almir. Percebemos este direcionamento realizado pelo jornal, como uma forma de estratégia para minimizar os embates sociais gerados pela invasão da Câmara municipal, pois os moradores ocupam a Câmara Municipal e exigem dos vereadores solução para os problemas sociais. Entretanto, a exigência de solução dos problemas sociais não somente envolve melhorias de saúde, mas melhores condições de vida para os moradores do bairro: moradia, transporte público, água, esgoto, energia elétrica e alimentação.

Assim, a falta de sensibilidade da prefeitura, em relação aos problemas sociais vividos pelos moradores do bairro Dom Almir, faz com que os mesmos mobilizem forças e exijam do poder legislativo da cidade a solução para seus problemas. Contudo, os dirigentes municipais preocupam-se somente com a desocupação das áreas invadidas pelos sem-teto não e não cedem quando os moradores exigem melhores condições de vida.

Observamos uma atitude dura e insensível por parte dos dirigentes municipais, o não reconhecimento dos direitos mais essenciais dos migrantes indesejados na cidade, pois os dirigentes da cidade sempre visaram apenas o progresso do município. Estas invasões impedem e entravam o desenvolvimento da cidade, vista como uma metrópole moderna na região. As Invasões de propriedades sempre foram e serão combatidas pelos dirigentes da cidade porque atuam contra os projetos burgueses das elites dirigentes do município.

Nesta próxima reportagem podemos observar a “queda de braço” desenvolvida entre o prefeito de Uberlândia e a população do bairro Dom Almir. Nesta notícia o prefeito deixa claro que não dará apoio nenhum a sem-teto na cidade de Uberlândia.

“Eu quero deixar bem claro – e que não fique nenhuma dúvida –, que invasores, na minha administração, não terão nenhum apoio. Eu recomendo que voltem para casa; voltem para o local de onde vieram, porque essas pessoas saíram de algum lugar e vieram para cá para pesar em cima da sociedade uberlandense”. A declaração, feita ontem pelo prefeito Virgílio Galassi, mostra claramente que a Prefeitura de Uberlândia não vai promover o assentamento das famílias que invadiram uma área próxima ao bairro Dom Almir e sem qualquer outro tipo de invasores não é um problema da Prefeitura de Uberlândia e que o seu compromisso é somente com a população uberlandense e o município já absorveu o que podia. “Daqui para a frente, cada um que cuide de si e Deus de todos”. Diz. Segundo Virgílio Galassi, no ano passado foi feito um acordo com a igreja católica, para a Prefeitura absorver o problema da invasão que já existia em

⁹⁴MARTINS, Tânia acampados estão em compasso de espera. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 06 set. 1991, p. 17.

Uberlândia, mas com o compromisso de que aquela seria a última vez que a Administração Municipal iria interferir no assunto. “E nós realmente fizemos muito mais do que prometemos, dando um atendimento muito bom àquele grupo”, conta Virgílio Galassi, lembrando que na época, havia um compromisso moral, sério de que não haveria mais invasões em Uberlândia. Isso, no entanto, não aconteceu e segundo o prefeito, o mesmo grupo de agitadores que promoveu a primeira invasão, promoveu esta segunda, agora nas proximidades do bairro Dom Almir.

A sugestão do prefeito para solução do problema é no sentido de que aquelas pessoas da sociedade uberlandense ou mesmo algumas facções políticas ou religiosas que acham que os invasores devem ser atendidos, que atendam elas mesmas. É muito bonito as pessoas ficarem fazendo demagogia e ficarem e recomendando atendimento. Então, elas que paguem. Se é vereador, que pague do seu próprio salário e se é uma instituição”, recomenda. Para Virgílio Galassi, o que não pode acontecer é essas pessoas criarem o problema para a Prefeitura resolver a absorver indefinidamente aquilo que a sociedade não agüenta. Já que a cidade possui aproximadamente 400 mil habitantes que precisam ser atendidos. “O nosso compromisso é com a população de Uberlândia e os invasores não são população de Uberlândia”, concluiu.⁹⁵

Nesta reportagem percebemos que o prefeito da cidade abstém-se da responsabilidade de dar condições dignas aos moradores do bairro Dom Almir ou a qualquer outro grupo de sem-tetos que invadam terras, terrenos ou lotes na cidade de Uberlândia. Preocupa-nos a ênfase dada pelo jornal na declaração do prefeito, pois o posicionamento do jornal é ambíguo, uma ora expõe os problemas sociais da cidade e em outra apóia os poderes municipais dando destaque de primeira página para declaração do prefeito da cidade.

Contudo, nossa intenção aqui é mostrar que a propaganda realizada pelos dirigentes da cidade, mostrando Uberlândia como uma metrópole regional em desenvolvimento e moderna, atraiu uma grande quantidade de migrantes para nossa cidade. Minha intenção é evidenciar que a propaganda atrai profissionais bem sucedidos e todos os tipos de trabalhadores. Neste caso os profissionais bem sucedidos são aceitos pela comunidade uberlandense, contudo, os trabalhadores mal qualificados são por ela maltratados e minimizados, são vistos como os problemas sociais de nossa da sociedade.

Nosso objetivo, com estas reportagens, é mostrar que a busca incessante pelo progresso da cidade de Uberlândia, desenvolvida pelas classes dirigentes do município, vai trazer mazelas sociais, neste caso, a presença cada vez mais freqüente de grupos de sem-teto. Assim, a busca obsessiva do progresso tem consequências nefastas, uma delas é a fragilidade habitacional, em suas várias manifestações (invasões, submoradia etc). Estes embates sociais quase sempre são acobertados ou minimizados pela imprensa local, pois não é interessante

⁹⁵ VIRGÍLIO REAFIRMA QUE NÃO DARÁ APOIO A INVASORES SEM-TETO. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p.10, 21 jan. 1992.

divulgar os problemas sociais da cidade para os cidadãos uberlandenses e para o Brasil, “pois nossa cidade deve representar a punjança e o progresso do Triângulo Mineiro e de Minas Gerais.” Desta forma, acredito que muitos desses problemas criticados e combatidos pelas classes dirigentes de nossa cidade, são frutos da propaganda veiculada pelos poderes municipais, que mostra Uberlândia como uma cidade bonita, progressista e moderna, cheia de fábricas, empresas e empregos. Contudo, penso que em nossa cidade as oportunidades são somente para os profissionais bem qualificados ou apadrinhados pelos membros bem sucedidos de nossa sociedade.

Diante disto, observo que nossa cidade não apresenta oportunidades de emprego e progresso para todas as classes sociais de nossa sociedade. Assim, a propaganda idealizada e veiculada pelos dirigentes da cidade e pela imprensa local é falsa, pois esconde os grandes problemas sociais vividos pela sociedade uberlandense de baixa renda, que constitui a maior parte da população.

A propaganda veiculada a respeito da cidade de Uberlândia demonstra que na cidade inexistente favela. Contudo, barracos feitos de madeira velha, cobertos com lonas e folhas de lata estão presentes nos bairros periféricos da cidade. Nas adjacências dos bairros Dom Almir e Joana D’Arc, nestes locais muitas residências não possuem água, esgoto, asfalto e energia elétrica. Vemos uma falta de interesse da administração municipal em resolver os problemas da população de baixa renda. Estes problemas sociais não são resolvidos, não há ações por parte dos poderes instituídos, nem providências para que estas pessoas tenham uma vida digna. Diante disto, que acredito que a propaganda de progresso e oportunidades veiculada sobre Uberlândia é falsa, pois cria uma fantasia idealista que só existe na mente dos burocratas.

Desta forma, observamos Uberlândia como uma cidade grande, uma metrópole regional, contudo as oportunidades não são para todos, pois nossa cidade está repleta de mazelas sociais, encobertas pelas administrações municipais e pela imprensa local ao longo do tempo.

Nesta parte do trabalho, vamos falar da indigência e mendicância na cidade de Uberlândia e do descaso das administrações municipais em relação a este problema social. Discutiremos e mostraremos, através das notícias, algumas administrações de metrópoles municipais e regionais fugindo da responsabilidade social em relação à mendicância e à indigência. Desta forma, o papel dos dirigentes municipais é expulsar os indigentes e os mendigos dos limites territoriais dos municípios sob suas administrações, limpando a cidade

destes problemas sociais. Para isto, os representantes municipais vão utilizar-se da publicação de reportagens de jornais locais com o intuito de justificar as ações contra mendigos, indigentes e migrantes indesejados.

Acredito que seja necessário pensar na imprensa como um instrumento de força ativa na vida de uma população, principalmente nas grandes cidades brasileiras, porque ela pode transformar os modos de viver da sociedade, influenciando nas perspectivas de vida, na consciência e na memória histórica de um povo, transmitindo os ideais de uma classe dominante e não admitindo mendigo nem indigente dentro de sua sociedade. Cruz e Peixoto nos alertam que “é preciso pensar a imprensa como força ativa da vida moderna, pensar na imprensa atuando na constituição dos nossos modos de vida nas perspectivas e consciência histórica.”⁹⁶

Para começar nossa discussão em relação à imprensa e seu poder ativo na memória e consciência histórica das pessoas, mostraremos uma entrevista concedida ao Jornal Correio pelo prefeito de Uberlândia, Virgílio Galassi, nos anos 90. Nela é realizado um balanço de sua gestão e o prefeito discute a questão da mendicância no município. Quero, com as colocações de Cruz e Peixoto, revelar que a imprensa neste caso é utilizada para mobilizar a população da cidade para ir contra a mendicância na cidade e para criar uma consciência no povo uberlandense contra a mendicância e a “vadiagem”.

O meu apelo à comunidade para não dar esmolas tem como objetivo frear o crescimento do número de mendigos na cidade. Quem quiser dar esmola deve procurar uma entidade assistencial, que será preparada para distribuí-la da melhor forma.⁹⁷

Através desta afirmação podemos observar que o problema da mendicância e da indigência sempre foi um dos males combatidos pela sociedade uberlandense e principalmente pelas administrações do município. Contudo, acreditamos que a intensa propaganda realizada pelos dirigentes do município, destacando a cidade como uma moderna metrópole regional a caminho do desenvolvimento e do progresso, atraiu vários migrantes para a cidade em busca de oportunidades (comércio, moradias e emprego). Assim, o aumento desenfreado da cidade vai gerar mazelas sociais como a indigência e a mendicância, tão combatidas pela sociedade uberlandense e pelos dirigentes municipais da cidade.

⁹⁶ Em diálogo com Darnton, ver: CRUZ, Heloisa de F; PEIXOTO, Maria do Rosário da C. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa.” In: **Projeto História**. São Paulo, nº 35, dez/ 2007, p.257.

⁹⁷ GALASSI PREPARA MUNICÍPIO PARA ANO 2000. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p. A6, 31 ago. 1991.

Percebemos o apelo realizado pelo prefeito da cidade no período como uma tentativa de diminuir ou despertar a população local para a questão da mendicância e da indigência na cidade. Assim, o líder do município utiliza os meios de comunicação para mobilizar a população a não dar esmolas aos pedintes. Segundo ele, esta ação realizada pelos cidadãos uberlandenses poderia estar atraindo e aumentando a mendicância no município. Através desta notícia, observamos que esta situação preocupa os dirigentes da cidade.

Esta reportagem, divulgada pelo Jornal Correio, apresenta um trabalho social desenvolvido pela prefeitura com o objetivo de retirar os mendigos das ruas da cidade. A prefeitura tenta estabelecer convênios com albergues que possam monitorar e acompanhar os mendigos da cidade, buscando assim solucionar os males sociais gerados pela mendicância.

A Prefeitura Municipal através da Secretaria de Trabalho e Ação Social firmará convênio com albergues para ter um diagnóstico sobre as causas do aumento da mendicância em Uberlândia. O projeto visa atender pessoas que se deslocam de outras cidades e vivem de forma subumana. A prefeitura entrará com a parte financeira e orientação e a parte operacional ficará a cargo do albergue, mas não há data prevista para a realização da prática do projeto.

De acordo com a secretária do Trabalho e Ação Social, Niza Ribeiro Luz, os mendigos fazem parte da cidade porque Uberlândia está crescendo. Ela encara esse fato como “normal” e os números ainda não são alarmantes. Para Niza, esse projeto atenderá aos pedintes de uma forma mais humanizada, mas concorda que a população deve dar o dinheiro às entidades específicas e não aos mendigos. “A caridade muitas vezes leva ao aumento da mendicância ou à acomodação dessas pessoas.”

Niza informou que muitas dessas pessoas vêm para Uberlândia para pedir esmolas durante a semana e retornam às suas cidades nos finais de semana. Com o projeto de cooperação entre Prefeitura e albergue, os pedintes serão triados, encaminhados às suas cidades e aqueles que optarem por continuar na cidade receberão orientação empregos e as crianças terão um trabalho mais ostensivo e humano.⁹⁸

Por meio da notícia apresentada pelo jornal podemos confirmar que a propaganda realizada a favor do município atrai uma grande quantidade de migrantes para o município. Percebo que devido ao crescimento populacional desenfreado da cidade surgem alguns males sociais como a falta de moradia e o desemprego, que trazem outras conseqüências, como a indigência e a mendicância, observados entre os pedintes e moradores de rua.

Nesta reportagem os representantes municipais também solicitam à população uberlandense que não dê dinheiro aos pedintes, mas a entidades assistenciais específicas, pois o ato de caridade pode aumentar a mendicância na cidade. A notícia dada pelo representante municipal ainda apresenta a possibilidade dos albergues orientarem e darem empregos a estas pessoas, que vivem em situação subumana. Entretanto, mostraremos,

⁹⁸ PREFEITURA QUER VER TODOS OS MENDIGOS FORA DAS RUAS. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p.18, 16 out. 1991.

através de reportagens, que os poderes municipais “encaminham” os pedintes, mendigos e indigentes para outras cidades. Acredito que as atitudes tomadas pelos órgãos municipais visam somente à retirada dos indigentes da cidade, direcionando estas pessoas para suas cidades de origem ou para fora dos limites territoriais do município. Estes encaminhamentos de indigentes gerarão vários embates entre algumas metrópoles regionais, envolvidas neste trânsito de pessoas.

Contudo, observamos na ação desenvolvida pela prefeitura uma forma de tentar ocultar os problemas sociais gerados pelo desenvolvimento desenfreado da cidade rumo ao progresso, uma tentativa de ocultar o alto índice de mendicância na cidade, pois este mal social pode manchar a imagem de Uberlândia.

O próximo noticiário apresentará uma denúncia realizada pela Secretaria de Ação Social de que haveria um encaminhamento de migrantes, considerados indigentes, direcionado para a cidade de Uberlândia, vindo no trem bandeirante chamado de “Vagão dos Indigentes”.

A Secretaria do Trabalho e Ação Social e o Núcleo de Atendimento ao Migrante do terminal rodoviário de Uberlândia se surpreenderam, na semana passada, com a chegada de um trem, proveniente de Campinas, lotado com 80 pessoas à procura de trabalho na cidade. Segundo a gerente de Núcleo, Maria do Socorro Pereira, o número de 20 ou 30 pessoas é considerado normal, apesar de alto. “Nas últimas três semanas este número veio crescendo até chegar a 80. Percebemos, então, que ao invés de uma migração espontânea, passamos a receber uma migração direcionada”, analisou. O trem, que parte às terças-feiras de Campinas, já está sendo chamado de “Vagão dos Indigentes”.

Coincidentemente ou não, a secretária verificou que esta semana não houve passageiros no vagão. Para a secretária, Niza Ribeiro Luz, não há dúvidas que existiu a intenção de encaminhar mendigos e pessoas carentes para a cidade. Ela acrescentou que ainda não foi feito o levantamento das responsabilidades. “Não podemos acusar a prefeitura de Campinas, porque núcleos de migração são ligados geralmente ao Estado”, explicou. A secretária admitiu que a cidade possui uma imagem que cria expectativas em torno da obtenção de emprego e moradia, o que atrai muitos migrantes. “Mas, para as pessoas saberem disso, devem ter acesso a algumas informações, por parte de quem conhece a cidade”, concluiu.

Como é a migração

A Secretaria de Ação Social e Núcleo decidiram, a partir desta semana, acompanhar a chegada do trem na estação ferroviária local, para conversar com os migrantes e descobrir, entre outras coisas, o motivo de terem optado por Uberlândia e como chegaram às informações que os incentivaram a isso.

Maria do Socorro Pereira afirmou que os migrantes, quando vêm para a cidade, dirigem-se ao albergue por conta própria, ou então, funcionários da Fepasa ligam para a entidade, que providencia o transporte das famílias. Eles podem ficar por três dias no albergue, recebendo refeições e alojamento para o pernoite. A gerente do Núcleo informou que grande parte dos migrantes não encontra emprego ou, quando acha, não consegue moradia. “Existe uma forte expectativa de se estabelecerem na cidade, com emprego fixo”, disse. No caso de optarem por seguir viagem, ou retornar ao local de procedência, o Núcleo de Migrantes faz a

triagem e concede passagens de ônibus. Maria do Socorro acredita que, com a divulgação pela imprensa da situação ocorrida na semana passada, haverá uma redução de 70 a 80% de pessoas no vagão dos indigentes.⁹⁹

A notícia nos mostra que as pessoas procuram a cidade de Uberlândia para morar porque ela supostamente apresenta boas expectativas de obtenção de emprego e moradia, e isto atrai uma grande quantidade de migrantes para o município. Contudo, estas informações são transmitidas por outras cidades que querem acabar com seu problema social encaminhando estas pessoas para nossa cidade. A reportagem ainda mostra que as pessoas tratadas como indigentes procuram a cidade à procura de emprego fixo, portanto são trabalhadores, não pedintes ou mendigos. A mesma reportagem também mostra que os albergues somente fornecem três dias de hospedagem às famílias migrantes. Sabemos que três dias são insuficientes para que uma pessoa arrume um emprego descente, sendo assim, estas pessoas são condenadas a viver de mendicância no município ou voltar para sua cidade de origem, enviados pela prefeitura municipal.

Diante desta reportagem percebemos que Uberlândia realmente é uma grande metrópole regional, contudo agrega somente empresas ou empresários bem sucedidos (seja ele micro, pequeno ou grande empresário). A cidade aceita somente pessoas bem qualificadas, impondo aos trabalhadores mal qualificados a dura realidade do subemprego e da carência total de estrutura. Em nossa cidade ainda existe a “cultura” do apadrinhamento, os empregos são direcionados por indicação de parentes ou amigos. Assim, com esta “cultura”, os migrantes mal qualificados são excluídos da sociedade uberlandense, pois eles não têm onde morar, não tem quem os indique para o trabalho, logo não têm emprego e são excluídos da sociedade uberlandense, sendo destinados à vida de indigência.

Queremos chamar atenção para o as ênfases da notícia, pequenas nuances que revelam que o Jornal compactua com a idéia de acabar com a indigência na cidade, pois procura sempre enfatizar Uberlândia como uma cidade perfeita, sem males sociais. Sendo assim, para acabar com o problema de indigência na cidade aponta-se sua a origem fora dos limites do município, é necessário mostrar para a sociedade uberlandense que o problema da mendicância é de origem externa ao município e que a cidade não dá origem a estes problemas sociais.

⁹⁹MIGRAÇÃO PASSA A VIGIAR O “VAGÃO DOS INDIGENTES”. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p. C1, 26 mar. 1992.

No entanto, é necessário pensar a notícia veiculada pelo Jornal como um texto carregado de intencionalidades. Desta forma, percebemos que é necessário refletir em relação às notícias apresentados pela imprensa. Segundo Barbosa, “toda informação ou notícia está carregada de projetos políticos ideológicos, dos escritores ou de uma classe”¹⁰⁰. Nestas reportagens percebemos que há transmissões de cunho ideológico e político, pois se procura mobilizar a população a não dar esmolas, o que supostamente seria a solução da mendicância. Também procuram mostrar que a cidade de Uberlândia não gera a indigência e a mendicância, tentam retirar dos administradores municipais a responsabilidade por estas mazelas sociais.

Sabemos que a indigência e da mendicância é são problemas enfrentados por várias cidades de grande porte no Brasil. Entretanto, é assustadora a maneira como algumas administrações municipais atuam para resolver este mal social. Muitas prefeituras procuram expulsar estas pessoas de seus municípios de qualquer maneira. Então, tentaremos mostrar, através das reportagens, as táticas sutis utilizadas por muitas administrações municipais para resolver o problema da mendicância em suas localidades.

A reportagem abaixo mostra os embates entre as administrações da maior cidade do interior no período, Campinas-SP, e a administração municipal de Uberlândia em relação à exportação de indigentes. Assim, a próxima reportagem mostrará que a cidade de Campinas nega que incentiva e encaminha mendigos e indigente para a cidade de Uberlândia.

O Secretário de Promoção Social de um exercício de Campinas, Carlos Roberto Muniz de Araújo, negou ontem que a prefeitura esteja induzindo os indigentes e pessoas carentes a optar pela migração para Uberlândia. Segundo ele, na semana passada o Samim (Serviço de Atendimento ao Migrante, Itinerante e Mendicante) cadastrou várias pessoas, mas que o número dirigido à cidade era menor que 80. “Alguns dos migrantes afirmaram que iriam ficar em outros municípios pelo caminho. Não temos o controle sobre o destino dos migrantes depois que eles embarcam nos trens”, se defendeu.

O procedimento adotado pelo Samim, segundo Carlos Araújo, é de aceitar a opção do migrante pela cidade que ele acredita oferecer mais chance de trabalho ou que resida algum parente. O secretário espera chegar a um acordo com as cidades convidadas para o segundo Encontro de Migração, em Ribeirão Preto, no sentido de se criar um intercâmbio de informações entre os municípios formadores do corredor migratório. Que se inicia em São Paulo até o Triângulo Mineiro. “Somente com esta troca de informações é que o poderemos sugerir aos migrantes os locais onde terão maior chance de obter emprego”. Analisou. A secretária do Trabalho e Ação Social de Uberlândia, Niza Luz, e a gerente do Núcleo de Atendimento ao Migrante, Maria do Socorro Pereira, irão ao encontro, que será no próximo dia 27.¹⁰¹

¹⁰⁰ BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. “Sobre história: imprensa e memória”. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, p.262-272, 2006.

¹⁰¹MIGRAÇÃO PASSA A VIGIAR O “VAGÃO DOS INDIGENTES”. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p. C1, 26 mar. 1992.

Através desta notícia podemos verificar que a administração municipal de Campinas nega o envio de migrantes para a cidade de Uberlândia, contudo afirma que envia os migrantes para cidades que ofereçam mais oportunidades. Através desta afirmação entendemos a destinação destes migrantes para Uberlândia, pois nosso município sempre procurou vender a imagem, fora de seus limites, de uma grande cidade, com grandes empresas, grandes negócios e muitos empregos e oportunidades. Assim, esta propaganda traz muitos negócios, empresários e grandes empresas para a cidade, entretanto atrai um grande número de migrantes, tanto desejados quanto indesejados pela sociedade uberlandense. Através da propaganda, divulgando a cidade de Uberlândia como grande metrópole, entendemos o motivo pelo qual foram enviados os “migrantes indesejados” para o município. A administração Campineira procura abrandar a situação se defendendo, contudo, percebe-se que a metrópole paulistana procurou acabar com o mal social vivido no município enviando os migrantes para a cidade mineira.

Observamos toda esta situação como resultado das estratégias utilizadas pelas prefeituras para acabar com o problema da mendicância em seus limites territoriais. Expulsando estes migrantes para fora de seu território, abstendo-se de solucionar este problema social, isentando-se da responsabilidade, pois poderiam encaminhar estes migrantes para entidades que possibilitassem o acesso a empregos e moradias descentes, para que essas pessoas pudessem integrar a sociedade. Todavia, estas administrações municipais querem solucionar o problema da indigência com o menor custo possível, retirando estes migrantes indesejáveis dos limites do município.

O próximo noticiário procura comprovar, através do depoimento de um migrante, que a cidade de Campinas realmente está enviando os migrantes indesejados para a cidade de Uberlândia.

O Núcleo de Atendimento ao Migrante teve um dia movimentado ontem. Além de desempregados que chegavam de Rondônia e Brasília, o trem bandeirantes de Campinas trouxe, à noite, 25 migrantes. Eles passaram a noite no Albergue Noturno Ramatis e hoje foram para a rodoviária tentar passagens para outras cidades. “Não conseguimos emprego aqui”, assegurou o mecânico Sérgio Sampaio. Ele disse que estava em Campinas e queria ir para Belo Horizonte, mas foi obrigado a vir para Uberlândia. “Lá, eles (o núcleo do migrante) só tinham passagem para Uberlândia, Uberaba e Araguari”, afirmou. Ele garantiu que não tem nada a fazer aqui e que agora não consegue chegar a Belo Horizonte. “Eu estou agora mais longe, estou dando voltas, eu não queria vir para cá e me vejo fora da rota”, assegurou. Ele está no albergue, mas como só poderá ficar lá só por três dias, terá que dormir na rua até conseguir chegar a Belo Horizonte. “Se eu

tivesse ido a pé de Campinas para Belo Horizonte eu gastaria 18 dias, mas acho que teria sido mais vantagem, porque agora eu estou andando em círculos e minha viagem está atrasada”, finalizou. (DM).¹⁰²

Através da reportagem acima percebemos que os administradores de Campinas querem somente ficar livre dos migrantes indesejados, enviando-os para qualquer cidade mesmo contra sua vontade. Desta forma, a tática utilizada é retirar estes migrantes dos limites territoriais do município. Esta ação é um “jogo de empurra” no qual as administrações municipais procuram “jogar” suas responsabilidades sociais para os outros municípios. Entretanto, esta reportagem serviu para confirmar a estratégia utilizada pelas prefeituras para se livrarem de uma responsabilidade social que “assola” o país. Assim, as prefeituras expulsam estes migrantes para fora de seus territórios, mesmo contra sua vontade, para as “cidades de grandes oportunidades”. Contudo, percebemos que as referidas prefeituras procuram acabar com o problema social de seu território com o menor custo possível, transportando estas pessoas em trens. Desta forma, seu o destino será sempre as cidades que margeiam as ferrovias trafegadas pelo Trem Bandeirante (Campinas, Ribeirão Preto, Uberaba, Uberlândia e Araguari), pois o custo é mais barato para as prefeituras.

Nesta outra reportagem, Uberaba, cidade próxima de Uberlândia e que faz parte da rota férrea do Trem Bandeirante, também aparece envolvida em denúncias de exportação de migrantes indesejados (indigentes e mendigos).

Além do “vagão dos indigentes” que traz para Uberlândia dezenas de migrantes por semana, enviados por Campinas, a prefeitura de Uberaba também está mandando seus migrantes para cá. O segurança Florisvaldo Nunes que está há dez dias em Uberlândia, dormindo na rua, denunciou, ontem, no Núcleo de Atendimento ao Migrante, no terminal rodoviário, que foi colocado à força dentro de uma Kombi e ameaçado de agressão por um soldado da Polícia Militar.

“Eu não queria vir para cá, eu tinha acabado de pintar uma casa em Uberaba e estava procurando outro emprego, quando eles me colocaram na Kombi e disseram que meu destino era Uberlândia”, denunciou Florisvaldo Nunes. Ele mostrou uma solicitação de retorno do Hospital Escola da Faculdade de Medicina do Triângulo (FMTM) onde fazia um tratamento médico e disse que nem esse argumento fez a PM e o pessoal da prefeitura desistirem de colocá-lo num ônibus rumo a Uberlândia.

Segundo o migrante, 20 pessoas foram colocadas no ônibus e muitas delas continuam dormindo pelas calçadas porque não encontram emprego, nem passagem para voltar às suas cidades de origem. “Se eu não conseguisse emprego em Uberaba eu ia voltar para Ribeirão Preto, porque minha família é de lá, mas eles não deixaram e disseram que eu tinha que vir pra cá”, salientou. Florisvaldo Nunes denunciou ainda que o envio de migrantes de Uberaba se dá sob a força dos cassetetes da polícia.

“O soldado agride as pessoas e obriga a gente a entrar na Kombi”, garantiu, acrescentando que não há nada a fazer aqui e que quer voltar para casa. “Sou um

¹⁰² BANDEIRANTES AINDA TRAZ MIGRANTES ORIUNDOS DE CAMPINAS. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p. C1, 02 abr. 1992.

cidadão, eu voto, eu tenho documentos e não posso ser tratado desse jeito, até passei fome e tive que ser internado de fraqueza para tomar soro”, disse. Para Florisvaldo Nunes ver a Kombi à procura de migrante em Uberaba tornou-se comum no dias em que ele passou lá. Segundo ele, a prefeitura faz isso regularmente e muitas vezes dispensam o ônibus e traz os migrantes de Kombi até a metade do caminho. “Aí eles falam para a gente continuar o caminho a pé até aqui”, acusou.¹⁰³

Nesta reportagem podemos notar que as prefeituras já não utilizam da sutileza de enviar os migrantes indesejados para grandes cidades que ofereçam mais oportunidades. As prefeituras agora expulsam as pessoas dos seus limites territoriais por meio da força, para realizar esta ação utilizam-se da força policial. Percebemos nesta ação uma forma desesperada, utilizada pelas prefeituras para solucionar o problema da indigência e da mendicância em seus territórios. Outra questão a ser discutida é o fato de que a incidência de mendicância é mais constante em cidades de grande ou médio porte, como Araguari, Uberlândia, Uberaba, Ribeirão Preto, Campinas etc. Esta questão pode confirmar nossa problemática, pois a modernidade, o progresso e o desenvolvimento destas cidades atraem grandes empresas e grandes negócios, contudo, também atraem problemas sociais como a mendicância.

A denúncia feita pelo migrante esclarece que a prefeitura de Uberaba utiliza-se desta prática constantemente. Assim, por meio da reportagem podemos ver que as administrações municipais utilizam-se de todos os meios para retirar a indigência de seus limites territoriais. No entanto, a questão mais problemática desta reportagem é o fato de o poder municipal utilizar-se da força policial da cidade para cometer uma infração penal, impedindo o direito das pessoas de ir e vir, ação que fere os direitos constitucionais dos migrantes.

As reportagens abaixo vão evidenciar que o problema da mendicância atinge várias cidades, dentre elas Uberaba. Contudo, as notícias mostram que o poder municipal de Uberaba nega as acusações de exportar mendigos e indigentes para a cidade de Uberlândia ou qualquer outra cidade.

A Secretaria de Trabalho e Ação Social de Uberaba, professora Zilma Terezinha Bagiato Faria, negou veemente todas as denúncias do migrante Florisvaldo Nunes, Ela explicou que a Secretaria atende a migrantes e itinerantes através de um plantão na rodoviária a Ronda Social, que consiste em localizar essas pessoas pelas ruas da cidade e levá-las para o albergue, onde têm o direito de permanecer por três dias. “A ronda tem o apoio da Polícia Militar, mas o soldado é treinado para este trabalho. O migrante nunca é levado para outro local que não seja o albergue”, enfatizou.

¹⁰³ MENDES, Dolores. Uberaba acusada de “exportar” migrante. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 02 abr. 1992, p. C1.

Zilma Faria acrescentou ainda que tanto migrantes quanto itinerantes têm o dever de trabalhar durante a estadia no albergue. De acordo com o programa da Secretaria, eles devem participar da limpeza de creches, educandários e outras instituições e outros serviços. A Secretaria frisou ainda que a prefeitura de Uberaba tenta alocar o migrante na cidade e fornecer passagens para os itinerantes. No encontro sobre migração. Que aconteceu em Ribeirão Preto ao final da semana, Zilma disse que “deixou claro” aos participantes seu posicionamento. “Eu simplesmente reafirmei que cada cidade deve cuidar dos seus pobres, e com recurso do próprio município. Toda cidade tem problemas sociais e não pode arcar com problemas das outras”. Afirmou.¹⁰⁴

A notícia acima procura demonstrar o representante do órgão municipal de Uberaba negar o envio de migrantes para outras cidades. Contudo o interessante nesta reportagem é o fato de todas as cidades citadas no noticiário estarem vivendo o problema da mendicância e indigência. Acredito que este fato ocorra porque estas cidades se autodenominam metrópoles regionais, querendo estar próximas ao desenvolvimento das grandes cidades brasileiras. Este noticiário também revela que nenhuma prefeitura quer se responsabilizar pelos migrantes de sua cidade, procurando atribuir a responsabilidade ao próximo.

O chefe de gabinete da prefeitura, Sérgio Ribeiro Cunha, disse, ontem, que não acredita na possibilidade de Uberaba estar enviando migrantes para Uberlândia. “Pelo posicionamento do prefeito de Uberaba e de sua administração, não podemos acreditar que isso seja verdade”. Garantiu. Segundo o chefe de gabinete, a prefeitura irá averiguar essas denúncias de exportação de migrantes, mas baseada no princípio que as prefeituras de Uberaba e de Campinas não fariam isso”. “Alguém pode estar fazendo uso político dessa situação para nos indispor com o Hugo (prefeito de Uberaba. Hugo Rodrigues da Cunha)”, afirmou Sérgio Ribeiro, sugerindo que pode haver dezenas de explicações para o fato. Segundo ele, é preciso antes conviver com os prefeitos das cidades envolvidas nas denúncias para só depois saber de onde vêm essas conversas. O chefe de gabinete reconhece que a questão é delicada e reafirma a posição da prefeitura de não acreditar, em princípio, nos migrantes e confiar na postura política de prefeitos como o de Uberaba, considerados por Sérgio Ribeiro Cunha, como “amigos”.¹⁰⁵

Nesta outra notícia o representante municipal tenta negar que Uberaba esteja enviando migrantes para outras cidades. O representante do governo é bastante astuto, pois utiliza o prestígio do prefeito para afirmar que os atos realizados pelos órgãos municipais são idôneos. Neste caso, é interessante observar como o representante do município realiza o discurso de defesa da cidade. Ele insinua que os inimigos políticos do governo em gestão podem estar utilizando a acusação de exportação de migrantes indesejados para denegrir a imagem da administração municipal de Uberaba.

¹⁰⁴ UBERABA NEGA ENVOLVIMENTO. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. C1, 02 abr. 1992.

¹⁰⁵ GABINETE INCRÉDULO ANTE DENÚNCIA. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. C1, 02 abr. 1992.

Expomos estes noticiários para mostrar que todas as cidades acusadas estão envolvidas no problema de exportação de migrantes indesejados, seus governantes sempre prezaram pelo progresso e pelo desenvolvimento de seus municípios, mas nenhuma destas cidades quer arcar com os problemas sociais que surgem nas “cidades modernas e com grandes oportunidades”.

As entidades municipais ficam se esquivando de suas responsabilidades sociais, empurrando seus problemas para as outras cidades, com o objetivo de diminuir seus gastos. Desta forma, o problema da indigência e da mendicância não são solucionados nestas cidades em desenvolvimento, pois elas preferem empurrar seus problemas para as outras, ao invés de disponibilizar emprego e moradia para estes migrantes, solucionando o problema gerado pelas grandes cidades modernas.

Através do nosso trabalho historiográfico procuramos mostrar que a busca incessante pelo progresso, desenvolvida em Uberlândia, não trouxe somente aspectos positivos para a cidade. O desenvolvimento da cidade foi atingido poupando gastos com problemas sociais e, entretanto, investindo em grandes obras como o estádio Parque do Sabiá, viadutos e vias de acesso, que têm o intuito de apresentar o município como uma grande cidade, uma metrópole regional. Acredito que os grandes investimentos, visando ao progresso da cidade de Uberlândia, aumentam os problemas sociais vividos pela sociedade uberlandense, como a migração intensa, a falta de moradia, os altos índices de desemprego, a mendicância e a indigência.

A intensa migração vai proporcionar o crescimento gigantesco da cidade de Uberlândia, no que diz respeito aos fatores econômicos (empresas, fábricas etc), populacionais e territoriais do município. Assim, o aumento desenfreado do município consequentemente gera mazelas sociais, tão combatidas pelos dirigentes da cidade.

Durante a realização de nossa produção historiográfica, tentamos comprovar, através das notícias do Jornal Correio de Uberlândia, que a propaganda municipal divulgada pela mídia, destacando Uberlândia como uma moderna metrópole regional-nacional rumo ao desenvolvimento e ao progresso, teve algumas consequências negativas, ocasionou alguns dos principais problemas sociais vividos pela sociedade uberlandense atualmente como: a falta de moradia, invasão de propriedades, altos índices de desempregos, indigência, mendicância etc. Desta forma, o desfecho da busca incessante pelo progresso serão as grandes mazelas sociais combatidas pela sociedade uberlandense e pelos poderes municipais ao longo do tempo. Isto porque a estrutura social do município não integra à sociedade uberlandense os trabalhadores mal qualificados, os cidadãos de baixa renda e os migrantes.

Os migrantes indesejados, ao buscarem nossa cidade, são totalmente excluídos, vivendo à margem da sociedade e das benfeitorias trazidas pelo estado. Estas pessoas são as populações carentes esquecidas pelos governantes e por toda sociedade uberlandense, assim são condenadas a viver num submundo de exclusão nas grandes metrópoles modernas.

Acredito que, através deste trabalho no campo da História, pudemos mostrar que o progresso atingiu o cotidiano vivido pela população uberlandense não somente de forma, mas também de forma negativa. Penso ter mostrado que os diversos conflitos e embates sociais ocorridos na cidade resultaram de um ideal que pretende tornar Uberlândia uma moderna metrópole regional. Enfim, procurei revelar nesta monografia que o desenvolvimento e o progresso do município não ocorreram pacificamente, mas com muitos conflitos sociais, envolvendo os interesses das classes dirigentes e os das classes carentes, esquecidas e marginalizadas por nossa sociedade.

Considerações Finais

Gostaria de ressaltar que tive um grande prazer em trabalhar com a bibliografia apresentada nesta monografia. Estas produções tiveram uma grande importância para mim como pesquisador-historiador. Pois através desta historiografia pude me orientar e realizar as reflexões e questionamentos necessários para desenvolver este trabalho acadêmico. Assim, observo que a bibliografia é muito importante num trabalho acadêmico, pois ela auxilia o pesquisador, abre diversas perspectivas para a reflexão sobre os temas abordados. Contudo, acredito que o jornal, como documento, foi essencial nesta monografia, pois por meio dele realizei quase todas as problematizações, discussões e abordagens deste texto historiográfico.

Entendo que os temas discutidos e questionados nesta monografia já foram abordados em outros trabalhos historiográficos ou estudos de outras áreas do conhecimento, entretanto, observo que esta monografia é muito importante para nós historiadores, pois mostra as relações existentes entre imprensa e poder. Penso que a partir desta produção historiográfica podemos observar alguns conflitos existentes entre os grupos detentores do poder local e a população carente, que exige a execução de obras sociais. Este trabalho pode possibilitar a percepção de que o progresso, almejado pelas classes abastadas da cidade, não aceita as práticas rurais em ambientes urbanos. Observo que este texto pode contribuir para compreendermos o direcionamento dado à questão ambiental no município, que não pensa na preservação do meio ambiente, mas em utilizar a legislação ambiental para direcionar a cidade de Uberlândia rumo ao desenvolvimento e ao progresso. Creio que por meio desta monografia possamos ajudar a criar questionamentos sobre alguns problemas sociais do município como a indigência e a mendicância. Assim, minha intenção foi mostrar como são tratados os indigentes, os mendigos e os migrantes de baixa renda em nossa cidade. Com este texto, aponte para a questão da moradia na cidade, pois penso que esta produção historiográfica pode nos ajudar a questionar os altos investimentos em obras que representam o progresso da cidade e a falta de interesse em investimentos em moradia, para atender às populações carentes do município. Desta forma, utilizei-me deste trabalho para mostrar a falta de interesse dos dirigentes municipais em investir capital em moradia para atender às classes baixas da sociedade uberlandense conduz ao surgimento das “favelas” em nossa cidade.

Acredito que esta monografia seja importante e contribua para a sociedade uberlandense, pois ela revela que a imprensa é utilizada pelas classes que estão no poder como instrumento de dominação. A imprensa, neste caso, é usada para divulgar e legitimar as obras e os feitos realizados pelas elites dominantes. As classes dirigentes utilizam a imprensa, o jornal, para produzir ideologias, direcionando a cidade de Uberlândia rumo ao progresso. Neste mesmo caminho, o jornal procura criar uma memória popular, enfatizando os grandes feitos e realizações das administrações municipais, tornando os dirigentes que estão no poder em grandes personalidades. As atribuições realizadas pelo jornal local a determinados representantes das elites são espetaculares, pois tornam estes governantes em verdadeiros “heróis regionais”. Também percebo que este trabalho traz alguns esclarecimentos sobre as disputas travadas entre as classes que estão no poder e as classes menos abastadas, sobre a perpetuação de determinadas memórias oficiais que beneficiam apenas as classes dominantes de nossa cidade. Diante disso, julgo esta produção historiográfica interessante, pois revela como são “pintadas” e veiculadas as notícias sobre o progresso da cidade na óptica do Jornal do Correio de Uberlândia.

Considero este texto interessante, pois ele pode possibilitar questionamentos sobre os altos investimentos em grandes construções, visando ao progresso da cidade de Uberlândia. Entendo que este texto leva-nos a pensar nas construções de concreto como símbolos do progresso e da modernização do município. Observo também que a leitura desta produção historiográfica desperta reflexões a respeito das diferentes estratégias utilizadas pelas classes dominantes para projetar e viabilizar o ideal de uma cidade rumo ao progresso. Acredito que esta monografia pode ajudar a explicar o porquê de os órgãos municipais criarem leis para expulsar alguns “moradores indesejados” de determinados locais estratégicos na cidade. Acredito ser interessante observar as questões discutidas neste texto, pois elas podem expor os aspectos negativos gerados pela busca incessante do progresso no município.

Penso que este trabalho contribui para evidenciar as carências sociais ignoradas pelos dirigentes, bem como para revelar os embates sociais existentes entre as classes carentes e as classes que detêm o poder, porque esta produção historiográfica mostra a luta das comunidades carentes para conseguir o respeito a seus direitos mais básicos. Também concordo que esta obra contribui para podermos observar as dificuldades oriundas das habitações sem qualquer infra-estrutura e saneamento básico, nas quais essas pessoas são obrigadas a residir. Considero que esta monografia possa auxiliar na percepção dos embates e das lutas travadas pelas pessoas de baixa renda para obter vida mais digna, com educação,

saúde, água tratada, esgoto, energia elétrica, asfalto e transporte coletivo. Acredito que a leitura deste texto possa ajudar a esclarecer a forma como atuam órgãos e dirigentes municipais no que toca às questões relacionadas a habitação.

Observo que algumas questões abordadas neste trabalho historiográfico são interessantes porque ajudam a entender as táticas utilizadas pelas classes dirigentes de nossa cidade para torná-la numa grande metrópole nacional. Penso que este texto seja relevante, pois possibilita a explicação da obstinação dos grupos detentores do poder na busca incessante pelo progresso do município. Creio que esta monografia seja interessante, para a sociedade uberlandense, porque ela ajuda a mostrar que o ideal de progresso almejado pelas classes dominantes não aceita as práticas rurais nos limites territoriais urbanos do município. Observo este trabalho historiográfico com “bons olhos”, pois ele contribui para mostrar que o progresso atinge o íntimo das pessoas e afeta diretamente o cotidiano vivido pela população uberlandense. Acredito que esta produção no campo da História mostra o progresso por duas vias, um lado positivo atendendo às classes abastadas do município e a outro lado negativo, procurando mostrar que o progresso afeta e prejudica a forma de viver das pessoas. Assim, este trabalho pontuou que o progresso altera a vida da população uberlandense tanto para melhor quanto para pior. Penso que esta monografia contribui para revelar que administração municipal utiliza o discurso de proteção ambiental para fomentar obras que levem a cidade de Uberlândia rumo ao progresso idealizado pelas classes dominantes.

Acredito que esta produção historiográfica ajuda a mostrar como são maltratados os trabalhadores migrantes sem qualificação em nossa cidade. Este trabalho contribui para percebermos como são maltratados os migrantes de baixa renda na sociedade uberlandense. Acho que este texto historiográfico ajuda a perceber como muitos trabalhadores migrantes de baixa renda tornam-se mendigos e indigentes em nosso município, isto porque a estrutura social do município não integra os trabalhadores não qualificados, nem os migrantes de baixa renda, na sociedade. Penso que esta monografia possibilita enxergarmos como os órgãos municipais, que representam as metrópoles regionais à nossa volta, tratam mal os mendigos e os indigentes em seus limites territoriais.

Volto a ressaltar que sei da existência de várias produções historiográficas que trabalham com temas iguais ou parecidos aos apresentados nesta monografia. Contudo, acredito que este texto historiográfico seja atraente aos olhos de alguns pesquisadores, porque apresenta a possibilidade de estudos apontando para as relações existentes entre imprensa e poder na cidade de Uberlândia. Creio que esta produção historiográfica também

possa estimular estudos indicando as dinâmicas sociais existentes na cidade, pois ela revela os conflitos sociais de interesses existentes entre as populações carentes e as classes mais abastadas da sociedade uberlandense.

Suponho que este trabalho no campo da História possa contribuir com algumas pesquisas em outras áreas do conhecimento, já que questiona o direcionamento dado à preservação ambiental no município e região. Penso que esta produção historiográfica possa despertar interesse em algumas áreas das ciências sociais, especialmente em pesquisas que questionem os altos investimentos em obras para mostrar a cidade como uma grande metrópole nacional. Percebo este trabalho historiográfico de forma positiva, pois pode despertar e estimular estudos e pesquisas que apontem para a falta de investimentos de capital em de moradia para as classes mais carentes da sociedade uberlandense. Assim, as pesquisas poderão demonstrar porque existem tantas pessoas morando nas ruas, embaixo das pontes, em lugares insalubres e “favelas” em nossa cidade. Creio que esta monografia possa estimular alguma perspectiva de estudo e pesquisa tratando do preconceito, das relações sociais e das condições sociais vividas pelos “indigentes e mendigos” na cidade de Uberlândia.

Vislumbro que esta monografia possa despertar interesse em estudos e pesquisas em relação à favela e aos favelados em nossa cidade. Assim, acredito que ela aponta algumas possibilidades e perspectivas para se repensar favela no município: como ela surgiu, os conflitos sociais existentes na cidade devido às instalações destas favelas no centro urbano municipal, os conflitos sociais existentes no cotidiano vivido pelos moradores destas favelas. Creio que este trabalho no campo da História possa ampliar a compreensão da favela como um espaço de luta pela moradia, como uma forma autônoma de moradia sem a dependência dos órgãos municipais e financeiros. Diante disso, considero nossa produção historiográfica muito importante para a sociedade, pois ela contribui para a ampliação das perspectivas e pode gerar estudos e pesquisas, dialogando com outras áreas do conhecimento.

Fontes

Revistas

-70 ANOS DE CORREIO E 22 ANOS DE GRUPO ALGAR. Revistinha do Correio, Uberlândia, 24 fev. 2008. (Edição comemorativa de 70 anos do Jornal Correio e 22 anos do Grupo Algar. Arquivo Público de Uberlândia)

Jornais

-Jornal Correio de Uberlândia 1982 á 1989. Acervo Arquivo Público de Uberlândia

-Jornal Correio de Uberlândia 1990 á 2009. Acervo Arquivo Público de Uberlândia

-Jornal Correio de Uberlândia 2000 á 2010. Acervo Arquivo Público de Uberlândia

Referências bibliográficas

- AGGIO, A; LAHUERTA, M. (orgs.). **Pensar o século XX**. Problemas políticos e história nacional na América Latina. São Paulo: EDUNESP, 2003.
- BARBOSA, Marialva. **Imprensa, poder público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)**. Universidade Federal Fluminense, Niterói. 1996. 413p. Tese (Doutorado em História)
- _____. **História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, 264 p.
- BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. “Sobre história: imprensa e memória”. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, p.262-272, 2006.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática 2007.
- BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no Século XIX**. O espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CALVO, Célia Rocha. “Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças de viveres urbanos em Uberlândia”. FENELON, Déa Ribeiro [et al.]. **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D’Água, p.155-172, 2004.
- CASTRO, Ana Paula Cantelli. **Organização e disputas pelo espaço urbano: Uberabinha-MG (1890 - 1930)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003. (Dissertação/ Mestrado em História)
- CERASOLI, Josianne Francia, **Modernização no Plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX**. Campinas, 2004. (Tese/ Doutorado em História)
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHAUI, Marilena. A questão central: os meios de comunicação como poder. In: **Simulacro e poder. Uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 72-78.
- CRUZ, Heloisa de F; PEIXOTO, Maria do Rosário da C. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa.” In: **Projeto História**. São Paulo, nº 35, dez/ 2007.

ENGELS, Friedrich. “Introdução”, “As Grandes cidades”. In: _____. **A situação da classe trabalhadora em Inglaterra**. Porto: Ed. Afrontamento, 1975.

ENGUIITA, Mariano F. “Tecnologia e Sociedade: a ideologia da racionalidade técnica, a organização do trabalho e a educação.” In: **SILVA**, Tomaz Tadeu da (org.) **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

FREITAS, Sheille Soares de. **Por falar em culturas...histórias que marcam a cidade:Uberlândia-MG**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. (Tese de Doutorado em História).

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento.”In: LE GOFF, Jacques [et al.]. **Memória e História**, Enciclopédia Einaudi, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

MORAES, Paulo Sérgio, Tempo, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade (Uberlândia-1970-1998), FENELON, Déa Ribeiro [et al.]. **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D’Água, p.225-246. 2004.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. O século dos paradoxos e a reposição do marxismo. In: AGGIO, Alberto, e LAHUERTA, Milton. Pensar o século XX: **Problemas políticos e História nacional na América Latina**. São Paulo, Editora da UNESP, 2003.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. “Uberabinha, Ordem e Progresso”. In: **Cadernos de História**, nº 6, EDUFU, 1996, p.115- 133.

SADER, Eder. Idéias e Questões. In: **Quando novos personagens entram em cena**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. **Ser trabalhador na cidade**. Relações de classe em Uberlândia – fins do século XX e início do século XXI. 2009. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. (Dissertação/ Mestrado em História)

SANTOS, Wallace Ferreira; ABREU, Jean Luiz Neves. “Modernização e utopias: projetos de transformação urbana no município de Governador Valadares (1960-80).” Vitória: In: **Revista Ágora**, nº 10, 2009, p. 1-15.

SARLO, Beatriz. A história contra o esquecimento. In: **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 35-42.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A; SEVCENKO, N. (Orgs.). **História da Vida Privada no Brasil:**

República, da Belle Époque à Era do Rádio, volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.7-48.

SODRÉ, Nelson Werneck, **História da Imprensa no Brasil, 4ª ed.**, Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TELLES, Vera da Silva. “Pobreza e cidadania: figurações da questão social no Brasil moderno”. In: _____. **Cidadania e pobreza**. São Paulo: Editora 34, 2001. 167 p.